

**TRILOGIA KOSMOS**  
**EXCERTOS DO VOLUME 2**  
**KEN WILBER**

Tradução de Ari Raynsford ([www.ariraynsford.com.br](http://www.ariraynsford.com.br))

**EXCERTO A – O LIMIAR DE UMA ERA INTEGRAL**

**ÍNDICE**

Introdução	1
<b>O limiar de uma Era Integral</b>	<b>4</b>
Introdução	4
I Carma cósmico: por que o presente é um pouco parecido com o passado?	6
Visão geral	6
Carma cósmico em quatro dimensões	6
Resumo da Parte I	14
II Hábitos cósmicos como ondas de probabilidade	16
Prólogo	16
Espaço de probabilidades na matriz AQAL	17
Pressões de seleção no espaço AQAL: os critérios de validade em tetraentrelaçamento	20
III A natureza da transformação social revolucionária	23
A base e a superestrutura devem tetraentrelaçar-se	23
Paradigmas	26
Crise de legitimação	28
Revoluções sociais	29
O quinto fator	32
Eros e autenticidade	35
Sumário: Eros e revolução	36
A ideia de progresso	38
Resumo da Parte III	40
IV Fatos e interpretações	42
Visão geral: pluralismo integral revolucionário	42
Enagindo a dimensão de estar no mundo	44
Pesquisa reconstrutiva	44
Fatos e interpretações são intrínsecos ao Kosmos	46
Interpretação em ambos os sentidos	47
Uma analogia simples: o <i>Grand Canyon</i>	51
Da herança dialógica parcial à completa	52
Conclusão	54
V Pluralismo Metodológico Integral	55
Introdução	55
Pesquisas do Quadrante Superior Direito	55
Pesquisas do Quadrante Superior Esquerdo	56
Pesquisas do Quadrante Inferior Direito	57
Pesquisas do Quadrante Inferior Esquerdo	58
Sistema Operacional Integral (SOI)	60
Notas	61

## TRILOGIA KOSMOS\* – EXCERTOS DO VOLUME 2

### Introdução

Na mais recente entrevista dada à Shambhala ("*On the Release of Boomeritis, and the Completion of Volume 3 of the Kosmos Trilogy*" [em 27 de março de 2002]), menciono o seguinte fato: enquanto escrevia material de apoio para o romance *Boomerite*, eu, inadvertidamente, acabei redigindo a maior parte do volume 3 da *Kosmos Trilogy*. O volume 1 da trilogia é *Sex, Ecology, Spirituality* (SES). Escrevi aproximadamente mil e duzentas páginas do volume 2 (com o título provisório de *God, Sex and Gender*), mas estou revendo o material continuamente e não tenciono apresentá-lo ainda por vários anos. Porém, agora que o volume 3 está praticamente pronto, acho que vou chamá-lo de volume 2, e o volume 2 original passará a ser o volume 3. Oh meu Deus!

O que se segue são excertos do novo volume 2 (serão quatro excertos – A, B, C, e D – postados ao longo do próximo mês mais ou menos). O título provisório do volume 2 é *Kosmic Karma and Creativity*, mas duvido que ele seja mantido. De qualquer forma, esses excertos são do primeiro rascunho, apenas editados superficialmente. Como tal, eles serão modificados e, em alguns casos, consideravelmente alterados – particularmente no que diz respeito a terminologia, ordem de apresentação, esquemas de classificação, etc. Como estou envolvido em outras atividades no *Integral Institute*, talvez passem vários anos antes que esse volume seja lançado, e eu quis compartilhar alguns de seus contornos gerais nesse momento.

Alguns críticos, que leram a maior parte do rascunho original, estão chamando esse texto de "Wilber-5". Certamente, eu não faria isso por enquanto; mas é uma indicação de que causou interesse. De qualquer modo, os críticos parecem concordar que ele representa um avanço teórico importante desde SES. Estou um pouco reativo a esses comentários, já que implicam que os livros pós-SES não contêm nada realmente novo, quando, na verdade, todos os conceitos mais centrais à aplicação dessa obra (tais como "níveis e linhas", "estados e estágios", "o 1-2-3 dos estudos da consciência", "a matriz Wilber-Combs", etc.) foram apresentados nos livros pós-SES (e.g., *Uma Teoria de Tudo*, *O Olho de Espírito*, *Psicologia Integral*).

Ainda assim, tenho de admitir que entendo o que eles querem dizer quando afirmam que esses livros não contêm "nada novo" – todos ainda se ajustam à estrutura AQAL ("todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos" – ou resumidamente AQAL, pronuncia-se "Aqual") apresentada primeiramente em SES. Cerca de metade de *Kosmic Karma and Creativity* também pode ajustar-se confortavelmente dentro dessa estrutura (a maior parte dessa metade já foi publicada como *sidebars* a *Boomerite*). Porém, a outra metade, explicitamente denominada "Pós-metafísica Integral" (que é o material chamado de Wilber-5), embora também se ajuste perfeitamente dentro da matriz AQAL, não pode ser explicada pelos conceitos geralmente usados até agora. É uma particularidade da escrita que eu viesse pensando de uma forma pós-metafísica ("Wilber-5") há uma década ou duas (como várias citações a seguir revelarão), mas que traduzisse esses pensamentos na terminologia dos trabalhos já publicados – a escrita tem vida própria. De qualquer modo, todos os aspectos da apresentação a seguir que se enquadram na rubrica "Pós-metafísica Integral" ajustam-se à matriz AQAL, mas a reinterpretam de diversas formas profundas. Além disso, enquanto vários aspectos das minhas obras prévias apresentavam pelo menos alguns precedentes históricos, muito da Pós-metafísica Integral não apresenta precedentes de nenhum tipo. Se isso tem ou não tem qualquer mérito terá de ser avaliado, mas é tremendamente original.

---

\* Wilber reinterpreta esta palavra em seu livro *Sex, Ecology, Spirituality* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos introduziram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmos'. Mas o significado original de *Kosmos* era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmos' e 'universo' hoje... O *Kosmos* contém o cosmos (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino)..." (N. T.)

A Pós-metafísica Integral – e seu corolário, o Pluralismo Metodológico Integral – é importante, eu creio, por muitas razões. Em primeiro lugar, porque nenhum sistema (espiritual ou não), que não chegue a um acordo com os pensamentos kantiano moderno e heideggeriano pós-moderno, conseguirá sobreviver com alguma respeitabilidade intelectual (concordando ou discordando, eles devem ser considerados) – e isso significa que toda a espiritualidade deve ser pós-metafísica em certo sentido. Em segundo lugar, porque, da mesma forma que a Física Einsteiniana, aplicada a objetos que se movimentam com velocidades menores que a da luz, reduz-se à Física Newtoniana, uma Pós-metafísica Integral pode gerar todos os aspectos essenciais dos sistemas metafísicos e espirituais pré-modernos sem sua agora-desacreditada bagagem ontológica. Essa, em minha opinião, é a contribuição central de uma Pós-metafísica Integral – ela em si não contém metafísica, mas pode gerá-la como uma configuração possível da matriz AQAL sob as condições limitantes das culturas pré-modernas. Isto é, a matriz AQAL, quando usada com parâmetros pré-modernos, reduz-se à antiga metafísica (como a Física Einsteiniana reduz-se à Newtoniana, embora ela em si seja não newtoniana). Por outro lado, altere as condições holônicas da matriz, ajustando-a aos parâmetros do mundo pós-moderno, e a metafísica desaparece completamente, embora ainda permaneçam um espectro completo da consciência, ondas de desenvolvimento, evolução e involução, e um arco-íris da consciência que se mantém incólume desde o pó até a Divindade – mas sem se apoiar em quaisquer estruturas, níveis ou planos ontológicos pré-dados, arquetípicos, com existência independente, etc. De fato, a "grande cadeia do ser" desaparece completamente da realidade, mas suas características essenciais podem ser geradas pela matriz AQAL se certas suposições da era mítica forem relacionadas a seus parâmetros.

É claro que algum tipo de "grande cadeia do ser" tem sido central nas tradições espirituais desde tempos imemoriais, seja na forma xamanista genérica da existência dos mundos superiores e inferiores, na versão neoplatônica de níveis de realidade (e.g., o maravilhoso Plotino), na versão taoísta de reinos do ser (e.g., Lieh Tsé), na versão budista de um espectro da consciência (e.g., os oito *vijnanas*) ou nas *sefirot* da Cabala, até os dias de hoje, nas novas tradições de sabedoria, de Aurobindo a Adi Da, a Hameed Almaas. Todas elas, sem exceção, postulam a existência de níveis ou dimensões de realidade ou consciência, inclusive dimensões mais elevadas, mais abrangentes ou mais profundas de ser e conhecer – um tipo de arco-íris da existência, cujas ondas, níveis ou faixas possuem uma realidade independente, que pode ser acessada por almas suficientemente evoluídas ou desenvolvidas. Em outras palavras, todas elas postulam a existência de realidades metafísicas – exatamente o que é contestado (e completamente rejeitado) por correntes modernas e pós-modernas.

Portanto, o que se exige é uma forma de gerar esse arco-íris essencial da existência sem quaisquer postulados metafísicos ou ontológicos. Em outras palavras, se pudermos gerar os princípios básicos de uma visão de mundo espiritual sem a bagagem metafísica, conseguiremos gerar uma visão de mundo espiritual que sobreviverá a um mundo moderno e pós-moderno. Esse, sem dúvida, é um dos objetivos centrais da Pós-metafísica Integral (e de sua aplicação prática, chamada "Pluralismo Metodológico Integral"); ambos serão esboçados nesses excertos. Se formos bem-sucedidos nessa tarefa, então todas aquelas visões de mundo espirituais (do Xamanismo a Plotino, a Padmasambhava, até Aurobindo) poderão ser reavivadas e usadas no âmbito de uma matriz AQAL não metafísica mais abrangente, que gerará o mesmo arco-íris da existência sem os desacreditados paramentos metafísicos; desse modo, poder-se-á aproveitar sua sabedoria profunda sem sucumbir aos ataques devastadores de correntes modernas e pós-modernas.

Também devo dizer que de agora em diante – o que certamente ficará evidenciado nos excertos seguintes – estarei escrevendo apenas para estudiosos do meu trabalho. Todos os livros escritos até aqui pressupunham que o leitor não tivesse conhecimento prévio de nenhum material meu. Desse modo, a maior parte deles, especialmente desde SES, teve de começar com um longo resumo do modelo AQAL. Assim, o primeiro terço de cada livro repete o mesmo sumário geral (o que certamente contribuiu para a crítica de que eu estava me repetindo; e é claro que estava).

De qualquer maneira, eu não vou mais fazer isso (com exceção de tentativas ocasionais de resumos populares ou visões gerais como *Uma Teoria de Tudo*). Daqui por diante, na maior parte do tempo, meus textos (inclusive os seguintes) assumem não só uma familiaridade razoável, como também um conhecimento da aplicação dos princípios básicos da matriz AQAL. Os leitores que não os tenham devem primeiramente ler *A Brief History of Everything* e, em seguida, *Uma Teoria de Tudo*. E *Boomerite* para se divertir, embora não seja necessário. Pela mesma razão, parei de responder aos críticos e estou me dedicando a trabalhar exclusivamente com pessoas que entendem a abordagem integral (e cuja crítica interna é muito mais precisa e convincente).

Espero que você ache os excertos seguintes agradáveis.

Meus melhores votos,

Ken

## EXCERTO A – O LIMIAR DE UMA ERA INTEGRAL

### Introdução

Começamos essa avaliação notando primeiramente o que parece ser um fato bem desanimador: atualmente ouvimos muita coisa sobre os Criativos Culturais e sobre o novo e excitante surgimento de uma Cultura Integral – uma cultura holística, equilibrada, inclusiva, atenciosa, que vai além do tradicional e do moderno, rumo a uma transformação pós-moderna. Mas, na verdade, evidências psicológicas significativas indicam que, no mundo de hoje, menos de 2% da população encontra-se em alguma coisa que possa ser chamada de uma "onda integral de consciência" (onde "integral" significa algo como integral-aperspectivo de Gebser, estágios autônomo e integrado de Loevinger, memes amarelo e turquesa da Espiral do Desenvolvimento [*Spiral Dynamics*], estágio autêntico de Wade, estágio pós-formal de Arlin, o eu centáurico e a visão-lógica madura, etc.).

Entretanto, as mesmas evidências sugerem que uma porcentagem muito grande da população – perto de 25% – encontra-se na onda de desenvolvimento imediatamente anterior (que é o estágio individualista de Loevinger, o meme verde da Espiral do Desenvolvimento, os criativos culturais de Paul Ray, o estágio afiliativo de Wade, o estágio relativista de Sinnott, etc.). Além disso, o fato de a maioria dessa população estar no meme verde há várias décadas sugere que uma grande parte dela – talvez até um terço – esteja pronta para passar para a próxima onda de expansão da consciência – o que significa atingir uma onda verdadeiramente integral.

Em outras palavras, aqueles modestos 2% da população, que são agora integrais, poderão logo crescer para 5%, 10% ou mais. Eu acredito que, como acontece em qualquer desdobramento evolucionário, começaremos a observar evidências dessa consciência crescentemente integral como ponta de lança, vanguarda ou *avant garde* (o nome que se queira dar) na academia, nas artes, nos movimentos sociais, na espiritualidade, em líderes intelectuais. "Teorias integrais" – ou tentativas delas – já estão começando a espalhar-se na academia, especialmente à medida que os teóricos de vanguarda se libertam do jugo do pluralismo pós-moderno radical (e do meme verde) e começam a descobrir não apenas as irredutibilidades, mas também os atributos comuns integrais das culturas. Parece haver pouca dúvida de que a crescente ponta de lança está direcionada para a luz integral...

Em resumo, parece que estamos no limiar de uma era integral (com partes significativas da cultura em geral prestes a entrar nela).

Daí por que, eu creio, Jeffrey Alexander, o mais talentoso e influente teorizador social da América (e, devo acrescentar, irmão do falecido Skip Alexander, um dos mais sutis teorizadores da consciência que esse país já produziu), descobriu três movimentos importantes na teoria social moderna: funcionalismo, microssociologia e síntese.

1. O primeiro movimento, particularmente proeminente após a Segunda Guerra Mundial, foi o funcionalismo estrutural clássico, ou simplesmente funcionalismo, que tratou praticamente de todas as áreas da psicologia e sociologia, e encontrou seu proponente mais competente em Talcott Parsons. Essa foi uma tentativa admirável de trazer uma perspectiva da teoria de sistemas para as ciências humanas, porém frustrada pela limitada adequabilidade da física teórica e da biologia da época. Se você tentasse traçar paralelos entre sistemas naturais e sociais, e acreditasse que os sistemas naturais são governados por conceitos como equilíbrio e homeostase – sem observar que eles também apresentam auto-organização, com uma pulsão intrínseca para níveis de ordem mais elevados a partir do caos – você chegaria a uma teoria de sistemas sociais muito estática, que poderia ser (e seria) acusada de apresentar uma forma sutilmente disfarçada de conservadorismo político. Sua teoria de sistemas seria republicana travestida.

O funcionalismo clássico foi, de muitas formas, o produto de uma capacidade de conceituação cujo centro de gravidade ainda era operacional-formal (meme laranja), que tende a perceber sistemas universais, mas só à medida que se mostrem mais estáticos e invariáveis, e não em suas formas dialéticas, caóticas e transformativas (que tendem a ser mais bem captadas pela cognição pós-formal). Mesmo assim, os *insights* e contribuições de Parsons foram tão profundos e de tão longo alcance, a ponto de todas as teorias atuais, se quiserem ser adequadas, tentarem "incluir e transcender" Parsons (como fizeram Habermas, Luhmann, Alexander, Bailey, etc.). Parsons, por exemplo, teve uma intuição correta da necessidade de considerar todos os quatro quadrantes em qualquer teoria social, os quais ele chamou de "quatro tipos genéricos de subsistemas": o organismo (QSD), o sistema social (QID), o sistema cultural (QIE) e a personalidade (QSE). Entretanto, o funcionalismo clássico, em sua forma original, estava condenado e, especialmente no final dos anos 1960 e no início dos anos 1970, começou a ser eclipsado pela próxima onda de teoria social, a da microssociologia.

2. À medida que o meme verde passou a surgir em uma escala mais difundida, ele começou a alijar o meme laranja da vanguarda da elite acadêmica e, assim, o modernismo do universalismo laranja deu passagem ao pós-modernismo do pluralismo verde. O primeiro foi marcado por sistemas universais estáticos governando todas as culturas, enquanto o último, pelo relativismo, multiculturalismo, estudos de diversidade e incomensurabilidades de todas as espécies imagináveis. Isso configurou, de muitas formas, o primeiro movimento do formalismo para o pós-formalismo, e o resultado foi uma rejeição muito necessária de majestosas teorias abstratas, grandes quadros, metanarrativas e formalismo universal, rumo a uma atenção detalhada a pormenores, nuances culturais e diferenças importantes, com ênfase em setores marginalizados e em heterogeneidade. A sociologia do meme laranja sucumbiu à sociologia do meme verde e começou aí a era da microssociologia.

Três décadas de microssociologia demonstraram seus pontos fortes e fracos. Em meados dos anos 1990, as debilidades tornaram-se crescentemente óbvias e insuperáveis, e a microssociologia perdeu a vanguarda para tentativas aceleradas de busca de uma interpretação integral que incorporassem as contribuições importantes de todas as abordagens anteriores, inclusive o funcionalismo e a microssociologia. Como Alexander assinala, a teoria social entrou em sua terceira fase emergente, de forma que "não surpreende que teóricos contemporâneos tenham retornado a um projeto de síntese".<sup>1</sup>

3. Assim chegamos ao presente: um projeto de síntese no limiar de uma era integral, que tem apenas alguns anos de idade. Um movimento maior (espalhando-se além de um punhado de pioneiros ao longo das últimas poucas décadas) está realmente começando agora no amanhecer do novo milênio. O que esse movimento muito provavelmente representa é a transformação do verde para o amarelo, do intracultural para o transcultural, do pluralismo etnocêntrico para o integralismo global, do relativismo para o holismo. Considerando que os "grandes quadros" dos "sistemas universais" laranjas excluíram rudemente a sensibilidade relevante à diversidade cultural, à intersubjetividade que faz o mundo, à atividade de cognição enagente† (não meramente representacional) e à heterogeneidade irreduzível de muitos sistemas, os grandes quadros pós-verdes, que estão começando a surgir no amanhecer da era da síntese, incluem explicitamente e desenvolvem-se a partir das contribuições do meme verde da microssociologia, mas sem se perder tão intensamente na atenção às árvores de modo a negar a existência de florestas.

O limiar de uma era integral, um grande quadro de muitas florestas, uma era de síntese que surge dos destroços do pluralismo trazidos pelas ondas à praia. Esse limiar de uma era integral é um dos temas essenciais da apresentação que se segue.

---

† Nesta tradução, usaremos os neologismos *enagente*, *enagir* e *enação*, cunhados pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*. Seus significados ficarão claros à medida que a leitura do texto for evoluindo. (N.T.)

## I – Carma cósmico: por que o presente é um pouco parecido com o passado?

### Visão geral

Momento a momento, o universo se mantém. De alguma maneira, o universo deste momento e o universo do momento anterior são ambos semelhantes e diferentes: semelhantes porque o momento presente se parece com o momento anterior de formas importantes; diferentes porque o momento presente também é significativamente novo. Quanto mais você pensa sobre isso, mais misteriosa fica a coisa inteira...

A herança do passado é um dos tópicos centrais que discutiremos, porque ele é fundamental para quase todas as áreas da investigação humana. Mas ele também diz respeito à questão talvez mais crucial do domínio completo da espiritualidade.

Todas as tradições espirituais antigas – do Xamanismo ao Neoplatonismo, ao Misticismo Cristão, ao Budismo – afirmam que, além deste reino físico, existem reinos, dimensões ou níveis de realidade mais elevados, e esses níveis mais elevados já existem de certo modo (e.g., como formas platônicas, ideias hegelianas, depósitos involucionários aurobindianos, arquétipos de todas as espécies ou mundos xamanistas mais altos e mais baixos). Por exemplo, para Aurobindo, todos os níveis mais elevados de realidade são depositados na involução e, portanto, pré-existem em um sentido real; assim, esses níveis mais elevados desdobram-se ou tornam-se manifestos durante a evolução (de forma que a evolução está simplesmente desenvolvendo o que a involução envolveu ou depositou). Porém, todas as correntes modernas e pós-modernas negam que existam reinos mais elevados – ou, mais genericamente, negam que existam quaisquer tipos de dados pré-existentes (inclusive estruturas ontológicas pré-dadas: a modernidade nega estruturas mais elevadas, a pós-modernidade nega totalmente quaisquer estruturas; em ambos os casos, a espiritualidade está fora). As tradições espirituais insistem que a salvação, de certa forma, é um redescobrimiento de uma realidade já existente. A pós-modernidade insiste que nada é descoberto, tudo é construído. Toda a 'briga' entre o antigo e o moderno gira em torno dessa questão central: há níveis ou dimensões de realidade ontologicamente pré-existentes?

Para que haja uma espiritualidade que seja respeitada tanto pelo mundo moderno quanto pelo pós-moderno, ela terá de conceber uma forma de ajustar, ao mesmo tempo, essas duas afirmações contraditórias. O que se exige, simplificadamente, é uma forma de derivar todos os fundamentos de uma visão de mundo espiritual – desde o *satori* ou a salvação como uma 'volta ao lar' até a existência de níveis ou ondas de consciência – mas sem postular ontologicamente realidades pré-existentes. Se não conseguirmos fazer isso, então a espiritualidade estará morta para o mundo moderno e pós-moderno da respeitabilidade intelectual.

Começamos essa tentativa de uma reconstrução pós-metafísica das tradições espirituais pelo ponto prosaico da herança do passado...

### Carma cósmico em quatro dimensões

A herança do passado: parece que todos os hólons são influenciados, até certo ponto, pelo hólons que os precederam. (Um hólón é um "todo/parte", ou uma totalidade que também é parte de outras totalidades: um átomo inteiro é parte de uma molécula inteira, que é parte de uma célula inteira, que é parte de um organismo inteiro, etc. O Kosmos é fundamentalmente composto de hólons, infinitamente para cima, infinitamente para baixo. E todo hólón parece herdar algo do passado...) O universo deste momento é de alguma maneira diferente do universo do momento precedente, mas ele também compartilha algumas semelhanças, não é mesmo?

Em outras palavras, este momento presente é, ao mesmo tempo, semelhante ao precedente e também, de certo modo, diferente. Essa questão – a relação entre presente e passado –

mostra-se crucialmente importante, pois influencia todos os aspectos de nossa vida (psicológicos, sociológicos, espirituais). Parece que passado-e-presente constitui de alguma forma uma herança-com-novidade – em outras palavras, o momento presente é uma misteriosa mistura de carma e criatividade. Esse carma-e-criatividade parece ser a própria matriz da nossa realidade momento a momento e a forma como concebermos essa matriz será um ingrediente crucial para nossa autocompreensão.

Começemos pelo tópico específico do carma ou a herança do passado. Como ponto de partida, assumamos simplesmente que o momento presente herda algo do passado e tentemos esboçar algumas características dessa herança, a fim de ressaltar o que pode estar envolvido.

Essa herança é, quase certamente, uma questão de quatro quadrantes – isto é, todas as quatro dimensões legam seu presente para o futuro como passado. Os quatro quadrantes são quatro das maneiras básicas com que podemos olhar para qualquer evento: para dentro ou para fora e nas formas singular e plural. Isso nos dá o interior e o exterior do indivíduo e do coletivo. Essas quatro perspectivas não são convenções meramente arbitrárias. Pelo contrário, elas são dimensões tão fundamentais a ponto de terem sido embutidas na linguagem, como pronomes, durante o curso natural da evolução. Essas perspectivas embutidas aparecem como pronomes de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa. Desse modo, o interior do indivíduo surge como "eu"; o interior do coletivo, como "tu/nós"; o exterior do indivíduo, como "isso/ele/ela"; e o exterior do coletivo, como " 'issos'/eles/elas ". Em resumo: eu, nós, isso e 'issos'.

(Tecnicamente, "tu" é segunda-pessoa do singular e "nós", primeira-pessoa do plural, mas normalmente considero "nós" como parte da dimensão "tu" porque, para que eu o trate como "tu" e não como "isso", deve existir um horizonte de sobreposição da compreensão mútua ou "nós". Assim, normalmente uso "tu/nós" como a perspectiva genérica de segunda-pessoa, com as quatro dimensões básicas tornando-se então eu, nós, isso e 'issos', ou o interior e exterior do individual e do coletivo.)

Essas quatro perspectivas, embutidas em praticamente todos os idiomas, parecem representar quatro dimensões importantes de estar no mundo. Poderão existir outras, mas essas quatro são especialmente fundamentais. (Para uma extensa apresentação dos quatro quadrantes, vide *A Brief History of Everything*.)

A ideia, portanto, é que a herança do passado pode ser encontrada em todas as quatro perspectivas – ou em todas as quatro dimensões de estar no mundo – com cada uma nos mostrando algo importante na equação global. Diferentes teorizadores apresentaram explicações convincentes para algumas dessas dimensões e seus tipos de herança cármica, mas desejamos incluir todas elas em uma explicação mais integral. Alguns desses tipos de herança são mostrados na figura 1, "A Herança do Passado em Todos os Quatro Quadrantes".

Por exemplo, Whitehead deu a explicação clássica de como os interiores de hólons individuais são legados como herança futura: preensão (ou unificação preensiva). Cada circunstância real, ou cada momento presente, quando surge, faz duas coisas de uma vez: primeiro, apreende (ou sente experiencialmente) seu predecessor imediato (isto é, o momento presente toca, apreende ou sente o momento imediatamente precedente), de forma que o sujeito deste momento se torna o objeto do sujeito do momento seguinte. Isso significa que o momento presente é, em parte, determinado pela natureza de seus predecessores: um passado herdado é transmitido como parte de sua sensação neste momento, sensação que é, portanto, uma unificação preensiva de todas as sensações ancestrais; essa herança é a base de um tipo de causalidade exercida pelo passado no presente (isto é, herança causal de objetos passados que já foram, uma vez, sujeitos presentes, ou uma sensação de sensações). Segundo: de acordo com Whitehead, o momento presente então adiciona seu próprio momento de novidade ou emergência criativa – sente algo completamente novo – e, assim, também transcende o passado até certo ponto. Portanto, cada momento transcende e inclui



seus predecessores, herdando uma história de sensações (ou de objetos que já foram sujeitos), mas também adicionando uma novidade criativa não encontrada em nenhuma parte do passado – novidade criativa que, então, torna-se parte das sensações herdadas transmitidas ao futuro, que, da mesma forma, transcenderá e incluirá essa herança.

	INTERIOR	EXTERIOR
INDIVIDUAL	Preensão Identidade subjetiva Memória ativa	Autopoiese Ressonância mórfica individual e causação formativa Herança genética
COLETIVO	Hábitos Memória cultural Preensões mútuas <i>Background</i> intersubjetivo	Memória sistêmica Autopoiese ecossistêmica Atratores caóticos e estranhos Autopoiese social Causação formativa coletiva

Figura 1. A Herança do Passado em Todos os Quatro Quadrantes

Com algumas observações, eu concordo enfaticamente com essa visão geral whiteheadiana da natureza da existência momento a momento. Whitehead realmente descobriu a razão inescapável por que o Kosmos é holárquico por natureza: cada momento transcende e inclui seus predecessores, a própria definição de holarquia.

Mas ressaltamos um item crucial: essa é uma questão de quatro quadrantes, infinitamente descendente – uma visão que também chamamos de quadrática. Isto é, cada hólou ou circunstância real tem dimensões subjetivas (eu), intersubjetivas (nós), objetivas (isso), e interobjetivas ("issos") – os quatro quadrantes. Whitehead descreveu brilhantemente a manifestação momento a momento nas dimensões subjetivas e intersubjetivas (até certo ponto). Adicionaremos a herança não preensiva das dimensões objetivas e interobjetivas, além de também detalhar os domínios intersubjetivos de uma forma que, certamente, não é encontrada em Whitehead. David Ray Griffin, o mais competente intérprete de Whitehead, sugeriu que a abordagem de Whitehead fosse chamada de dialógica parcial e a abordagem quadrática, de dialógica completa, o que nos parece apropriado. [Vide "*Do Critics Misrepresent My Position? Appendix A – My Criticism of Whitehead as True but Partial: The Move from an Incomplete Dialogical View to an Integral/Quadratic Formulation*"].

Todavia, o ponto importante é que Whitehead foi o primeiro a detectar as características gerais da natureza holárquica microgenética da existência momento a momento; portanto, sentimos-nos felizes de ser whiteheadianos nessa área genérica.

Entretanto, para as dimensões objetivas e interobjetivas da herança cósmica, sugiro considerarmos, ao invés, os conceitos de ressonância mórfica e causação formativa de Rupert Sheldrake. O trabalho de Sheldrake, como veremos, é simplesmente um de muitos tipos de teorias explanatórias dos quadrantes do lado direito, mas que tem recebido críticas elogiosas,

pois apresenta elegantemente algumas das questões importantes envolvidas na herança das formas objetivas e interobjetivas. Porém, é importante perceber que os pontos que estamos ressaltando sobre a herança do lado direito podem ser sustentados sem referência ao trabalho de Sheldrake. A maioria dos tipos de herança nos quadrantes da direita é muito simples e prosaica, envolvendo, por exemplo, autopoiese biológica e social, replicação do DNA, manutenção de sistemas, atratores caóticos e estranhos, formas institucionalizadas e meios de produção, e assim por diante – não coisas muito incomuns realmente, pelo menos quando comparadas às ideias de Sheldrake. Mas Sheldrake destacou aspectos mais esotéricos da causação formativa, o que torna os pontos essenciais extremamente óbvios; por isso, usaremos seus exemplos como algumas das inumeráveis ilustrações da herança do lado direito.

Assim, o que faremos é examinar as várias teorias de herança – ou teorias de como o passado influencia o presente (vide fig. 1). E já que, na Era da Síntese, não queremos omitir nenhuma perspectiva válida ou nenhuma dimensão da nossa contabilidade integral, tentaremos elaborar um resumo que inclua todas elas. Isso nos dará o esboço inicial da herança do passado em todos os quatro quadrantes, ou uma contabilidade quadrática do carma cósmico.

Um sumário rápido do que descobriremos é que cada hólón parece relacionar-se com seu(s) predecessor(es) como a seguir:

1. No Quadrante Superior Esquerdo, cada hólón é uma unificação preensiva de todos os seus predecessores – um sujeito de experiência que, como sói acontecer, apreende o sujeito prévio como objeto do novo sujeito; isto é, sente os interiores do seu predecessor: é uma sensação de sensações e, desse modo, herda – e até certo ponto é determinado pela – sensação/percepção do seu momento imediatamente precedente de sensação/percepção (que, por sua vez, também percebeu seu predecessor, e assim por diante). Isso é resumidamente descrito como "unificação preensiva", mas o que realmente significa é que eu sinto as sensações do momento diante de mim, que sente as sensações do momento antes dele, de forma que o que estou experienciando agora é uma condensação de sensações da história completa do Kosmos em sua dimensionalidade subjetiva (uma microgênese que recapitula a cosmogênese).

A preensão presente de preensões passadas constitui um tipo de causalidade inevitável exercida pelo passado no presente (essa, claro, foi a resposta de Whitehead para Hume). Se você (ou qualquer hólón) pode perceber este momento e, em seguida, perceber este momento, então existe um grau de continuidade (e, portanto, um grau de causalidade) do momento prévio neste momento, porque o momento prévio é agora uma parte da totalidade deste momento (isto é, a totalidade de um momento torna-se uma parte da totalidade do próximo, daí por que a existência momento a momento é uma holarquia de hólons – e isto é unificação preensiva: cada momento é um hólón que transcende e inclui seus predecessores). O aspecto "incluir" inevitavelmente constrói no momento presente uma influência causal percebida do passado. Em resumo, o fato de que posso perceber o momento anterior significa que sou, até certo ponto, influenciado pelo momento anterior – o presente é influenciado pelo passado porque pode percebê-lo.

Isso é carma, não é? Ou certamente uma parte dele; nesse caso, a influência das sensações de ontem nas sensações de hoje. É impossível negar essa herança coerentemente. (Hume pensou que havia destruído quaisquer sequências indutivas, mas o que ele destruiu foi a tentativa de provar que os padrões de amanhã serão os mesmos de hoje; ele não contestou que os padrões de hoje sejam semelhantes aos de ontem. Na verdade, Hume flertou com a noção de que a causalidade era realmente algo como um hábito, mas Charles Peirce foi, de fato, o primeiro a indicar claramente que o que chamamos de leis da natureza são, na verdade, hábitos da natureza, um ponto ao qual retornaremos em breve.)

Mas não sou meramente determinado pela percepção do meu carma; eu também posso, até certo ponto, transcender o passado via minha própria criatividade: somente por esse caminho

existe algum grau de liberdade possível. Não existe apenas a herança do passado; existe, em cada momento, uma faísca de novidade, de inovação, de algo que nunca surgiu antes. "O avanço criativo para a novidade", como colocado por Whitehead – e ele o viu como uma característica inevitável, infinitamente descendente, do Kosmos. (A criatividade para Whitehead, claro, é simplesmente uma faísca do Espírito, presente em todas as circunstâncias reais.) Então, nós dois herdamos o passado – ou o incluímos e abraçamos em nossas próprias sensações (e, desse modo, nós somos influenciados e moldados pelo passado até certo ponto) – e também vamos além dele, com essa capacidade intrínseca do momento para a novidade, para a inovação, para a transcendência, para um pouco mais de liberdade.

Essa herança-e-transcendência subjetiva ou preensiva foi uma das grandes descobertas de Whitehead.

A propósito, a análise de Whitehead da microestrutura de todas as circunstâncias subjetivas (isto é, o sujeito de um momento torna-se o objeto do sujeito do momento seguinte, ou uma sensação de sensações) explica por que vemos o mesmo padrão geral na escala macro; em outras palavras, o desenvolvimento psicológico é marcado por um padrão fundamental: o sujeito de um estágio de desenvolvimento torna-se um objeto do sujeito do estágio de desenvolvimento seguinte. Whitehead, como eu disse, simplesmente apresentou a análise infraestrutural de por que esse desdobramento holárquico é universal e inerentemente construído no Kosmos.

2. No Quadrante Inferior Esquerdo: seguindo um pouco além de Whitehead, cada subjetividade existe em um mar de intersubjetividade, e esse mar tem, também, sua influência cármica. Os hólons individuais e os hólons coletivos apreendem seu passado. Ambos são influenciados pelo passado e, em seguida, avançam até certo ponto. Eles transcendem-e-incluem suas sensações passadas e valores compartilhados com momentos de emergência criativa. Culturas, em resumo, possuem memórias.<sup>2</sup>

Esse *background* cultural – o Quadrante Inferior Esquerdo – é herdado momento a momento pelos sujeitos que surgem no interior do seu horizonte, não como uma entidade separada, mas como a forma ou padrão de sua emergência coletiva. É a isso que nos referimos quando afirmamos que hólons coletivos apreendem seu passado – ou de uma forma mais simples, quando dizemos que existem memórias culturais e sociais – existem padrões na cultura e na sociedade que se repetem, a influência prolongada no presente de um passado que uma vez já foi presente e, portanto, é transferido até certo ponto como hábito cósmico.<sup>3</sup> No Quadrante Inferior Esquerdo, nós nos referimos a memórias culturais, que são *backgrounds* de significados reflexivos e pré-reflexivos, sensações coletivas e preensões mútuas (ou heranças intersubjetivas), e no Quadrante Inferior Direito, nós nos referimos a memórias sociais ou sistêmicas, que são padrões interobjetivos de manutenção de sistemas e reprodução ecológica. A explicação de como os padrões socioculturais se reproduzem é uma tarefa primordial de todas as teorias sociais, da autopoiese social até a sustentabilidade ecológica.

Mas não percamos de vista o fato de que todo hólón apresenta a propriedade de transcendência-e-inclusão: qualquer hólón que surge em interação com uma cultura particular pode, até certo ponto, transcender essa cultura. Com referência ao *background* cultural, os momentos cumulativos de novidade criativa em subjetividade podem, no final, alterar a própria forma da intersubjetividade (dizemos que os quadrantes surgem juntos e tetraevoluem, ou que eles se "tetraentrelaçam", ou que eles "tetrainteragem"). Mas o principal ponto por agora é que hólons culturais têm um passado, uma herança cármica, e essa herança de intersubjetividade (ou herança de preensões mútuas dos membros de uma cultura) é uma parte importante do carma cósmico.

Quando Bourdieu escreve sobre hábitos culturais; quando Heidegger descreve uma interpretação cultural do Ser encerrado na historicidade; quando Gebser esboça importantes estruturas de interpretação (mágica, mítica, mental, integral) herdadas em várias culturas ao

longo do tempo; quando Gadamer detalha a importância inescapável da solidariedade no estabelecimento da compreensão mútua – em todos esses casos, eles estão descrevendo a herança cultural – as sensações coletivas (ou apreensões mútuas) do Quadrante Inferior Esquerdo, à medida que são transferidas como hábito cósmico e influenciam todos os indivíduos que interagem com essas culturas. Retornaremos a essa ideia crucial de *background* cultural – e sua herança (e transcendência) – durante essa apresentação. Ela é tão importante – especialmente por incluir o momento pós-moderno em nossa contabilidade integral – que dedicaremos uma seção inteira a ela no Excerto B. Mas, primeiro, vamos terminar nosso rápido levantamento sobre herança nos quadrantes restantes.

### 3 e 4. Herança no Quadrante Superior Direito e no Quadrante Inferior Direito:

Até agora apresentamos um breve esboço da herança subjetiva e intersubjetiva, os meios pelas quais as dimensões sentidas do Kosmos reproduzem-se momento a momento, ao mesmo tempo em que permitem a emergência criativa (que passa a fazer parte da herança que os hólons futuros transcenderão e incluirão).

Mas cada hólón também tem dimensões objetivas e interobjetivas; isto é, existem correlações objetivas de apreensões individuais e culturais. Uma versão dessa herança de realidades exteriores é apresentada por Rupert Sheldrake. De forma sucinta, recompomos as teorias gerais de Sheldrake da seguinte forma:

Todo hólón – quando observado do exterior numa perspectiva de terceira-pessoa (e não como apreensão de primeira-pessoa do QSE ou apreensões mútuas de segunda-pessoa do QIE) – apresenta-se como uma unidade mórfica com um campo mórfico. A unidade mórfica refere-se ao padrão, estrutura ou forma estáveis do hólón; e o campo mórfico refere-se aos vários campos em torno da unidade (que serão explicados à medida que prosseguirmos). Concordo com Sheldrake nesses pontos essenciais, desde que nos lembremos que essas condições se referem a um hólón quando visualizado como terceira-pessoa do singular – isto é, apenas no Quadrante Superior Direito. Mas, nessa dimensão, também é verdade, como ressaltado por Sheldrake, que "campos mórficos estão associados a hólons de todos os níveis de complexidade". E hólons, Sheldrake assinala corretamente, "são organizados em hierarquias nidiformes ou holarquias".<sup>4</sup>

Sheldrake usa frequentemente a analogia de uma corda vibrante: se você puser dois pianos juntos e tocar a nota dó em um piano, a mesma corda começará a vibrar no outro piano. A vibração conjunta das duas cordas é chamada de ressonância mórfica; uma corda fazendo a outra vibrar é análogo à causalção formativa (porque a forma ou padrão de uma corda causa ou evoca a mesma forma ou padrão na outra).

Uma unidade mórfica/campo mórfico é, portanto, um aspecto de (ou uma maneira de olhar para) a dimensão do Quadrante Superior Direito do hólón. Consequentemente, enquanto cada hólón está subjetivamente apreendendo suas sensações prévias (QSE) – e desse modo sendo determinado em parte por suas sensações passadas – a forma exterior do hólón (QSD) está ressonando com suas formas prévias; assim, sua forma presente é determinada até certo ponto pelas formas passadas de sua própria manifestação: isto é ressonância mórfica e causalção formativa operando em um indivíduo.

Portanto, entre outras coisas, o que aparece no Quadrante Superior Esquerdo como unificação apreensiva, aparece no Quadrante Superior Direito como causalção formativa individual momento a momento. E da mesma maneira que a apreensão subjetiva (QSE) interage com campos de intersubjetividade (QIE), as formas individuais objetivas (QSD) interagem com campos de interobjetividade (QID) – isto é, tanto os hólons individuais quanto os sociais possuem campos mórficos (todos eles tetraemergindo e tetraevoluindo no espaço AQAL).<sup>5</sup> Retornaremos às formas coletivas em breve.

Um campo mórfico é às vezes chamado de campo morfogenético. "Morfogênese" significa "trilha de desenvolvimento" – isto é, "criação ou desenvolvimento" (gênese) "estrutural ou formal" (mórfica). "Morfogenético" é um termo frequentemente usado, por exemplo, em biologia (Waddington) para se referir aos padrões que governam o desenvolvimento de formas e estruturas biológicas, mas de acordo com Sheldrake (e eu concordo com ele) todos os hólons (ou unidades mórficas) têm campos morfogenéticos, daí por que ele usa os termos "campo morfogenético" e "campo mórfico" intercambiavelmente.

Portanto, o que significa para Sheldrake campo mórfico (e o conceito relacionado de causação formativa ou estrutural)? Eis um exemplo típico: como Sheldrake assinala, quando moléculas complexas de proteína surgiram pela primeira vez, elas poderiam ter se estabelecido em qualquer número de formas ou padrões estruturais equivalentes. Não existe nenhuma lei física conhecida que determine que apenas uma dessas muitas formas devesse acontecer. Mas quando um número suficiente de moléculas se estabelece em uma forma particular, todas as moléculas subsequentes, mesmo em tempo e espaço diferentes, estabelecer-se-ão na mesma forma. Sheldrake introduziu a causação formativa ou estrutural para levar em conta esse fato empírico, que não pode ser explicado por nenhuma força física conhecida. Uma vez que uma molécula (ou qualquer hólón) defina seu padrão ou forma, essa forma parece exercer um tipo de influência em todas as formas semelhantes – isto é, causação formativa exercida por um campo mórfico em campos mórficos semelhantes ("ressonância mórfica").

Sheldrake dá diversos exemplos de campos morfogenéticos direcionando o desenvolvimento subsequente de formas mórficas individuais. Uma vez que uma tarefa difícil tenha sido realizada em qualquer parte do mundo – desde a cristalização de moléculas complexas a ratos aprendendo a conhecer um labirinto particular, até palavras linguísticas sendo criadas – a mesma tarefa pode ser mais facilmente repetida em qualquer outro lugar (como já foi demonstrado por numerosos estudos empíricos). Isso é idêntico ao que observamos com o surgimento de formas psicológicas; por exemplo, no desenvolvimento histórico, uma vez que o meme vermelho emergiu significativamente em algum local do mundo, ele começou a surgir mais facilmente em outros locais. Uma emergência complexa, inovadora, criativa estabeleceu-se como hábito cósmico agora disponível para hólons subsequentes.

Extensos trabalhos sobre a herança de formas já foram desenvolvidos. Brian Goodwin, por exemplo, em livros importantes como *How the Leopard Got Its Spots* e *Signs of Life*, demonstra que muitos processos da natureza são regidos por dinâmicas complexas em direção a formas específicas. São observadas apenas três distribuições básicas de folhas ao redor dos galhos em mais de 250.000 espécies de plantas mais altas. As estruturas ósseas das patas, mãos e barbatanas apresentam formas semelhantes em todos os vertebrados. Em outras palavras, somente certas formas estão disponíveis para hólons de uma dada classe, e essas formas profundas são produtos da herança passada que, como hábitos cósmicos, atuam como atratores dinâmicos (estranhos, caóticos, etc.) que limitam rigorosamente os tipos de formas que podem surgir no espaço interobjetivo, embora não exista absolutamente nada nas próprias formas que imponha esses limites.

Agora, Sheldrake diz apenas que esses padrões ou formas profundas são herdados. Ele afirma que a estrutura ou forma geral de uma molécula é herdada coletivamente; ele não afirma que o que essa molécula faz realmente é herdado coletivamente. Isto é, a forma geral do hólón é herdada coletivamente, mas não a ação ou conteúdo dessa forma. Esse é simplesmente um exemplo de um padrão muito difundido que descobrimos frequentemente: isto é, várias características profundas (em todos os quatro quadrantes) são herdadas coletivamente, mas não suas características superficiais.<sup>6</sup> Como veremos, tudo isso significa de fato que as características profundas ou hábitos cósmicos do universo são simplesmente ondas de probabilidade que desvelam um tipo particular de ocorrência em um local particular do espaço-tempo. Retornaremos a esse importante tema na parte II.

Embora às vezes usemos "campos morfogenéticos" para nos referirmos a características profundas das ondas em qualquer quadrante (interior ou exterior), devemos repetir que,

tecnicamente, um campo morfogenético (ou um campo mórfico) é uma descrição exterior, e não interior, dos hólons. Quando você está experimentando realidades subjetivas ou intersubjetivas, você nunca diz: "eu estou sentindo um campo morfogenético bom". As realidades dos quadrantes do lado esquerdo são sensações imediatas, desejos, impulsos, imagens, percepções, valores e compreensão mútua, expressos em perspectivas de primeira-pessoa (eu) e segunda-pessoa (tu/nós). Quando olhamos para esses fenômenos de fora, na perspectiva de terceira-pessoa (isso/"issos"), vemos formas exteriores, unidades mórficas, campos morfogenéticos, estruturas profundas, sistemas sociais, a teia ecológica da vida e assim por diante. É crucialmente importante não confundir descritores exteriores, (por exemplo, campos mórficos) com realidades interiores (sensações, preensões, etc.). Todos têm seu lugar na matriz AQAL, mas nenhum deles pode ser reduzido, ou completamente explicado, pelos outros.

No Quadrante Inferior Direito, existem vários campos coletivos e sistemas de unidades mórficas. Esses campos interobjetivos são os correlatos de sensações e valores intersubjetivos. Isto é, se você olhar de fora para a existência coletiva de qualquer hólón, do ponto de vista de terceira-pessoa, você consegue discernir várias formas, estruturas, sistemas, padrões de interação e campos morfogenéticos coletivos; mas se você olhar para essas formas coletivas exteriores de dentro, em uma pesquisa colaborativa e enação participativa de segunda-pessoa, você descobrirá, não estruturas, campos ou sistemas, mas sim sensações mútuas, valores compartilhados, vívidas experiências vividas e assim por diante, todos adequadamente descritos somente por perspectivas de primeira-pessoa e segunda-pessoa. (Vide a seguir metodologia quadrática ou pluralismo metodológico integral).

Mas continuemos a focalizar as dimensões objetivas e interobjetivas (que são as únicas adequadamente tratadas pelas teorias de Sheldrake). Como todas as outras trilhas de desenvolvimento em quaisquer dos quadrantes, esses campos interobjetivos primeiramente emergiram, até certo ponto, como inovações criativas, mas são agora formas herdadas que devem ser incluídas (bem como transcendidas), formas que, portanto, balizam os tipos de exteriores que podem surgir sob sua influência (da mesma maneira que contextos intersubjetivos moldam os tipos de subjetividade que podem tetraentrelaçar-se com seus contornos).

Assim, eis o que temos: no Quadrante Superior Direito, existem diversas unidades mórficas (com seus campos mórficos associados) – como quarks, átomos, moléculas, células, organismos e assim por diante. Elas são vistas olhando para um hólón individual de fora, sob uma perspectiva de terceira-pessoa. Em outras palavras, essas unidades mórficas são as estruturas objetivas ou formas exteriores das sensações subjetivas ou preensões do hólón, que só podem ser observadas ou sentidas de dentro (Quadrante Superior Esquerdo). Desse modo, a forma exterior é átomo, a interior é preensão; a forma exterior é célula, a interior é irritabilidade; a forma exterior é planta, a interior é sensação; a forma exterior é animal com rede neural, a interior é percepção; a forma exterior é animal com bulbo cerebral, a interior é impulso; a forma exterior é animal com sistema límbico, a interior é emoção e assim por diante. As sensações interiores são herdadas via unificação preensiva, as formas exteriores, via ressonância mórfica e causação formativa (entre outras).

Além disso, tanto os exteriores quanto os interiores existem nas variedades individual e coletiva. Em resumo, existem preensões individuais (QSE) e preensões coletivas (QIE), tanto quanto campos morfogenéticos individuais (QSD) e campos morfogenéticos coletivos (QID).

O que Sheldrake nos oferece é uma maravilhosa descrição da herança de estruturas ou formas nos quadrantes do lado direito. Isto é, a causação formativa de Sheldrake refere-se à herança de várias estruturas ou formas que primeiramente emergiram, em parte, como novidade criativa, mas que agora se tornaram hábitos cósmicos que são herdados por formas subsequentes – e essas são exatamente as correlações objetivas da herança subjetiva de preensões de Whitehead. Em outras palavras, os quatro quadrantes herdaram seu passado e, então, adicionam um momento de criatividade que transcende o passado até certo ponto.

Assim, parece que todos os hólons têm uma herança quadridimensional, ou resíduo cármico, que forma a plataforma inevitável da qual será lançado o momento presente. A matriz AQAL prévia pode ser transcendida até certo ponto, mas também deve ser incluída, ou o presente sofrerá dissociação e repressão do seu próprio passado. A visão pós-moderna típica de que a história é meramente uma série de rupturas completas sem continuidade é, de fato, a descrição pós-moderna da sua própria patologia dissociativa, inflada a prioridades ontológicas. Em todo caso, a maior parte do pós-modernismo negligencia os brilhantes *insights* de Whitehead sobre o que deve estar acontecendo neste momento para que ele passe ao próximo. Não existem apenas rupturas, mas inclusão-com-algumas-rupturas, e a parte da inclusão constrói uma holarquia neste e em cada momento. Sheldrake, de qualquer modo, não ignora essa importante inclusão ou herança do passado e está tentando considerar suas formas objetivas e características profundas.

## Resumo da Parte I

Até agora apresentamos uma introdução muito breve das quatro dimensões básicas de estar no mundo – o Quadrante Superior Esquerdo: subjetivo (intencionalidade; primeira-pessoa do singular); o Quadrante Superior Direito: objetivo (comportamento; terceira-pessoa do singular); o Quadrante Inferior Esquerdo: intersubjetivo (cultura; segunda-pessoa do singular e primeira-pessoa do plural); e o Quadrante Inferior Direito: interobjetivo (sistemas sociais; terceira pessoa do plural).

Observamos que todas as dimensões de estar no mundo têm aspectos que parecem se preservar e outros que parecem novos – que denominamos carma e criatividade, respectivamente. Os aspectos preservados da herança cósmica chamamos também de hábitos cósmicos; eles não são realidades pré-dadas (platônicas, hegelianas ou aurobindianas), mas padrões e rotinas cósmicos repetidos por hólons suficientes a ponto de ficarem gravados no Kosmos e, daí em diante, serem transmitidos como padrões físicos preservados ou entidades autopoieticas auto-organizadas de uma variedade ou outra. Demos vários exemplos de herança cármica ou hábitos cósmicos encontrados em todos os quatro quadrantes, como apreensão subjetiva (QSE); herança intersubjetiva e memória cultural (QIE); autopoiese orgânica e ressonância mórfica individual (QSD); e memória sistêmica e causalidade formativa interobjetiva (QID). Esses são apenas alguns tipos de herança cármica disponível, mas são suficientes para indicar importantes fatores envolvidos nos hábitos cósmicos e nas dimensões cruciais de todos os hólons que são preservadas e transmitidas (embora os aspectos criativos do Kosmos continuem a apresentar inovações e transcendência). Desnecessário dizer que qualquer levantamento verdadeiramente integral do Kosmos precisa levar em conta todas essas realidades vitais.

Isso é especialmente importante porque cada uma das quatro dimensões possui uma metodologia diferente de desenvolvimento e enação. Como veremos: o empirismo e o behaviorismo estão principalmente ligados ao Quadrante Superior Direito; a introspecção e a fenomenologia estão principalmente ligadas ao Quadrante Superior Esquerdo; a hermenêutica e a pesquisa colaborativa estão principalmente ligadas ao Quadrante Inferior Esquerdo; as ciências ecológicas, o funcionalismo estrutural e a teoria de sistemas estão principalmente ligados ao Quadrante Inferior Direito. Claro, existem muitos outros tipos de pesquisas disponíveis, mas essas são algumas das mais significativas historicamente.

Todas essas diferentes metodologias não são importantes vestígios meramente históricos; elas são os ingredientes cruciais daquilo que pode ser chamado de Sistema Operacional Integral (SOI) – um pluralismo metodológico integral que considera todas as metodologias numa tentativa de se abrir incessantemente para o Kosmos criativamente autorrevelador e autoenagente: sentir todas as sensações, apreender todas as apreensões, à medida que o Eu vai ao infinito e volta, nunca fixo, mas sempre se transformando a cada momento de forma aberta e livre, cascadeando pela matriz AQAL infinitamente e além. Uma vez que um indivíduo carregue e instale o SOI em sua própria visão de mundo, ele começa a tentar incluir mais

conscientiosamente todas as visões, todas as abordagens, todos os potenciais, em sua varredura própria do Kosmos. O SOI permite uma expansão autocorretiva e auto-organizadora de todos os aspectos do universo anteriormente marginalizados por visões de mundo muito estreitas, muito superficiais, muito fechadas em si mesmas, e serve como um veículo mais transparente de consciência cósmica.

Nesse momento, à medida que o centro de gravidade da elite cultural começa a mudar do pluralismo verde para o integralismo amarelo, vários tipos de SOI estão sendo, crescente e ativamente, buscados pela vanguarda acadêmica – teorias e práticas integrais de todos os tipos estão começando a tentar entrar em cena. Nós estamos de fato no limiar de uma era integral. Exatamente o que isso significa, claro, terá de ser visto, pois a era integral está começando a brilhar fracamente no horizonte cultural, lá fora, na névoa que se dissolve lentamente no nebuloso amanhã...

Enquanto isso, a fim de auxiliar qualquer tipo de compreensão integral a ser capaz de reproduzir-se autopoieticamente e, assim, sustentar um *insight* duradouro do Kosmos em si mesma, parece que precisamos, entre muitas coisas, de um caminho para interpretar hábitos cósmicos, que não se apoie em postulados metafísicos antiquados e desacreditados (tais como níveis de realidade ou estruturas ontológicas pré-existentes, arquétipos como formas fixas pré-dadas, involução como um caminho predeterminado, fenômenos que existem independentemente dos sujeitos que os percebem, etc.). A menos que consigamos modelar tal caminho, qualquer SOI será sobrecarregado com hábitos cósmicos antiquados que, agora, impedem o aparecimento inovador de modos mais integrais no desdobramento criativo da matriz AQAL. Em resumo, o próximo passo de uma Pós-metafísica Integral é substituir estruturas ontológicas pré-existentes por... o quê?



## II – Hábitos cósmicos como ondas de probabilidade

### Prólogo

Vamos começar dando alguns exemplos de herança cósmica em hólons humanos. A tese geral, claro, é que certas preensões e formas individuais e coletivas (em todos os quadrantes) são herdadas até certo ponto. Isso significa, por exemplo, que todas as ondas até a vanguarda atual da evolução (que nos seres humanos vai aproximadamente até a onda verde) foram herdadas como trilhas morfogenéticas e campos contextuais. Elas emergiram originalmente, em parte, como novidade criativa na vanguarda da evolução para, em seguida, transformar-se em hábitos cósmicos e, assim, passar a ser os blocos construtivos de ocasiões futuras.

É óbvio que, quanto mais antigo o meme, mais fixo se torna um hábito cósmico. Desse modo, as características básicas do bege, ou onda sensório-motora, são semelhantes em todo o mundo: todos os seres humanos, sem exceção, necessitam de alimento, água, calor e abrigo. O roxo existe há cerca de pelo menos 30.000 anos; o vermelho, há pelo menos 10.000 anos; o azul, ao redor de 3.000 anos – assim, relativamente, há muito pouco espaço para modificações de suas características profundas: eles se tornaram trilhas morfogenéticas de intensos padrões habituais, quase impossíveis de serem rompidos (embora, originalmente, tenham surgido, em parte, como liberdade criativa). O laranja tem apenas 300 anos de idade, mas a maior parte de suas formas parecem ter se estabelecido. O verde, por outro lado, tem somente cerca de 30 anos (em qualquer tipo de escala coletiva); portanto, apresenta espaço para modificações em sua estrutura; ele não é ainda um hábito completamente estabelecido. A vanguarda atual está ao redor do amarelo, o que significa que qualquer um de vocês, que esteja liderando ideias e práticas integrais, na verdade está criando os hábitos cósmicos que as gerações futuras herdarão, mesmo que essas gerações prossigam além do amarelo.

(Note que estamos usando a Espiral do Desenvolvimento [*Spiral Dynamics* de Beck & Cowan]: como é do conhecimento da maioria de vocês, a Espiral do Desenvolvimento é um modelo específico de desenvolvimento psicológico baseado no trabalho pioneiro do desenvolvimentista Clare Graves. Graves baseou seu modelo particular na linha de desenvolvimento de valores, daí por que a Espiral do Desenvolvimento continuar a se referir a "Memes, abreviatura para "memes de valores". Para a Psicologia Integral, a linha de valores é uma de talvez duas dúzias de linhas de desenvolvimento de evolução da consciência igualmente importantes; o que queremos evitar, claro, é qualquer tipo de "absolutismo de linha", da mesma forma que desejamos evitar absolutismos de quadrantes, absolutismos de estados ou absolutismos de tipos [vide Excerto C]. A grande vantagem da linha de valores gravesiana é que ela é facilmente entendida, possui uma quantidade considerável de evidências empíricas e espelha um dos motivadores humanos mais fundamentais, funcionando extremamente bem como um simples resumo/exemplo do desenvolvimento humano. Mas, desnecessário dizer, os pontos principais que estou ressaltando aplicam-se a qualquer linha de desenvolvimento válida; vide *Psicologia Integral* para uma extensa discussão desse tema; para uma breve introdução da Espiral do Desenvolvimento, vide *Uma Teoria de Tudo* [e a introdução do volume 7 dos *Collected Works*]. Para a importante extensão de Don Beck da Espiral do Desenvolvimento em *Spiral Dynamics Integral*, consulte <http://www.spiraldynamics.net/> .

Como estávamos dizendo, a vanguarda hoje está em torno do amarelo – a ponta de lança efervescente, caótica, desenfreadamente criativa do desdobramento e evolução da consciência, tosca em seus contornos recém-implantados, ainda longe de ser um hábito estabelecido. Daí por que hoje, agora mesmo, esforçamo-nos para tentar abrir uma trilha amarela tão "sadia" quanto possível, já que estamos criando campos mórficos em toda a memória cósmica subsequente. Se uma onda particular emerge deformada, torta, fragmentada ou patológica – devido a vários tipos de turbulência no espaço AQAL – essa forma insalubre será herdada pelo futuro com resultados terrivelmente desastrosos.

Claro, cada onda subsequente "transcende e inclui"; portanto, ondas subsequentes podem, até certo ponto, transcender e corrigir patologias prévias: mas a que custo! De certa forma, foi

o que aconteceu com o laranja – a grande emergência da onda laranja durante o Iluminismo foi muito rapidamente desvirtuada para sua versão *flatland* e nós, na atualidade, herdamos inevitavelmente esse hábito cósmico fraturado – a dissociação das esferas de valor em vez de sua diferenciação – um hábito cósmico patológico, um desencantamento do mundo; o pós-modernismo surgiu para repará-lo.

Com resultados confusos, ai! De fato, parece que o grande potencial do meme verde, que assumiu o pós-modernismo como seu veículo, entrou em cena já corrompido, até certo ponto, pela patologia moderna *flatland*: um hábito *flatland* tão entranhado, a ponto de o verde não só sucumbir a ele, como também magnificá-lo, glorificá-lo, beber a cicuta e considerá-la um vinho fino. O meme verde surgiu, quase desde o começo, numa versão um pouco patológica ou malformada (pego, por assim dizer, na turbulência morfogenética causada pela urdidura *flatland* laranja na matriz AQAL). Denominamos essa versão *flatland* patológica do verde, devido a sua associação com tendências tais como os movimentos politicamente corretos coercitivos, "o meme verde mau"; e o MVM estabeleceu, ao longo das últimas três décadas, uma trilha morfogenética rígida e inflexível, que tomou de assalto todos os seres humanos que estavam tentando ir além do laranja e os encarcerou na prisão de um pluralismo *flatland*.

Entretanto, já que o meme verde e o MVM – e boomerite – têm somente três décadas de idade, suas trilhas morfogenéticas foram inscritas apenas de leve na memória cósmica e, assim, agora, esforços combinados – do amarelo saudável e do verde saudável – ainda podem reverter a maré e legar ao amanhã os grandes potenciais da onda verde sadia, um hábito cósmico com que todas as gerações futuras poderão contar como fundação para um mundo mais acolhedor, sensível, verdadeiramente compassivo, em vez de um mundo dominado pela polícia do pensamento, inquisidores verdes e uma brutalidade ou outra desfilando como pluralismo: barbarismo com um rosto sorridente.

(É claro que, daqui a cinquenta mil anos, o verde e o amarelo estarão quase tão determinados quanto o vermelho ou o azul atuais. Naquele período futuro, a maioria dos adolescentes estará se ajustando não ao laranja, como faz agora, mas ao turquesa – provavelmente eles terão passado pelo laranja por volta dos 8 ou 9 anos de idade com um bocejo rápido. E a provável ponta de lança estará em torno do coral/psíquico, cujos vastos potenciais informes começarão a se cristalizar e a tomar forma, à medida que forem moldados pelo espaço AQAL através de parâmetros futuros ainda indeterminados, emergindo em parte como novidade criativa, antes de se estabelecerem como hábitos predeterminados. É por isso que, hoje, devemos focar as duas ondas que são a cúspide da ação cósmica no momento – a verde e a amarela – e tentar contribuir, da melhor maneira possível, para suas versões saudáveis como um presente para o amanhã...)

Em resumo, a ponta de lança da novidade criativa está, no mundo de hoje, em torno do amarelo, o que significa que as características profundas dos memes bege ao verde inicial já se mostram como hábitos cósmicos – e quanto mais antigo o meme, mais estabelecido e determinado está.<sup>7</sup> Desse modo, no mundo atual, as características profundas dos memes até o verde estão relativamente fixadas e "predeterminadas", não por arquétipos eternos, mas por unificações preensivas e ressonâncias mórficas de inovações criativas passadas, agora transformadas em hábitos.

### **Espaço de probabilidades na matriz AQAL**

Uma vez que "pós-modernismo" frequentemente significa "pós-estruturalismo", os leigos normalmente entendem mal o que é uma "estrutura" (e o que não é). Entre os especialistas, existe de fato uma concordância ampla e firme sobre o significado de uma "estrutura", geralmente definida – por Sheldrake, Piaget, Habermas, Francisco Varela, Carol Gilligan, Jane Loevinger, etc. – como um "sistema dinâmico de processos auto-organizadores que se mantêm como padrões através de sua reprodução dinâmica".<sup>8</sup> Como padrões automantenedores dinâmicos, as estruturas não são fixas e invariáveis, mas sim "instavelmente estáveis" (ou uma mistura de "circularidade e abertura" – isto é, antiguidade e

novidade – isto é, carma e criatividade – isto é, inclusão e transcendência) e, desse modo, são capazes de adaptação flexível a flutuações: elas evoluem por "acoplamento estrutural" com ambientes enagidos (dizemos que elas "tetraevoluem"). Uma estrutura é materialmente diferente momento a momento; seu padrão ou forma, porém, é instavelmente estável e resiste como um hábito cósmico enquanto aquela classe de hólons existir no espaço-tempo (isto é, enquanto suportar as pressões de seleção na matriz AQAL).

Nas formas pós-modernas de "novos paradigmas" é comum se dizer que "estrutura" foi substituída por "processo". Realmente, estrutura sempre foi definida como processos dinâmicos que se reproduzem. Mas há de fato dois aspectos das estruturas que os pesquisadores continuam enfatizando: sua capacidade de mudança espontânea (e.g., acomodação e adaptação – ou ajuste a suas comunidades); e sua capacidade, se as condições forem adequadas, de se manterem incrivelmente estáveis por longos períodos (e.g., autopoiese e assimilação – ou ação estável).

Lembre-se de que, por exemplo, existem na Terra bactérias vivas que permanecem inalteradas há mais de um bilhão de anos. Existem espécies de insetos que permanecem inalteradas há mais de dez milhões de anos; formas reptilianas, há mais de cinco milhões de anos – sem mencionar as formas de muitos átomos e moléculas que estão perto de quinze bilhões de anos de idade: isso é uma capacidade incrível de ação estável! Nos seres humanos, o meme bege permanece essencialmente inalterado há quinhentos mil anos; o roxo, há trinta mil anos; o vermelho, há dez mil anos; o azul, há três mil anos; o laranja, há trezentos anos; o verde, há trinta anos (e nós estamos agora na vanguarda eferescente e criativa da evolução humana, onde novos e mais elevados potenciais, embora explorados, cocriados e enagidos de modos idiossincráticos por pioneiros relativamente raros, estão apenas começando a emergir e cristalizar-se numa base comum ou cultural – muito mais sobre esse assunto mais tarde).

O que é necessário, então, é descobrir uma forma de considerar a "estrutura" sem cair, digamos, no estruturalismo ou em uma reificação de estruturas como tipos de moldes ontologicamente existentes (que é o que tanto os filósofos perenes quanto os estruturalistas fizeram, à sua maneira, e que, neste ponto, precisam ser descartados).

Vimos que características profundas são herdadas, mas características superficiais não são. Isto é, embora os padrões gerais (ou trilhas morfogenéticas) dos hólons nos sejam transferidas por carma cósmico, o conteúdo real, características superficiais e expressões desses padrões habituais são determinados, cultural e individualmente, por fatores contingentes relativos em todos os quatro quadrantes.

Mas é aqui que começamos a ir além de quaisquer definições típicas de "estruturas profundas", "características profundas" ou "padrões profundos": para a Pós-metafísica Integral, um "padrão profundo" não é uma forma ou estrutura realmente existente, mas simplesmente um termo que representa a probabilidade de se encontrar um tipo particular de hólón em um modo particular de espaço-tempo.

Dessa forma, quando dizemos que uma pessoa está "na onda vermelha", sendo que as características gerais da onda vermelha incluem egocentrismo, moralidade pré-convencional e impulsos intensos de poder (entre outros), isso não significa que exista algum tipo de estrutura, padrão ou inteligência adaptável concreta chamada "a estrutura vermelha" (ou o meme vermelho, ou o módulo vermelho, etc.), tal que essa pessoa esteja de alguma maneira operando dentro dela e limitada por ela (ou que ela esteja de certa forma "na" pessoa). Tudo que significa é que a pessoa que identificamos como operando no, ou a partir do vermelho, está atuando em um espaço onde a probabilidade de se encontrar esses tipos de respostas é muito alta (isto é, respostas que são egocêntricas, pré-convencionais, carregadas de poder, etc.). Quanto menos respostas desse tipo você achar, menos a pessoa estará "no vermelho" – menos estará operando no espaço de probabilidades desse hábito cósmico particular.

Portanto, um padrão profundo é simplesmente uma onda de probabilidade. As características profundas que são inerentes à onda de probabilidade são descobertas a partir de uma investigação reconstrutiva após a ocorrência do fato de sua existência, e não algo que possamos deduzir de uma forma platônica, hegeliana ou aurobindiana antes do fato. Em outras palavras, dizer que a consciência está "na onda vermelha" significa apenas que ela está vibrando em uma onda de probabilidade particular: de fora, dizemos que está fluindo por um campo morfogenético específico que representa a probabilidade de encontrar certos tipos de comportamentos naquele ponto no espaço-tempo; de dentro, dizemos que a consciência da sensação do hólón surge no interior de um horizonte de preensões individuais e coletivas, tal que a probabilidade de perceber certo tipo de sensação é muito alta nessa onda particular.

Algumas ondas de probabilidade estão tão firmemente estabelecidas como hábitos cósmicos, a ponto de a probabilidade de se encontrar um tipo particular de hólón naquele espaço ser quase 100%. Isso acontece normalmente em sistemas físicos (onde, como Whitehead assinalou, foi considerado, erroneamente, determinismo puro); mas também acontece frequentemente em ondas mais elevadas (e.g., a probabilidade de se encontrar certos tipos de hólons na onda de probabilidade vermelha é realmente muito alta). Mas isso não deve obscurecer o fato de que os estágios/ondas de desenvolvimento em todos os quadrantes, até o presente, emergiram originalmente como novidade criativa e depois se estabeleceram como hábitos que, conseqüentemente, representam não grades rígidas de determinismo, mas sim hábitos orgânicos que indicam a possibilidade ou probabilidade de encontrar um evento particular em um espaço-tempo particular.

(Até mesmo um elétron, como visualizado pela mecânica quântica, não é uma entidade pré-existente, mas uma "tendência a existir", cuja probabilidade de ser encontrado em um espaço-tempo particular é dada pelo quadrado da função de onda de Schrödinger.)

Assim, resumindo rapidamente, as características profundas de qualquer hólón (quark, átomo, molécula, meme, etc.) são simplesmente os tipos de eventos que são prováveis de acontecer no âmbito dos hábitos cósmicos já estabelecidos por emergência criativa passada. Essas ondas de probabilidade não são algum tipo de estrutura concreta desajeitada que existe lá fora, mas são, simplesmente, as trilhas morfogenéticas gerais que representam a probabilidade de se achar um evento particular, em um local do espaço-tempo particular, no desdobramento criativo da matriz AQAL.

Quanto às características reais ou estruturas concretas desses eventos, elas são codeterminadas, não só por hábitos cósmicos passados, que fixam amplos padrões de probabilidade, mas também por fatores reais existentes em todos os quatro quadrantes (preensões experienciais, padrões comportamentais, sistemas sociais e contextos culturais).<sup>9</sup> Novamente, é por isso que afirmamos que, embora algumas ondas de probabilidade (trilhas morfogenéticas ou padrões profundos) sejam herdadas do passado de forma coletiva, a maior parte das características superficiais não são.<sup>10</sup>

Mas, por favor, observe: os padrões profundos das ondas de consciência mais elevadas – isto é, além da verde – estão agora em processo de formação; nem mesmo esses padrões são predeterminados *a priori*. Claro, xamãs, santos e sábios pioneiros penetraram esses reinos e deixaram rastros duradouros de suas pegadas mórnicas, mas eles são ainda tão raros e esporádicos, a ponto de serem tênues vestígios da brisa espiritual. Estados de consciência mais elevados, ondas de consciência mais elevadas, faculdades mais elevadas de possibilidades humanas – existem de fato potenciais mais elevados virtualmente ilimitados, mas eles são apenas isso: potenciais informes, potenciais que ainda não se cristalizaram e se estabeleceram como hábitos cósmicos amplamente disponíveis...

Como acabamos de ver, a vanguarda da novidade criativa no mundo de hoje está em torno do amarelo, significando que as características profundas dos memes bege ao verde já se estabeleceram como hábitos cósmicos – e quanto mais antigo o meme, mais fixo e determinado ele é. Desse modo, atualmente, as características profundas dos memes até o verde estão relativamente fixadas e "predeterminadas", não por arquétipos infinitos, mas por

unificações preensivas e ressonâncias mórficas de novidades criativas passadas, agora estabelecidas como hábitos. Em outras palavras, o *a posteriori* de ontem é o *a priori* de hoje. Após o fato, podemos investigar seu surgimento através de uma pesquisa reconstrutiva que mostra que seus padrões foram estabelecidos; antes do fato, não podemos predizer esses padrões com nenhum detalhe específico.

Daí por que, ainda que certas formas passadas sejam dadas relativamente como hábitos, a vanguarda não o é. Por exemplo, o que agora chamamos de limite superior de "o sutil" – o mais elevado dos potenciais do domínio sutil – provavelmente daqui a milhares de anos estará detalhado em uma dúzia ou mais de níveis reais, sem limite discernível ou visão definitiva: a vanguarda do desdobramento criativo do Espírito é efervescente, informe, caótica, criativa, um animado jogo e brincadeira de gerar novidade criativa, que no final se estabelece como hábito cósmico e que, no desenvolvimento subsequente, surge como um dado *a priori*, embora originalmente surgisse como um dado *a posteriori* no jogo misterioso e criativo do Espírito.

Consequentemente, até mesmo as características profundas dos potenciais mais elevados que o verde não são transferidas como níveis pré-dados, mas como potenciais morfogenéticos que, à medida que começarem a se cristalizar, serão moldados por fatores em todos os quatro quadrantes – e SE esses padrões profundos começarem a se cristalizar cada vez mais em hólons do mundo inteiro, eles finalmente estabelecer-se-ão como padrões habituais profundos que serão herdados pelo desenvolvimento subsequente. Esses estágios mais elevados (mais elevados que o verde) estão ainda em sua infância, disponíveis sob formas idiossincráticas para indivíduos altamente evoluídos, mas aguardando sua emergência em uma escala maior, a fim de se estabelecerem como hábitos cósmicos universalmente legados ao futuro.

(Como podemos falar de níveis mais elevados, disponíveis sob formas idiossincráticas para indivíduos altamente evoluídos, quando eles ainda não têm uma forma coletivamente estabelecida? Por favor, vide "*On the Nature of a Post-Metaphysical Spirituality: Response to Habermas and Weis*", bem como uma importante nota explicativa.<sup>11</sup> Retornaremos a este tópico crucial ao longo desta apresentação.)

Uma vez que esses hábitos cósmicos se formam, em qualquer ponto do desdobramento evolucionário, eles passam a ser realmente os padrões estáveis que se tornarão os subcomponentes de todos os emergentes novos e criativos. Por exemplo: átomos, que originalmente emergiram em parte como novidade criativa, estabeleceram-se como padrões habituais, tornando-se, então, os ingredientes ou subcomponentes de moléculas. As formas dessas moléculas primeiramente emergiram em parte como novidade criativa, para, em seguida, se estabelecerem como padrões que se tornaram os ingredientes ou subcomponentes de células, e assim por diante. Uma vez que o vermelho surgiu, tornou-se um subcomponente do azul, que se tornou um subcomponente do laranja, e assim por diante, à medida que a holarquia whiteheadiana se desdobra momento a momento. Essa relação de "transcendência-e-inclusão", implícita na apreensão whiteheadiana, é a base, no lado da sensação, da gentil tendência do Kosmos rumo a complexidade e profundidade cada vez maiores, uma tendência que nada mais é do que Eros.

### **Pressões de seleção no espaço AQAL: os critérios de validade em tetraentrelaçamento**

À medida que cada novo hólón emerge, ele o faz em um espaço de mundo já existente – isto é, emerge em um espaço AQAL que já tem vários tipos de ondas, correntes, estados, sistemas e assim por diante, cada com sua herança própria. (Novamente, o *a posteriori* de ontem torna-se o *a priori* de hoje.) Cada hólón recém-surgido deve então se mostrar capaz de existir ou sobreviver nesse espaço de mundo já existente – deve interagir com a matriz AQAL pré-existente. Ele, portanto, está sujeito a várias pressões de seleção (ou critérios de validade), que representam os tipos de ajuste aos quais deve se adaptar a fim de sobreviver. Claro, ele não apenas interagirá: também trará seu próprio momento de novidade criativa, que vai além

de todas as interações; mas se ele não interagir até certo ponto, simplesmente será eliminado por pressões de seleção existentes e não conseguirá uma oportunidade de expressar ou transmitir sua criatividade.

Pelo fato de cada hólón ter pelo menos quatro quadrantes ou quatro dimensões de estar no mundo, e cada uma dessas dimensões interagir com o espaço de mundo já existente, há pelo menos quatro tipos de pressões de seleção: cada hólón deve interagir até certo ponto com seus próprios *eu*, *nós*, *isso* e "*issos*". Desse modo, cada hólón deve ser capaz de registrar seu mundo externo do *isso* com precisão suficiente (verdade); cada hólón deve ser capaz de registrar seu mundo interno do *eu* com precisão suficiente (veracidade); deve ser capaz de se ajustar a seu sistema coletivo ou social dos "*issos*" (ajuste funcional); e deve ser capaz de se adaptar adequadamente a seu ambiente cultural do *nós* (significado).

Esses critérios de validade tetraentrelaçados (verdade-isso, veracidade-eu, ajuste funcional-*"issos"*, significado-nós) não são figuras representacionais desajeitadas, mas sim compromissos de atuação mutuamente evocados; e essas tetrapressões de seleção aplicam-se a todos os hólons, de átomos a células, a árvores, a vermes, a lobos, a macacos. Qualquer hólón que não se ajuste adequadamente a todas essas pressões de seleção simplesmente deixa de existir.

Essa formulação quadrática facilita a nossa compreensão da natureza das relações entre as dimensões subjetiva, objetiva, intersubjetiva e interobjetiva da existência. Embora, em algum momento, possamos enfatizar a importância de quaisquer uma dessas dimensões, particularmente a intersubjetiva (especialmente se estiver sendo ignorada pela maioria dos teorizadores), a visão tecnicamente correta é que todas as quatro dimensões surgem simultaneamente e tetraevoluem. Nenhum quadrante é ontologicamente anterior ou primitivo. Nem qualquer quadrante está de fato "em" ou "dentro de" outro quadrante. Os hólons individuais não estão "em" hólons sociais da mesma forma que sub-hólons estão em indivíduos compostos (vide "*On Critics, Integral Institute, My Recent Writing, and Other Matters of Little Consequence*").

Desse modo, frequentemente dizemos que a "intersubjetividade é a base da qual surgem o sujeito e o objeto" – e isso expressa um ponto importante, mas, ainda assim, é apenas parte da história integral (uma parte que enfatizamos porque é frequentemente ignorada). A história completa é que a base real de surgimento não é a intersubjetividade, mas a matriz AQAL completa. Isto é, o momento prévio da matriz AQAL é a base *a priori* em que surge o momento presente (uma base que, se tudo correr bem, será acolhida pelo momento presente e, finalmente, transcendida para o próximo momento AQAL). Portanto, cada quadrante lega ao futuro uma base hereditária (isto é, existe um carma cósmico quadrante a quadrante) e todo hólón deve se adequar às quatro pressões de seleção ou encarar a extinção. Não é que o campo intersubjetivo esteja lá primeiro, para depois o sujeito e o objeto pipocarem, mas que todo hólón tem quatro dimensões, que surgem simultaneamente, e deve interagir num grau significativo sob pena de não sobreviver ao espaço de mundo já existente.

Certamente isso significa que o campo intersubjetivo influencia as ondas de probabilidade da forma de emergência do hólón; mas os campos interobjetivos, as pressões subjetivas prévias e as ressonâncias mórficas objetivas prévias também influenciam. E eles o fazem, não um depois do outro, mas todos juntos e de uma vez. Se o hólón não interagir de um modo fundamental com seu *background* intersubjetivo de pressões mútuas previamente dadas, então ele não surgirá; mas isso também acontecerá se ele falhar no ajuste com a herança dos outros três quadrantes. Nenhum deles sozinho é ontológica ou cronologicamente anterior: o que é anterior é a matriz AQAL *in totum*. O momento AQAL prévio é a herança deste momento AQAL.

O que geralmente aconteceu com os pluralistas pós-modernos é que eles – percebendo corretamente que a base intersubjetiva tinha sido omitida da equação da epistemologia do Iluminismo, que privilegiou ontologicamente o Quadrante Superior Direito – adernaram

inadvertidamente para o bordo oposto e soçobraram: eles privilegiaram ontologicamente o Quadrante Inferior Esquerdo das relações, pluralismo participativo e intersubjetividade (que frequentemente degeneraram em gramatologia do Lado Direito). Mas o grito de guerra comum foi: "as relações são anteriores às coisas relacionadas".

Claro, relação sem algo a ser relacionado nada mais é que uma abstração árida (que secretamente eleva estruturas de valor verdes a absolutos ontológicos). Essa concepção pós-modernista reflete um entendimento pré-integral, pré-quadrático, do Kosmos, onde eventos são considerados como ocasiões existentes que têm de ser relacionadas a vários tipos de esquemas de base/figura ou contexto/conteúdo, em vez de observar que todos eles surgem simultaneamente no espaço AQAL e tetraevoluem em interação mútua. Nem coisas nem relações são anteriores: ambas são simplesmente dimensões ou perspectivas diferentes da matriz AQAL. Como veremos, o pluralismo pós-moderno foi pego em uma forma particularmente intensa de absolutismo de quadrante, assumindo seus *insights* importantes, mas parciais, e os guindando a uma hegemonia de quadrante que marginalizou outras vozes igualmente importantes, um tópico ao qual retornaremos brevemente.

### III – A natureza da transformação social revolucionária

Vamos fazer uma pausa na apresentação teórica e dar alguns exemplos históricos concretos do surgimento de novas ondas de probabilidade, usando como ponto de partida alguns dos *insights* duradouros de Karl Marx sobre transformação sociocultural.

Hoje em dia ouvimos falar muito da necessidade de transformação, da necessidade de novos paradigmas, até mesmo da necessidade de uma "revolução" na sociedade e, certamente, de liderança e de novas formas de pensar. O que menos encontramos são análises detalhadas do que realmente constitui uma transformação social, paradigmas genuinamente novos ou revoluções autênticas. Então vejamos se uma análise AQAL desses termos-chave – transformação, paradigma, revolução – pode nos esclarecer.

#### **A base e a superestrutura devem tetraentrelaçar-se**

Começemos pela natureza de algumas das mais importantes e reconhecidas transformações sociais que encontramos na história – tais como a da sociedade de caça e coleta para a agrária, da mágica para a mítica, da feudal para a industrial. O que impulsiona essas importantes transformações de um modo para o seguinte?

Um dos pontos centrais de Marx, e um ponto que ainda se mostra verdadeiro, é que em torno de uma "base" ou modo de produção tecnoeconômico particular (e.g., caça e coleta), cresce uma visão de mundo ou "superestrutura" (e.g., uma visão de mundo mágica). Agora, para Marx, claro, a base (QID) determina a superestrutura (QIE), enquanto que, para nós, elas tetraevoluem (num jogo de todas as quatro pressões de seleção). Não é que "a base" seja mais real, ou mais fundamental, e "a superestrutura", uma consequência que se apoia e seja determinada pela base material prévia. Ao invés, as duas surgem juntas e tetraenagem mutuamente como parte da matriz AQAL. (Nós ainda continuaremos a nos referir a "base" e "superestrutura", mas a menos que dito em contrário, estaremos nos referindo à versão AQAL.)

Uma das formas mais fáceis de entender as importantes ideias que Marx lançou é considerar pesquisas mais recentes (como as de Lenski) sobre a relação entre modos tecnoeconômicos de produção (caça e coleta, hortícola, pastoril, marítimo, agrário, industrial, informacional) e práticas culturais como escravidão, compra da noiva, formas de guerra, patrifocalização, matrifocalização, gênero das divindades predominantes e assim por diante. Com impressionante uniformidade, modos tecnoeconômicos similares apresentam probabilidades semelhantes para essas práticas culturais (mostrando exatamente como ondas de probabilidade específicas tetraentrelaçam-se firmemente).

Por exemplo, mais de 90% das sociedades que têm divindades apenas femininas são sociedades hortícolas. Por outro lado, 97% das sociedades pastoris são fortemente patriarcais. Apenas 37% das tribos de caça e coleta apresentam o costume de compra da noiva, mas 86% das sociedades hortícolas avançadas o praticam. 58% das tribos de caça e coleta conhecidas tomam parte em guerras frequentes ou intermitentes, mas um surpreendente 100% das sociedades hortícolas o fazem.

A existência de escravidão é talvez mais gritante. Cerca de 10% das tribos de caça e coleta têm escravidão, mas 83% das sociedades hortícolas avançadas a praticam. As sociedades industriais patriarcais foram as únicas que criminalizaram completamente a escravidão; 0% delas a sancionam.

Em resumo, o tipo de base tecnoeconômica de uma sociedade confina suas várias ondas de probabilidade de forma muito intensa. Desse modo, parece existir uma verdade crucialmente importante (embora parcial) contida na mais famosa declaração de Marx sobre esses fatos, que é (parafrazeando): "não é a consciência dos homens que determina sua realidade, mas seus bens econômico-materiais que determinam sua consciência". Isto é, o Quadrante Inferior



Direito (que inclui a base tecnoeconômica) exerce claramente uma profunda influência nos tipos de crenças, sensações, ideias e visões de mundo dos homens e mulheres. Para nós, óbvio, esse é, em todos os sentidos, um problema AQAL – não precisamos seguir a tendência de Marx de absolutizar o QID. Ao mesmo tempo, é realmente muito difícil não superestimar o impacto do QID nas várias formas de consciência e cultura.

Há outra forma de apresentar esse importante ponto: as materialidades de terceira-pessoa exercem um profundo efeito nas realidades de primeira-pessoa e segunda-pessoa. Esse foi o duradouro e essencial *insight* de Marx, que permanece verdadeiro até hoje porque reflete um aspecto importante da matriz AQAL.

Continuando a avaliação histórica de Marx: em torno de uma base tecnoeconômica particular cresce uma superestrutura específica de crenças culturais e visões de mundo. Mas, mais cedo ou mais tarde, ocorrem inovações tecnológicas (o que significa, por exemplo, que, em algum momento histórico, um caçador-coletor descobriu como plantar sementes e colher os produtos das plantações – daí passando de uma base de caça e coleta para uma base hortícola). Justamente porque existem vantagens óbvias para a sobrevivência em plantar e colher (vantagens tão óbvias a ponto de praticamente todos os caçadores-coletores adotarem essa técnica quando necessário), a base tecnoeconômica transformou-se bem depressa da caça e coleta para a horticultura. Uma vez que isso se repetiu em mais hólons tribais, estabeleceu-se finalmente como um hábito cósmico no QID, prontamente disponível para hólons subsequentes.

Mas o ponto fascinante que Marx percebeu foi: a inovação tecnológica acontece muito rapidamente (no QID), simplesmente porque você pode mudar os modos de produção bem depressa: deixe de lado seu arco e flecha, pegue uma enxada, cave um buraco, ponha feijões nele e vigie. Mas a superestrutura – a visão de mundo, os aspectos culturais da religião, significados, crenças, valores compartilhados e assim por diante (QIE) – muda muito mais lentamente, porque não é o caso de pegar apenas um novo pedaço de matéria (no mundo do Lado Direito), mas envolve uma transformação interior subjetiva da consciência (no Lado Esquerdo) – um processo notoriamente lento e difícil. Assim, para quase toda inovação tecnológica difundida, a superestrutura de valores e crenças segue atrás das transformações da base tecnoeconômica. Em resumo, existe uma disjunção entre o QIE e o QID (entre a antiga superestrutura e a nova base, entre velhos paradigmas e novas realidades, entre a cultura antiga e o novo sistema social, entre velhos significados e o novo ajuste funcional, entre a semântica antiga e a nova sintaxe). E isso significa desastre.

Coloquemos assim: as inovações tecnológicas, a fim de ser inovações que realmente superem suas antecessoras, são mais evoluídas e apresentam maior profundidade (neste exemplo, sementeiras que estejam afinadas com o ciclo sazonal da natureza exigem extensa previsão e planejamento temporal – isto é, exigem uma onda de cognição operacional concreta [opcon], enquanto a caça e coleta exige apenas uma onda pré-operacional [preop]). Essa crescente profundidade tecnológica (produto da crescente profundidade cognitiva) é comprovada pelo fato de que inovações tecnológicas apresentam uma sequência evolucionária irreversível. Isto é, se observarmos a evolução tecnológica da caça e coleta para a hortícola, para a agrária, para a industrial, para a informacional, essa sequência nunca acontece no sentido contrário. Exceto por desintegração social, nenhuma sociedade industrial jamais decidiu voltar a ser agrária, que decidiu voltar a ser hortícola, que decidiu voltar a ser caçador-coletoira. Existe um Eros para a sequência: a seta do tempo, como diria Prigogine, é assimetricamente evolucionária.

Em resumo, essa crescente profundidade tecnológica (no QID), da caça e coleta para a horticultura, podia agora sustentar uma crescente profundidade na visão de mundo (no QIE) – isto é, uma mudança do mágico para o mítico. Mas as tribos caçadoras-coletoras que primeiramente começaram a plantação hortícola ainda tinham uma visão de mundo mágica que se adaptara ao, ou tetraentrelaçara-se com o, antigo modo de caça e coleta. Assim, havia uma disjunção, uma fricção, uma contradição, entre base e superestrutura (para nós, entre

QID e QIE). Elas tinham uma base tecnoeconômica capaz de sustentar uma nova e avançada visão de mundo mítica, mas estavam presas a um "velho paradigma" – a antiga visão de mundo mágica adaptada a uma base de caça e coleta, que não existia mais como modo de produção significativo. (Como diria Marx, as relações de produção estavam fora de sincronia com as forças de produção.)

Uma vez que o QIE e o QID não mais se entrelaçavam, algo teria de acontecer: um quadrante passaria por uma dolorosa desconstrução. Ocorreria uma profunda revolução cultural a fim de permitir um tetraentrelaçamento com a revolução tecnossocial que acabara de ocorrer.

Foi a genialidade de Marx que detectou essas tensões e contradições internas entre base e superestrutura (QID e QIE) à medida que novas bases tecnoeconômicas emergiam historicamente; e ele compreendeu intuitivamente que se não houver tetraentrelaçamento, ocorre uma tendência a dar errado, já que a cultura recém-surgida (entrelaçada com a nova base) é atacada pela cultura antiga (ajustada funcionalmente à base antiga). Isso é normalmente interpretado através da ideia de que a história é impulsionada por lutas de classes, mas o ponto crucial para Marx é que as classes são definidas em relação a um modo particular de produção – a luta se dá entre os diferentes modos tecnoeconômicos e as visões de mundo que eles sustentam. À medida que novos modos tecnológicos emergem, visões de mundo mais progressistas e expansionistas são disponibilizadas, mas frequentemente são necessárias revoluções sociais para sincronizar novamente os quadrantes (mais sobre esse assunto em breve). Tempo, história, profundidade e Eros estão do lado da cultura recém-surgida, mas a transição do antigo paradigma para o novo paradigma é normalmente desagradável.

Resumindo, uma das principais causas de guerras culturais é que ocorre uma fratura na matriz AQAL, uma disjunção entre o QIE e o QID que rasga o tecido coletivo, normalmente com violência. E isso acontece porque as transformações no QID, ou na base tecnoeconômica (que envolvem apenas mudanças materiais), podem ser implantadas muito mais depressa do que mudanças no QIE, na superestrutura, na cultura ou na visão de mundo reinante (que exigem mudança não só na matéria, mas na consciência). Desse modo, como se diz frequentemente, os desenvolvimentos tecnológicos correm à frente de nossa sabedoria de como usá-los (entre outras coisas).

Agora, é claro que isso não é uma questão imediata ou singular. O que Marx não viu a esse respeito é o que praticamente todo mundo também não vê: não é que cada sociedade tenha um modo tecnológico monolítico único e uma visão de mundo monolítica única, e que os dois tenham de se combinar de alguma forma. Ao contrário, cada sociedade é um espectro de realidades AQAL: existem indivíduos em todos os níveis do espectro da consciência, pelo menos até o nível médio da respectiva cultura (alguns indo além). E existem bolsões de todos os modos de tecnoprodução até a ponta de lança: mesmo nas sociedades industriais, existem quadrilhas de rua vermelhas caçando por sua existência, e os fazendeiros de Kansas ainda estão plantando sementes. Então não há apenas uma base única e uma superestrutura única, tal que uma contradição interna entre elas possa impelir as transformações importantes que marcaram a história. A ideia geral de Marx – a do descasamento entre o QIE e o QID, causando contradições e tensões coletivas internas – ainda é verdadeira, mas o descasamento abrange o espectro da consciência até a onda média mais elevada da sociedade particular, e em todos os quatro quadrantes, com suas muitas ondas e correntes (as quais têm de se tetraentrelaçar na configuração AQAL, ou algo acontecerá).

No mundo ocidental moderno, as principais guerras culturais envolvem não só valores tradicionais contra valores modernos, contra valores pós-modernos, como também modos de setores tecnoeconômicos agrícolas, industriais e informacionais, com visões de mundo míticas, racionais e pluralistas (respectiva e correlatamente). No mundo não ocidental, os conflitos importantes são entre caça e coleta/tribal e mítico/agrário em guerra contra os modos moderno/industrial e pós-moderno/pluralista.

Portanto, as tensões socioculturais (e as crises de legitimação) abrangem o espectro completo, com várias culturas e subculturas em diversas combinações de entrelaçamentos estáveis e instáveis. No que se refere ao sistema social do QID e sua base tecnoeconômica, o que geralmente acontece é que uma inovação tecnológica surge na mente de um indivíduo criativo (QSE) – por exemplo, James Watt e a máquina a vapor. Essa ideia inovadora é comunicada a outros pelo comportamento verbal e cognitivo do inventor (QSD), até que um pequeno grupo de indivíduos finalmente a entenda (QIE). Se a ideia for suficientemente atrativa, será por fim transformada em formas concretas (e.g., a construção de máquinas a vapor reais), que agora farão parte da base socioeconômica (QID). Já que adotar a base exige apenas uma mudança material, e não uma mudança de consciência, a revolução tecnológica pode se espalhar pelo sistema social de forma extremamente rápida – deixando a visão de mundo cultural antiga completamente fora de sincronia com as novas realidades.

A mudança dessa visão de mundo cultural exige, claro, uma difícil transformação subjetiva de consciência, a fim de se tetraentrelaçar com as novas realidades sociais de maior profundidade. E a única forma como isso geralmente acontece é: um grupo de indivíduos que se desenvolveu precocemente até a onda mais elevada de cultura e consciência acaba finalmente assumindo – por meios pacíficos ou não – o leme de um sistema de governo inovador, cujas características são as de uma nova onda de probabilidade (em consciência, cultura e técnica) – isto é, a mesma nova onda que produziu a nova técnica.

Assim, por exemplo, a cognição operacional concreta, que produziu a tecnologia hortícola, conseguiu também sustentar uma mudança de governo pré-convencional para formas de governo sociocêntricas, convencionais, transtribais, que uniram não só blocos políticos maiores com linhagem não ligada a parentesco, como também promoveram a passagem da visão de mundo mágica para a visão de mundo mítica. E, concomitantemente, a nova técnica hortícola sustentou e imprimiu ativamente uma visão de mundo mítica: donde a tetraevolução. (Marx estava certo quando afirmou que, para a maioria das pessoas, a base tecnoeconômica é um importante fator determinante de sua consciência; mas ele omitiu de onde ela veio originalmente: isto é, da consciência do inventor, que determinou claramente a base. Em outras palavras, Marx omitiu a matriz AQAL e tendeu a absolutizar o Quadrante Inferior Direito, um absolutismo com o qual não precisamos concordar para apreciar suas importantes verdades, embora parciais.)

Similarmente, a cognição operacional formal, que produziu a máquina a vapor, pôde também sustentar a mudança de formas convencionais para formas pós-convencionais de governo (e.g., da aristocracia para a democracia republicana representativa) – como também, uma transformação da visão de mundo mítica para a racional – de tal modo que, mais uma vez, todos os quadrantes, no mesmo nível de profundidade, tetraimprimiram os outros.

Usando o exemplo da passagem da tribo/mágico/caça e coleta para a aldeia/mítico/hortícola: embora a nova cultura mítica esteja na vanguarda da evolução coletiva, existem ainda bolsões e subculturas de valores arcaicos e mágicos – a sua existência causa guerras culturais internas de grande significado (as batalhas históricas entre o mágico e o mítico são legendárias; vide *Up from Eden*). Portanto, não é que exista simplesmente uma arrebatadora guerra cultural entre uma época e outra, mas que, numa mesma época considerada, ocorrem guerras culturais internas representando os bolsões de hábitos cósmicos ainda disponíveis por si mesmos.

## **Paradigmas**

A propósito, este relato de transformações históricas através das pressões de seleção AQAL está em consonância com as observações de Kuhn sobre as revoluções científicas, que são simplesmente um subconjunto da matriz transformacional AQAL que estamos esboçando. Resumidamente: certas descobertas factuais no mundo do Lado Direito não conseguem ser explicadas por nenhuma visão de mundo científica do Lado Esquerdo e, então, ocorre uma grave disjunção entre base e superestrutura, tal que se torna necessária uma revolução

frequentemente dolorosa nas estruturas de crenças e visões de mundo para manter a coerência com as informações factuais. Thomas Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, apresentou centenas de mudanças de paradigma ou revoluções na prática científica.

O modo como Kuhn usou o termo "paradigma", claro, tem sido mal compreendido pelo público, pela maioria dos críticos e por aqueles que se apropriaram do termo, usando-o incorretamente como algum tipo de teoria ou superteoria. Fritjof Capra, Stan Grof, Duane Elgin, Richard Tarnas, Charlene Spretnak – a lista é praticamente infinita – diriam que uma nova teoria holística ou ecológica deve substituir a antiga visão de mundo atomística newtoniano-cartesiana, e isso seria um novo paradigma. Mas esse uso tipicamente incorreto foi exatamente o que fez Kuhn retroceder. "Paradigma", para Kuhn, não significa a teoria ou a superestrutura, mas a base ou a prática social. O paradigma é um equivalente quase exato de base tecnoeconômica, prática social, injunção comportamental ou exemplar.

Isto é, um paradigma é um conjunto de práticas sociais e exemplares comportamentais – tipos específicos de experimentos, por exemplo, que gerem um conjunto específico de dados ou ocasiões factuais. Um paradigma, exemplar, ou injunção gera, enage e ilumina um conjunto particular de fenômenos, dados, experiências ou apreensões. (Daí por que minha teoria ampla de boa ciência ter três etapas principais: injunção ou paradigma, dados ou apreensões enagidos e confirmação/rejeição. A primeira etapa foi modelada para levar em conta o importante trabalho de Kuhn, ao mesmo tempo em que o insere em um contexto maior da fenomenologia, falseacionismo e outros fatores parciais igualmente importantes.)

Desse modo, um paradigma, como Kuhn usou o termo, poderia ser um conjunto particular de experimentos que produzissem raios X. Esses experimentos, injunções, ou práticas sociais (Quadrante Inferior Direito) tornam-se os modelos ou exemplares de como fazer boa ciência nesse campo específico. Outros cientistas usam e modelam essas práticas exemplares para produzir (enagir e gerar) mais dados, fenômenos ou ocasiões factuais. E – quase exatamente como em Marx (porque ambos estavam cientes da natureza AQAL) – surgem em torno dessa base ou paradigma (QID) várias superestruturas, teorias, ou visões de mundo (QIE) que são moldadas e determinadas pela base.

Assim, por exemplo, o edifício teórico da Física Newtoniana cresceu em torno de um conjunto completo de experimentos e paradigmas físicos. Isto é, teorias e visões de mundo do QIE cresceram em torno da base de produção tecnológica do QID. Ou novamente, em torno da base de produção de dados e paradigmas injuntivos do QID (que enagem e geram vários tipos de dados, experiências e fenômenos) cresceram várias teorias, superestruturas e visões de mundo do QIE, que tentaram explicar os dados enagidos factualmente. A base ou paradigma ajuda a determinar a consciência dos cientistas a esse respeito (da mesma maneira que a base tecnoeconômica ajuda a determinar a consciência do indivíduo numa sociedade – embora, de novo, para nós seja uma questão AQAL que não privilegia unicamente um quadrante, nível, linha ou estado). Como vimos com Marx, o ponto essencial é que materialidades de terceira-pessoa afetam profundamente realidades de primeira-pessoa e segunda-pessoa.

Esse arranjo – que é "ciência normal" para Kuhn – funciona bem desde que os dados gerados pelo paradigma continuem a se ajustar à visão de mundo prevalecente. A teoria newtoniana, por exemplo, funcionou muito bem por um longo tempo explicando todos os dados que tinham sido gerados até então. Com algumas exceções... como a radiação do corpo negro. Isto é, à medida que experiências cada vez mais sofisticadas foram inventadas, geraram-se novos dados que não podiam ser explicados de nenhuma forma pelas teorias antigas. Assim, a base de produção tecnológica – o novo paradigma – estava gerando experiências que não podiam ser levadas em conta pelas teorias antigas. A nova base precisava de uma nova visão de mundo e, desse modo, a ciência passou por mais outra "revolução", ou mudança dramática de visão de mundo, para acompanhar o aumento progressivo em profundidade do novo paradigma, que exigia uma nova teoria com maior profundidade.

E sim, isso era progresso científico, como Kuhn deixou bem claro ("eu sou um firme partidário do progresso científico"), novamente mostrando sua (correta, eu creio) concordância com Marx nesse aspecto essencial (isto é, existe um Eros progressivo para a sequência, ou então "revoluções" não são de fato revolucionárias, mas meramente velhos ciclos que não vão a lugar nenhum).

Claro, praticamente todos os teorizadores atuais do "novo paradigma" – inclusive todos os autores recentemente mencionados e, literalmente, centenas de outros – afirmam que têm um novo paradigma, quando de fato não têm tal coisa. Tudo que eles têm é uma nova teoria, não uma nova base, não um novo conjunto de injunções para gerar novos dados, não um novo exemplar. A versão irrefletidamente popular de "paradigma" põe o carro adiante dos bois e simplesmente apresenta uma nova teoria sem nenhum paradigma novo – isto é, os "novos paradigmas" são uma versão totalmente boomerítica da importante pesquisa de Kuhn (vide *Boomerite*, capítulo 8).

Sempre que um novo (e real) paradigma enage e gera novos dados, as antigas teorias e visões de mundo passam por uma crise que somente pode ser resolvida por um aumento progressivo de profundidade que acompanhe o aumento de profundidade do novo paradigma ou base tecnoprodutiva. Seja essa crise (ou choque de paradigmas – o que significa, choque entre várias forças tecnológicas de produção de dados, ou choque entre os tipos de experiências e exemplares que são considerados como produtores de dados mais significativos) resolvida por revolução explícita ou reforma mais tranquila (vide a seguir), os resultados são os mesmos: um aumento de profundidade tanto no Quadrante Inferior Direito quanto no Quadrante Inferior Esquerdo (e, portanto, no Quadrante Superior Direito e no Quadrante Superior Esquerdo para todos os envolvidos). Em resumo, todas as quatro pressões de seleção no espaço AQAL entram em cena e conspiram para que Eros ande uma casa para frente no jogo cósmico. (Isso não significa que todo progresso seja doce e suave; como veremos a seguir, novos progressos e novas patologias seguem normalmente de mãos dadas, mas esse fato em si não é suficiente para negar os aspectos do desenvolvimento que podem representar, e representam, aumentos genuínos e progressivos de profundidade.)

Mas observamos imediatamente que um choque de paradigmas é realmente um subconjunto pequeno de fenômenos muito maiores e mais importantes; portanto, vamos em frente para essa discussão mais abrangente.

### **Crise de legitimação**

Um choque de paradigmas é realmente um bom exemplo do que é mais geralmente conhecido como uma crise de legitimação.

Primeiramente, alguns termos técnicos. Na minha abordagem, legitimidade refere-se a adequação em interpretação horizontal, e autenticidade refere-se a adequação em transformação vertical (vide, e.g., *Um Deus Social*). Assim, autenticidade é uma medida do grau de profundidade ou elevação de um sistema de crenças (de forma que uma visão de mundo turquesa é mais autêntica que uma visão de mundo azul), e legitimidade é uma medida de quão bem funciona uma visão de mundo em seu próprio nível. Uma visão de mundo particular<sup>30</sup> pode ser muito legítima (ou aceita com satisfação pela maioria dos membros da cultura), mas não muito autêntica, (por exemplo, uma estrutura de crenças roxa ou vermelha). Por outro lado, algumas visões de mundo podem ser muito autênticas (representando, digamos, cognição turquesa ou visão-lógica) e ainda assim não serem muito legítimas (ou não serem aceitas pelas classes dominantes ou dominadas).

Uma crise de legitimação, no sentido mais amplo, é um desarranjo na adequação de um modo particular de interpretar e compreender o mundo – isto é, um desarranjo na adequação de uma visão de mundo particular e sua capacidade de impor obediência. Isso pode acontecer em qualquer cultura ou subcultura (inclusive a científica, como acabamos de ver), mas

apresenta particular importância na arena política. Desse modo, um ente governante (cacique, monarca, plutocracia, aristocracia, democracia, etc.) é tido como legítimo se for amplamente aceito pelo governados (ou se, alternativamente, existirem boas razões legais/morais para sustentá-lo). A legitimação é o processo pelo qual os membros de uma sociedade acreditam em (e, portanto, seguem) os entes governantes dessa sociedade. E as teorias de legitimidade tentam explicar (e/ou justificar) por que um sistema particular de governo tem a aceitação e a obediência de seus membros (as razões explicativas para essa aceitação abrangem um espectro que vai de uma mera funcionalidade de um lado a razões mais substantivas de outro).

Portanto, uma crise de legitimação política significa uma crise sociocultural nos modos prevalentes de interpretação (em qualquer nível considerado) dos sistemas de governo da cultura (seja ela política, científica, médica, educacional, etc.). Uma crise de legitimação, no sentido mais amplo, é uma crise de fé na visão de mundo prevalente e nos entes de governo que representam essa visão de mundo.<sup>12</sup>

Na virada do século XX, Max Weber publicou um tratado extremamente influente (*Economia e Sociedade*), no qual identificou três principais fontes de legitimidade política (ou razões por que as pessoas seguem um sistema ou regime particular de governo): costumes ou tradições; procedimentos legal-rationais (e.g., votar); e carisma individual. Embora essas três fontes de legitimação política realmente existam, a análise de Weber dessas fontes de legitimidade foi basicamente funcional – isto é, elas não foram vistas como boas ou corretas, mas simplesmente como as que funcionavam. Essa visão essencialmente funcionalista da legitimidade continua (implícita ou explicitamente) a ser aceita pela maioria dos teorizadores de sistemas, inclusive pelo famosíssimo Niklas Luhmann.

Outros teorizadores, preocupados com o fato de a análise de Weber ser meramente funcional, e não moral ou normativa (podendo, portanto, ser usada para conferir legitimidade, digamos, ao Nazismo, desde que ele operasse funcionalmente – isto é, no funcionalismo, a legitimidade é reduzida à capacidade do estado de gerar convicção em sua legitimidade: a redução padrão da teoria de sistemas de todos os valores do Lado Esquerdo ao ajuste funcional do QID), adicionaram outras visões de legitimidade e suas justificativas, particularmente aquelas focadas em direitos (questão que passa por Hobbes, Locke, Kant, Rawls, Habermas). Nessas visões, um sistema de governo é legítimo (e desse modo merece a obediência de seus membros) se garantir certos direitos humanos, normalmente assegurados por uma espécie de contrato social entre governados e governantes. Retornaremos a essa importante questão em breve.

Uma quinta visão de legitimidade deve ser adicionada: a pós-moderna, que abandona a busca por bases universais de justificação e retorna a tradições narrativas locais sob a bandeira da pluralidade e diversidade (quando então se torna pragmaticamente indistinguível da primeira forma de legitimidade, aquela dos costumes/tradições e, assim, é forçada a justificar qualquer forma de barbarismo local – como muita coisa no pós-modernismo, ela degenera em desenvolvimentos regressivos).

Agora, todas essas fontes e visões de legitimidade (corretas ou incorretas) estão presentes no mundo de hoje, inclusive costumes tradicionais, liderança carismática e contratos sociais implícitos ou explícitos. Ocorre uma crise de legitimação quando a crença na visão de mundo dominante e em seus representantes começa a se romper, e esse desarranjo é, em todos os sentidos, uma questão AQAL – fatores de todos os quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos entram em cena, resumidos como "pressões de seleção em todos os quatro quadrantes"; se essa turbulência for suficientemente grave, impulsiona "revoluções sociais".

## **Revoluções sociais**

Durante qualquer crise disseminada de legitimação política (da mesma maneira como vimos crises científicas profundas), quando a turbulência na matriz AQAL alcança um limite crítico,

a interpretação é rompida e segue-se uma transformação – isto é, modos horizontais de interpretação deixam de ser efetivos e torna-se necessária uma transformação vertical para novos modos, a fim de atender às novas pressões de seleção.

Mas uma "transformação social" pode ser tanto progressiva quanto regressiva – isto é, a mudança vertical de níveis pode ser inovadora ou retroativa, um salto para níveis mais elevados de complexidade organizacional ou um recuo para estados mais baixos, menos complexos, mais primitivos. Veremos exemplos de ambas.

Por outro lado, muitas "revoluções sociais" não se caracterizam, de fato, pelo movimento para níveis mais elevados ou mais baixos; elas são, em essência, apenas formas diferentes de interpretar o mesmo nível de cultura, consciência e complexidade. Na verdade, o significado original de "revolução" não era absolutamente progressivo ou transformacional, mas meramente circular. Isto é, para praticamente todos os teorizadores políticos ao longo da maior parte da história, uma "revolução" social ou política não era um salto importante para um nível mais elevado ou mais profundo de alguma coisa, mas meramente uma questão cíclica, circular ou rotativa – a própria palavra revolução vem de "revolver" e significa exatamente isto, um movimento em círculo do mesmo padrão antigo, sem ir basicamente a lugar nenhum. Assim, Platão e Aristóteles analisaram as mudanças cíclicas nos governos, de aristocracias para tiranias, para democracias e novamente para aristocracias. Os estudiosos do Renascimento Italiano introduziram o termo *revoluziones* para descrever o padrão alternado de facções populares e aristocráticas. Thomas Hobbes usou a palavra inglesa *revolution* para descrever a transferência circular do poder do rei para o parlamento e de volta para o rei. Nada nessas mudanças era considerado progressivo, permanente ou transformacional.

E aí, pela primeira vez na história, a palavra "revolução" foi usada por um teorizador político com o significado de mudança ou transformação vertical para níveis ou modos mais elevados de ser e governar. O teorizador? Nenhuma surpresa: Karl Marx (e Frederick Engels), no Manifesto Comunista (1848), que tentou demonstrar que tudo na história é, de fato, uma série de revoluções (ou transformações mais elevadas) ligadas ao progresso econômico. Desde então, os partidários da transformação e de novos paradigmas vêm falando sobre suas novas ideias "revolucionárias".

Além disso, como dissemos, Marx teve uma série de *insights* duradouros. Primeiramente, ele escreveu após a histórica percepção que a história é importante: isto é, o entendimento de que a evolução toca todas as áreas do mundo manifesto. Esse *insight* crucial, enagido pela primeira vez pela onda de probabilidade laranja – e intensificado pela amarela – impulsionou as profundas mudanças na compreensão da própria humanidade, expressas na emergência das interpretações evolucionárias do Kosmos, que começaram a surgir em tudo – na biologia (Darwin), na sociologia (Spencer, Comte), na psicologia (Baldwin), na filosofia (Schelling, Hegel): não apenas as espécies, mas as ideias também evoluem e têm uma história.

Foi por sua genialidade peculiar que Marx percebeu a necessidade de relacionar esses desdobramentos históricos evolucionários a estruturas tecnoeconômicas (ainda que ele tenha exagerado um pouco), e é por isso que é uma boa prática considerarmos Marx sempre que falamos de "transformações" e "revoluções" sociais, porque, em caso contrário, a discussão fica focada meramente em mudanças de ideias, consciência ou cultura, sem a compreensão da absoluta necessidade de também relacionar quaisquer mudanças reais ao Quadrante Inferior Direito das materialidades sociais. (Como vimos, um paradigma real é uma prática do QID, não uma teoria ou visão de mundo do QIE; comentamos anteriormente que materialidades de terceira-pessoa exercem um profundo efeito sobre realidades de primeira pessoa e segunda-pessoa – e foi Marx quem primeiro detectou esse ponto crucialmente importante.)

Portanto, para Marx a história era marcada (pelo menos em parte) por uma série de revoluções ligadas a mudanças progressivas (ou verticalmente transformativas) da

capacidade tecnoeconômica. Em cada caso, uma classe econômica mais antiga, mais primitiva, retrógrada e frequentemente opressora (com sua visão de mundo, filosofias e estruturas de crença antiquadas), que se beneficiava da velha base tecnoeconômica, era dominada por uma nova classe emergente, cujo poder originava-se de forças de produção tecnoeconômicas mais avançadas. O importante momento de verdade em tudo isso é que existe realmente um Eros paulatino e global para a sequência – existe um lento aumento progressivo no desenvolvimento da cognição, cultura e forças de produção tecnoeconômicas (da pedra para a lança, para o arado, para a máquina a vapor, para o computador). E se ocorrer uma crise social particular na cúspide de um desses importantes aumentos em profundidade do desenvolvimento, então a única coisa que solucionará a tensão e turbulência no espaço AQAL é uma transformação social e revolução cultural verticais (ou, no mínimo, uma profunda reforma cultural). Em resumo, a única cura real para uma crise de legitimidade é um aumento da autenticidade.

Os *insights* iniciais de Marx sobre esse processo são sólidos e duradouros. Mas, da mesma forma que Freud, embora as ideias gerais de Marx fossem normalmente confiáveis, ele conseguiu errar praticamente em todos os detalhes. E seu notório reducionismo, similar ao de Freud, é algo que, felizmente, podemos desconsiderar. (A afirmação de Marx que citamos anteriormente – "não é a consciência dos homens que determina sua realidade, mas seus bens econômico-materiais que determinam sua consciência" – torna-se interessante apenas à medida que o significado da palavra "determina" tende para de "causa", o que de fato nunca acontece. Pelo contrário, as realidades econômico-sociais do QID são parte dos elementos cruciais que tetra determinam a natureza de qualquer ocasião real.) Mas exatamente por essa razão (limitada), os *insights* de Marx são uma parte importante de qualquer análise AQAL de transformação social e revolução cultural. Toda revolução, toda transformação, toda mudança de consciência e cultura, que realmente persistem, têm necessidade de um componente do Quadrante Inferior Direito, e se esse componente não estiver presente e for proeminente, você pode recusar quaisquer afirmações sobre um novo paradigma, uma grande transformação ou uma nova e revolucionária qualquer coisa.

Na maior parte das vezes, claro, a maioria das "revoluções" políticas não se posiciona na cúspide de nenhuma mudança verdadeiramente vertical em qualquer dos quadrantes. Como as mutações na natureza, as revoluções na política são normalmente letais, não benéficas, ou, no máximo, o que seu nome originalmente significava, meras mudanças circulares ou superficiais de guarda no regime subjacente fundamentalmente idêntico (isto é, elas são um baralhamento da estrutura superficial sobre a mesma estrutura profunda do espaço AQAL). Somente um punhado de revoluções verdadeiras cavalgam a cúspide de Eros. A Revolução Americana pegou a onda inicial do azul para o laranja e, então, representou uma transformação vertical profunda. Mas no século XX houve mais de cem "revoluções" – a maior parte delas, simplesmente, um selvagem baralhamento das cartas.

Como ressaltado por um historiador: "O que talvez mais chame a atenção sobre as revoluções neste século seja a quantidade e variedade completa. Do início ao fim, em todas as partes do mundo, as revoluções moldaram a vida política.". México, Arábia Saudita, China, Peru, Irã, Rússia, Alemanha, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Vietnã, Argélia, Nicarágua, Argentina, Congo, Zimbábue, Cuba, Colômbia, Portugal, Filipinas, Camboja – a lista das revoluções do século XX é virtualmente infinita. Poucas dessas revoluções estavam ligadas a alguma corrente vertical de qualquer quadrante; pelo contrário, foram mudanças de estrutura superficial ou "cíclicas" essencialmente sobre o mesmo espaço AQAL. Chame-as de "revoluções horizontais", se preferir.

Historiadores, como Jack Goldstone, identificaram quatro principais fatores que respondem pela maior parte dessas revoluções horizontais, e quanto mais desses fatores forem encontrados na configuração AQAL de uma cultura particular, mais provável se torna a ocorrência de uma revolução política (horizontal):



1. Um governo debilitado, normalmente devido a razões econômicas. A debilidade dá ensejo a um golpe revolucionário.
2. Uma mudança no equilíbrio de forças entre as principais elites da cultura. Elites típicas incluem oficiais do exército, líderes políticos, altos burocratas, líderes culturais e religiosos, líderes trabalhistas e sindicais, e intelectuais. Essas elites normalmente competem pelo poder seguindo várias "regras do jogo" implicitamente aceitas pela cultura, mas, ocasionalmente, devido a vários fatores, ocorre um descontrole na distribuição de poder e uma elite assume o controle ou surge uma nova elite – "tal liderança de uma elite é um pré-requisito para revoluções" (Goldstone, *Revolution and Rebellion in the Early Modern World*). Contribuem para o tumulto entre as elites na matriz AQAL o comércio internacional de mercadorias e ideias, novos investimentos, ajuda externa, apoio militar, novos meios e oportunidades econômicos.
3. Rápido crescimento populacional, que tende a aumentar a pobreza e reduzir os recursos, enfraquecendo trabalhadores e camponeses, e pressionando os governos.
4. Intervenção internacional errática. O consenso internacional frequentemente susta revoluções e sua falta as encoraja.

A experiência tem demonstrado que, quanto maior o número desses fatores presentes numa sociedade, maior a probabilidade de ocorrer uma revolução. Nós enunciaremos assim: quanto maior o número desses fatores presentes na configuração AQAL de qualquer sociedade, maior a probabilidade de que esse espaço AQAL também contenha, como uma ocasião real, uma crise de legitimação que atingirá um limite crítico e será seguida por uma revolução político-social (horizontal).

Ainda mais: os estudiosos concordam que tais revoluções aumentam o nacionalismo, a mobilização das massas e o poder do estado, subprodutos comuns das revoluções, que frequentemente levam à guerra.

As únicas regiões do mundo contemporâneo não afetadas por esses quatro fatores são a Europa e a América do Norte, o que significa que o resto do mundo ainda está propenso a – e muito provavelmente continuará a sofrer – violentos movimentos revolucionários, com o crescimento proporcional do sofrimento humano.

De fato, desconsiderando as duas Guerras Mundiais, a maior parte do sofrimento humano no século XX proveio de revoluções e tentativas subsequentes de sustentar instituições revolucionárias: na União Soviética, Europa Central e Oriental, China, África, Ásia, Camboja, dezenas de milhões de pessoas foram executadas, passaram fome, foram torturadas ou presas com o intuito de se criar estados revolucionários, todos eles prometendo soberania para o povo, quando as pessoas não estavam nem próximas da capacidade de tê-la, ou sequer desejá-la.

O fato difícil de ser percebido por "revolucionários" de todas as espécies – políticas, acadêmicas, culturais – é que uma revolução autêntica é, em todos os sentidos, uma questão AQAL, demandando não apenas um "novo paradigma", não apenas uma nova visão de mundo, não apenas uma nova base tecnoeconômica, não apenas um novo sistema social e não apenas um novo conjunto de ideias, mas todos eles e todos ao mesmo tempo. Não acontecendo isto, as revoluções sociais são quase sempre simplesmente uma ocasião para mais carnificina humana de uma forma ou de outra.

### **O quinto fator**

Outro item que normalmente falta em qualquer entendimento sobre transformação social é a parte "todos os níveis" dos parâmetros AQAL. Um crescimento do desenvolvimento social ou exterior só pode ser sustentado por um crescimento correspondente do desenvolvimento

interior da consciência e cultura. Simplesmente tentar implantar uma nova forma de governo, sistema político ou rede de distribuição social sem um desenvolvimento correspondente nos níveis das dimensões interiores da consciência tem levado, historicamente, a fracassos na transformação social.

Por exemplo, o próprio conceito de contrato social (que é a base da maioria das formas de legitimação sofisticadas, inclusive das democracias representativas atuais) é em si o produto de um estágio-5 de desenvolvimento moral (laranja ou superior). Além disso, a onda de probabilidade laranja surgiu numa escala bem difundida apenas há três séculos. Por essa razão, não é por acaso que sistemas democráticos de governo (da natureza de um contrato social) são desenvolvimentos muito recentes na evolução humana, emergindo de forma disseminada somente após o Iluminismo Ocidental.

De fato, foi o aparecimento histórico da onda de probabilidade laranja nos quadrantes do Lado Esquerdo (isto é, a mudança gebseriana do mítico para o mental), acoplada a profundos avanços da capacidade tecnocognitiva, representados, por exemplo, pela máquina a vapor sobre o moinho de vento (nos quadrantes do Lado Direito), que inseriu Eros na sequência de desdobramentos histórico-desenvolvimentistas e, desse modo, aumentou sensivelmente a probabilidade de que, entre as revoluções que ocorreram naquela época, pelo menos algumas fossem de natureza verdadeiramente transformativa, vertical e significativa.

Isto é, a existência de um quinto fator – a saber: o significativo aumento de profundidade em quaisquer dos quadrantes da configuração AQAL de uma sociedade específica – quando adicionado aos outros quatro fatores (esboçados acima), aumenta substancialmente a probabilidade de que uma revolução meramente horizontal se transforme também em uma revolução vertical.

Colocado diferentemente, quando a configuração AQAL de uma sociedade apresenta os fatores de risco normais para uma revolução horizontal, mais um quinto fator (isto é, um aumento de profundidade em quaisquer dos quadrantes), então as pressões de seleção AQAL incluirão um elemento de Eros (ou o empuxo morfogenético para maior profundidade, complexidade, consciência e cuidado) e, desse modo, forçarão um aumento de autenticidade em todos os quadrantes, ou um aumento no nível de desenvolvimento da consciência, cultura e complexidade, porque somente através de um aumento de profundidade (ou um aumento de autenticidade) em todos os quadrantes, a tensão, turbulência e tumulto criados pelo desarranjo nos processos de interpretação, sinalizados por uma crise de legitimação, podem encontrar algum tipo de solução. Em resumo, o aumento efetivo da profundidade em qualquer um dos quadrantes cria uma tensão que só pode ser resolvida por um aumento correspondente de profundidade também nos outros quadrantes.

A natureza exata dessa solução e a natureza exata das configurações das estruturas superficiais, que satisfarão as conturbadas pressões de seleção no espaço AQAL, não podem ser determinadas ou especificadas de antemão ou antes do fato (devido ao aspecto inerentemente criativo ou inovador de todas as transformações verticais e emergentes autênticas: se pudéssemos predizê-las, não seriam emergentes); mas, como em qualquer transformação vertical complexa, seus caminhos podem ser entendidos, após o fato, por um pesquisa reconstrutiva, que nos diz o que aconteceu, e por uma interpretação AQAL que pode melhor nos ajudar a entender por que e como aconteceu.

Grandes transformações sociais verticais são relativamente raras, pelo menos de maneira difundida e significativa. Historiadores que dão atenção à verticalidade (da consciência, cultura e complexidade – isto é, em quaisquer dos quadrantes) descobriram apenas cerca de meia dúzia de transformações verdadeiramente profundas (e.g., caça e coleta – mágica, hortícola – mítico-primitiva, agrária – mítico-desenvolvida, industrial – racional, informacional – pluralista).<sup>13</sup> Marx focalizou as mudanças verticais de modos tecnoeconômicos (ou o Quadrante Inferior Direito), que são claramente uma das dimensões extremamente importantes em transformações sociais, simplesmente porque materialidades

tecnoeconômicas afetam constantemente todos os membros de uma sociedade (e são, como sugerido em um nota explicativa, provavelmente o mais forte fator determinante isolado do nível médio de consciência de uma cultura).<sup>14</sup> O trabalho de Gerhard Lenski sobre os estágios de desenvolvimento tecnoeconômico é provavelmente o mais sofisticado nessa linha de abordagem, e seus estágios tecnoeconômicos são agora praticamente indiscutíveis para os estudiosos: caça e coleta, hortícola, agrário, industrial e informacional (com os ramos laterais marítimo e pastoril, ambos aproximadamente no nível hortícola para o agrário). Esses estágios são uma parte padrão da minha versão do Quadrante Inferior Direito da matriz AQAL.

Foi Jean Gebser que apresentou o primeiro relato interessante das transformações culturais relativas ao Quadrante Inferior Esquerdo (embora os *insights* pioneiros a esse respeito tenham surgido de teorizadores como Schelling, Hegel e James Mark Baldwin). Ainda que Gebser não tivesse nenhuma compreensão clara da sua relação interna com modos de produção (isto é, Gebser tinha uma abordagem pré-quadrática), seus estágios de transformação cultural ou de visões de mundo também não são contestados por estudiosos importantes (embora as interpretações de seu significado às vezes difiram): arcaico (bege), mágico (roxo), mítico primitivo (vermelho), mítico desenvolvido (azul), mental-racional (laranja), integral-aperspectivo (verde e acima, mas especialmente amarelo). Esses estágios gerais (concebidos como ondas de probabilidade) são uma forma influente de interpretar o Quadrante Inferior Esquerdo na matriz AQAL.

Quando essas visões de mundo culturais surgiram pela primeira vez, o nível de complexidade cognitiva inserido nelas, quando relacionado ao mundo exterior, pôde produzir modos correlatos de produção tecnoeconômica (que, por sua vez, tenderam a inculcar o mesmo nível de profundidade nos usuários da base). Desse modo, quando a dimensão interobjetiva de uma ocasião real aparece como um modo de caça e coleta, a dimensão intersubjetiva aparece como uma visão de mundo mágico-arcaica; quando a dimensão interobjetiva aparece como hortícola, a dimensão intersubjetiva tende em direção à mítica primitiva; agrária, à mítica desenvolvida; industrial, à mental-racional; informacional, à integral-aperspectiva.

Eu disse que essas correlações se mantiveram "quando surgiram pela primeira vez", porque o ponto fundamental sobre modos tecnoeconômicos é que, uma vez que tenham sido produzidos por um nível particular de consciência, eles podem ser usados praticamente por qualquer nível de consciência (independentemente se ele pode produzi-los ou não). Desse modo, um dos horrores do mundo moderno é que tribos etnocêntricas, que sozinhas só conseguiriam produzir um arco e flecha, podem agora lançar mão da tecnologia laranja, inclusive de armas nucleares e, assim, acoplar um nível de desenvolvimento moral muito baixo com um nível de desenvolvimento tecnocognitivo muito alto. A maioria dos pesadelos do século XX – de Auschwitz ao Gulag – cuja culpa foi injustamente atribuída à modernidade, é de fato produto da consciência pré-moderna com acesso a armas modernas. É essa possibilidade de uma conexão dissonante entre QIE e QID que produziu em Marx alguns de seus *insights* originais (e.g., um novo e mais avançado paradigma tecnoeconômico leva o antigo paradigma, e as visões de mundo que o sustentam, a uma crise de legitimação que só pode ser finalmente resolvida por uma transformação vertical correspondente de visões de mundo culturais que inclua a profundidade adicional do novo paradigma).

O que desejo ressaltar no momento é simplesmente que, uma vez que um artefato material (inclusive um modo de produção) seja criado por um nível específico de consciência e cognição, ele pode assumir vida própria. Apesar de o artefato (e o modo de produção) em si, justamente porque encarna um nível particular de cognição, sempre tender a evocar um nível semelhante de consciência no usuário do artefato, isto não é de nenhuma forma uma questão causal ou determinística (não, pelo menos, após sua primeira emergência). Tribos etnocêntricas podem usar câmaras de gás, embora não tenham capacidade cognitiva para produzi-las: este é o horror do desenvolvimento disjuntivo, que acontece exatamente porque artefatos materiais e a consciência que os produziu podem assumir vida própria, de forma que "níveis e linhas" tornam-se um pesadelo de proporções globais no mundo de hoje –

desenvolvimento técnico elevado, desenvolvimento moral baixo, uma mistura que leva diretamente a Wounded Knee, Dachau, Treblinka, Sobibor e 11 de setembro.

## **Eros e autenticidade**

Vimos que, quando qualquer um dos quatro principais fatores socioculturais está presente, a probabilidade de uma revolução social aumenta. Vimos também que, se um quinto fator for adicionado (isto é, um aumento vertical de profundidade em quaisquer dos quadrantes da configuração AQAL de uma sociedade particular), então existirá uma pressão de seleção adicional que agita, não só uma mudança interpretativa circular ("rotativa") em estruturas superficiais, como também uma mudança transformacional vertical (autenticamente "revolucionária") em estruturas profundas (seguindo o gradiente morfogênético de complexidade e consciência aumentadas ou, com outro nome, Eros).

Acontece que essas (extremamente raras) transformações sociais verticais (ocorreram apenas cerca de meia dúzia verdadeiramente profundas) não são necessariamente de variedade revolucionária dramática; algumas são reformas mais tranquilas. Ambas acontecem e aconteceram historicamente. Por exemplo, no que diz respeito à mudança vertical do azul (mítico-agrírio desenvolvido) para o laranja (industrial-razional) e sua correspondente mudança da monarquia-aristocracia-feudal para contratos sociais implícitos, revoluções que tentaram navegar a onda evolucionária incluem a Revolução Americana (que foi bem sucedida devido a fortes fatores nos quatro quadrantes), a Revolução Francesa (que foi abortada e reverteu ao azul napoleônico), a Revolução russa (que nunca teve chance devido a uma configuração AQAL pré-industrial) e a Revolução Chinesa (que no final acabou substituindo um azul marxista por um azul confucionista com viés industrial).

Assim, onde revoluções apresentaram um registro de sucesso bem pobre, movimentos de reforma, que tentaram a mesma transformação vertical essencial, saíram-se um pouco melhor. A Prússia (em 1806-1812) e a Inglaterra (1828-1832) conseguiram, através de reforma relativamente tranquila e revolução não explícita, implementar muitos dos potenciais quadráticos da onda de probabilidade laranja, incluindo redução nos privilégios da aristocracia, ampliação da cidadania e reestruturação econômica e política progressiva. Essas reformas foram "revolucionárias" no sentido de ser transformações profundas, verticais, autênticas, mas não o foram na percepção pública, por não ser acompanhadas de insurreição política, guerra ou embates físicos.

Mas independentemente de a transformação vertical ter ocorrido via revolução ou reforma, o ponto essencial é que, em ambos os casos, uma maioria da facção da elite que liderou a transformação estava na onda de probabilidade laranja. Como qualquer transformação social profunda, ela deve ser lançada e canalizada por uma elite, e a elite, em todos os casos de transformação vertical genuína, navega na crista de uma nova e emergente onda de probabilidade (nesse caso, laranja). Se não for assim, a revolução/reforma é meramente da antiga variedade "circular" ou "cíclica", sendo apenas uma mudança de estruturas superficiais na configuração AQAL da sociedade. Mas no caso de uma maioria da elite representar a ponta de lança da recém-surgida onda de probabilidade, então o quinto fator é introduzido nas interpretações crescentemente caóticas da paisagem AQAL e pressões de seleção começam a agitar na direção de uma transformação vertical para um nicho do novo e mais elevado espaço-tempo, uma onda de probabilidade recente e mais alta no cascadeante oceano AQAL. No final, a crise de legitimidade é resolvida por um aumento de autenticidade.

Além disso, no caso das bem-sucedidas revoluções/reformas modernas, uma fração significativa da população em geral também estava na onda de probabilidade laranja (pelo menos na linha cognitiva). Como a história tem demonstrado repetidamente, é inútil introduzir um novo modo de governo (e.g., originando-se da onda de probabilidade laranja) se a consciência da população não estiver próxima dessa onda. A democracia representativa republicana é um sistema de governo onde a autonomia submete-se a sistemas de hólons na onda de probabilidade laranja; tal democracia nunca aconteceu no azul, vermelho ou roxo. As

democracias representativas, e as reformas que elas implementam de forma duradoura, têm cerca de 300 anos de idade; elas datam do Iluminismo ocidental e do surgimento da onda de probabilidade laranja em escala difundida.

Desse modo, ao longo do século XX, toda vez que democracias industriais ocidentais tentaram introduzir a democracia de contrato social laranja em sociedades vermelhas, o resultado foi sempre a "eleição" de regimes militares vermelhos. As insurreições comunistas tentaram igualmente introduzir o socialismo em sociedades similarmente vermelhas, e o resultado foi, uma vez mais, ditaduras militares vermelhas. Desenvolvimentos exteriores (de estruturas e instituições sociais) demandam desenvolvimentos interiores correlatos (de consciência e cultura) a fim de se sustentarem; impingir simplesmente um comportamento "democrático" a uma população é inútil, se ele não for acompanhado do respectivo crescimento interior (um fato que só pode ser adequadamente rastreado usando-se algo similar a uma análise AQAL).

### **Sumário: Eros e revolução**

Essa é simplesmente outra forma de enfatizar o fato que a maioria das "revoluções", "transformações" ou "novos paradigmas" são, como as mutações, normalmente letais (ou, na melhor das hipóteses, incoerentes) e não benéficos – daí por que o significado original de "revolução" ser "circular ou cíclico, não indo a lugar nenhum". Mas parte do brilhantismo de Marx (e dos próprios Idealistas) foi detectar que, no final das contas, existe um Eros na sequência evolucionária: um aumento lento, espasmódico, mas inconfundível, de profundidade desenvolvimentista e desdobramento evolucionário e, portanto, a possibilidade de novos e mais autênticos modos de ser, consciência, cultura e política, emergindo continuamente da vanguarda caótica e efervescente da configuração probabilística da matriz AQAL em qualquer sociedade; essa nova emergência (em qualquer dos quadrantes) lança as velhas formas de ser em uma crise de desestabilização da legitimidade, que, se suficientemente profunda, só pode ser resolvida por um aumento de autenticidade.

Vimos que na versão marxista original, uma crise de legitimação acontece quando a superestrutura (ou relações de produção) não mais se coaduna com os avanços na base (ou forças de produção) e, aí, as estruturas de significado da cultura não são mais sustentadas de uma forma acreditável. Em outras palavras, a visão de mundo predominante – e as estruturas de governo prevaletentes – sofre uma perda de legitimidade, uma perda de credibilidade. O significado intersubjetivo (QIE) não combina mais com as realidades sociais interobjetivas (QID) e, desse modo, uma crise de legitimação profunda abala a cultura inteira.<sup>15</sup> O significado não combina mais com o fato; a verdade não combina mais com a veracidade; a semântica e a sintaxe ficam desalinhas; a base e a superestrutura não mais se sustentam – e algo tem de acontecer enquanto todas as quatro pressões de seleção oscilam na violenta turbulência da matriz AQAL desequilibrada.

Vimos também que, no mundo científico, isso significa que as teorias antigas (as superestruturas antigas), que estavam adaptadas às, e foram geradas por, práticas e paradigmas sociais antigos (a base antiga), agora não mais se ajustam às evidências anômalas recentes. Um novo paradigma (isto é, uma série de experimentos científicos e injunções comportamentais novos) gera novos dados, nova evidências e novas experiências que não se ajustam e não podem ser explicadas pelas teorias antigas. Então, as teorias antigas sofrem uma crise de legitimação: suas estruturas de significado (QIE) não mais se ajustam funcionalmente às novas evidências materiais (QID). A semântica antiga e a nova sintaxe entram em choque, e só uma nova série de teorias e estruturas de significado pode combinar a evidência gerada pelas novas formas de produção científica (isto é, os novos paradigmas que geram, enagem, criam e produzem novos tipos de dados ou evidências). Ocorre então uma revolução científica (ou, no mínimo, uma reforma profunda) que disponibiliza uma nova série de teorias ou estruturas de significado (QIE) que estão adaptadas aos, e tetraentrelaçam-se com os, novos modos de produção de dados científicos (QID), de forma que a nova cultura científica (QIE) combina agora com o novo sistema social (QID).

Um tipo semelhante de crise de legitimação acontece no mundo acadêmico das humanidades, não apenas no das ciências. Para dar só um exemplo, ao longo dos últimos trinta anos, tem havido um tipo particularmente influente de máquina de produção de dados (ou injunção tecnoeconômica), mas uma que foi significativamente malformada, isto é, a injunção comportamental e o conjunto de regras sociais para desconstruir textos (ou desconstruir sistemas de significantes sem uma forma igualmente difundida de pôr algo positivo em seu lugar: foi meramente desconstrução sem reconstrução). Esse modo malformado de produção de dados e injunções comportamentais (ou paradigmas) sustentou uma visão de mundo falsamente igualitária do pós-modernismo (isto é, uma má-formação da onda verde normalmente conhecida como "o meme verde mau"). Esse modo de produção ou prática de comportamento social ajudou a determinar a consciência do professor de humanidades e de seus confiantes alunos e alunas. Porém, à medida que novas formas de prática social e novas teorias baseadas nelas começaram a gerar modos mais integrados e mais autênticos de consciência e cultura, a visão de mundo do pós-modernismo radical entrou em uma profunda crise de legitimação, que somente pode ser superada por uma revolução ou reforma para modos de consciência, cultura e complexidade mais autênticos e mais integrais na paisagem acadêmica. Essa revolução particular – o limiar de uma era integral – está agora, claro, apenas começando a tomar forma (e é um dos principais temas deste ensaio).

Na política em geral, uma crise de legitimação significa que existe uma nova e nascente cultura que não acredita nos antigos sistemas de governo. A nova e nascente cultura possui um grau de profundidade e complexidade que está além da compreensão dos velhos sistemas de governo e, aí, a estrutura de governo inteira sofre uma crise de legitimação em direção à nova cultura (pelas mãos de Eros). Uma revolução política – talvez violenta (levante), talvez não (reforma) – terá de acontecer para que novos sistemas de governo levem em conta os novos aumentos de profundidade da cognição e tecnologia. (Como frequentemente comentamos, a única cura para uma crise de legitimação profunda – em qualquer domínio: científico, acadêmico, político – é o crescimento da autenticidade.) Se essas revoluções/reformas forem bem-sucedidas, os novos (e mais autênticos) sistemas de governo possuirão uma legitimidade robusta para a nova (e mais autêntica) cultura. Se falharem, ocorrerão apenas guerras culturais, com várias culturas e subculturas competindo pela legitimidade predominante.

Todos os tipos de soluções, agradáveis e desagradáveis, para guerras culturais internas foram historicamente imaginados. Um bem divertido para os crentes míticos foi o assassinato em massa de bruxas mágicas (possivelmente centenas de milhares na história da Europa). Mas muitas soluções foram bastante positivas: a Constituição dos Estados Unidos, por exemplo, originária principalmente da onda de probabilidade racional (laranja), determina que, embora lhe seja permitido ter quaisquer convicções privadas – arcaica primitiva, mágica egocêntrica ou mítica etnocêntrica – no espaço público você deve se comportar de acordo com leis racionais e globocêntricas. A Constituição democrática foi mais autêntica que a aristocracia prévia e, desse modo, a seta do tempo estava a seu lado. Claro, como dissemos, a fim de sustentar tal arranjo, uma porcentagem significativa da população (e não apenas da elite revolucionária) deve estar em uma onda de consciência suficientemente evoluída (nesse caso, laranja ou superior), ou o contrato social simplesmente degenerará em regimes vermelhos e ditaduras azuis de uma variedade ou outra...

As vantagens que tecnologias mais avançadas e cognições mais profundas apresentam sobre suas predecessoras são muitas (além de, claro, novas formas de patologia introduzidas pelos novos modos: a dialética do progresso). Nós observamos os aspectos positivos da onda hortícola/mítica sobre a caçador-coletora/mágica: uma vantagem central foi que a visão de mundo mítica tinha uma profundidade relativamente maior (que podia incluir e abraçar um número maior de indivíduos e, portanto, unir muitas tribos em uma comunhão social muito mais ampla que sua linhagem meramente de laços de sangue, fato que dominou os modos de caça e coleta). Esse crescimento relativo em profundidade cognitiva foi compartilhado por um aumento em profundidade tecnológica da onda hortícola sobre a de caça e coleta

(comprovado por um grau mais elevado de complexidade e integração do sistema social), razão pela qual caçadores-coletores aos montes adotaram modos hortícolas onde quer que eles tenham surgido.<sup>16</sup> E uma vez que uma nova visão de mundo surgiu combinada com a nova base (e.g., uma vez que o mítico superou o mágico), a visão de mundo mítica mais elevada e o modo hortícola mais profundo (mais complexo) se entrelaçaram; eles refletiam diferentes dimensões da mesma onda de probabilidade e, assim, puderam tetraevoluir mais harmoniosamente... (até que modos industriais surgiram e desalojaram os modos hortícola-agrírios e as antigas visões de mundo de associação-mítica foram superadas pelas nascentes visões de mundo egoico-rationais, desencadeando uma nova rodada mundial de guerras culturais e sociais de transformação, seja por revolução explícita ou reforma mais tranquila...)

A vantagem de qualquer visão de mundo mais elevada não está no lado "incluir" da equação, mas no do "transcender": existe um Eros para a sequência, tal que o valor transcendental da visão de mundo nova e mais elevada move-se para um novo espaço de probabilidade (ou um novo nicho), onde pode florescer independentemente dos velhos hábitos cósmicos (enquanto inicia, nesse novo nicho, suas próprias formas de novos hábitos cósmicos) – da mesma maneira que, por exemplo, os mamíferos descobriram um novo espaço fora das ondas de probabilidade reptilianas (embora o cérebro do mamífero, é claro, tenha transcendido e incluído o tronco cerebral reptiliano, que transcendeu e incluiu funções vitais vegetativas, que transcenderam e incluíram moléculas inorgânicas, que transcenderam e incluíram átomos, que...). A nova, mais profunda e mais elevada visão de mundo é então selecionada e levada adiante no novo espaço de probabilidade, embora haja nele menos hólons do que nos espaços prévios (cujos hábitos cósmicos agora se tornaram subcomponentes dos novos hólons).

Assim, os sistemas de governo de caça e coleta mágicos deram passagem a sistemas de governo agrário-míticos, que foram substituídos por sistemas de governo industrial-rationais, que estão agora na cúspide informacional-pluralista. Mas embora a vanguarda assuma o controle das principais formas de sistemas de governo, todas as ondas anteriores permanecem como bolsões na cultura, até mesmo quando a própria cultura em geral se sujeita ao novo sistema de governo. Os indivíduos e subculturas espalham-se pelo espectro completo das diferentes ondas de consciência (a maioria até a média, e alguns além). E essa é a principal fonte de guerras culturais internas.

Portanto, é importante repetir neste resumo o que Marx (e praticamente todo mundo) não viu a esse respeito: não é que cada sociedade tenha um modo tecnológico monolítico único e uma visão de mundo monolítica única, e que os dois tenham de se integrar de alguma forma. Ao contrário, toda sociedade é um espectro de realidades AQAL: existem indivíduos em todos os níveis do espectro de consciência, pelo menos até o nível médio da respectiva cultura (com alguns indo além). E existem bolsões de cada modo de tecnoprodução até a vanguarda; mesmo em sociedades industriais, existem quadrilhas de rua vermelhas caçando por sobrevivência, e os fazendeiros de Kansas ainda continuam lá plantando sementes. Assim, não há uma base única e uma superestrutura única, tal que uma contradição interna entre elas pudesse impulsionar as importantes transformações que marcaram a história. A ideia geral de Marx – de que um descasamento entre o QIE e o QID geram contradições e tensões internas coletivas – ainda é verdadeira, mas o descasamento espalha-se pelo espectro de consciência até a onda média mais alta da sociedade, e em todos os quatro quadrantes, com suas muitas ondas e correntes (todas tendo de se tetraentrelaçar na configuração AQAL ou, então, algo acontecerá).

### **A ideia de progresso**

Somente uma interpretação AQAL nos permite lidar com a ideia de progresso de uma forma que as verdadeiras realidades históricas façam sentido. O problema com praticamente todas as noções prévias de progresso – do Iluminismo a Marx, até as versões democráticas liberais atuais – é que elas assumiram a hipótese totalmente não comprovada que a sociedade tem

uma visão de mundo básica única e um modo tecnoeconômico básico único e, portanto, a história deve ser um aumento progressivo, passo a passo, de valores liberais, subindo a grande escada do progresso linear. Assim, se o Iluminismo representou a emergência da racionalidade industrial sobre a mitologia feudal, a modernidade deve encarnar apenas o progresso, puro e simples.

Mas, claro, uma sociedade cujo sistema de governo encarna modos racional-industriais (laranja), ainda tem bolsões de subculturas arcaica, mágica e mítica (roxa, vermelha e azul). Além disso, os produtos laranja podem agora ser usados por ondas pré-laranja. A consciência moral laranja, por exemplo, exige que todas as pessoas sejam tratadas imparcialmente, independentemente de raça, cor, sexo ou crença. A cognição laranja também é suficientemente poderosa, tendo o potencial para produzir linhas de montagem de câmaras de gás, mas a consciência moral laranja nunca as usará. Porém, a consciência moral tribal-vermelha pode facilmente se apoderar de produtos laranja e usá-los com satisfação – donde, Auschwitz.

Em outras palavras, "níveis e linhas" tornam-se um ingrediente importante na análise AQAL de qualquer ideia de "progresso", porque quanto mais alto o nível de desenvolvimento em qualquer linha de uma sociedade, maior a possibilidade de os produtos mais desenvolvidos serem usados por níveis mais baixos de desenvolvimento em outras linhas. Desse modo, quanto maior a profundidade genuína de qualquer sociedade – isto é, quanto mais haja progresso verdadeiro, real, autêntico – mais tipos de patologias, devidos a níveis e linhas, podem surgir na sua esteira. Isso nos permite rastrear a natureza "boas novas, más novas" de todas as transformações sociais e não cair nas duas únicas opções, extensamente aceitas, de incensar o progresso ou negá-lo completamente.

Em resumo, não importando o quão "elevada" uma sociedade esteja em termos de profundidade de desenvolvimento, todo ser humano começa seu desenvolvimento na estaca zero e, a partir daí, quanto maior a profundidade, mais problemas podem ocorrer. Até mesmo numa sociedade cujo sistema de governo fosse turquesa, os indivíduos ainda teriam de começar no bege, em seguida roxo, vermelho, azul, laranja, verde, amarelo e turquesa – caso se desenvolvessem completamente. Mas muitos indivíduos permaneceriam em ondas juniores de desenvolvimento, o que certamente é um direito em todas as sociedades pós-laranja. É justamente esse fato o responsável pelas angústias peculiares de culturas avançadas: quanto mais elevada a cultura, mais estágios de desenvolvimento estão envolvidos e, já que todo estágio tem suas próprias patologias, quanto mais elevada a cultura, existem mais formas de se adoecer. Portanto, boas novas, más novas.

Consequentemente, podemos realmente considerar tanto a ideia de progresso em qualquer linha, quanto o fato de culturas superiores, que exibem um autêntico progresso, estarem sujeitas a barbaridades que culturas primitivas não conseguem sequer imaginar.

Esse fato também deixa todas as sociedades abertas a guerras culturais internas, à medida que bolsões em diferentes ondas de consciência lutam por legitimação. Como vimos, no industrializado mundo ocidental contemporâneo, existem três principais subculturas ainda em guerra: a onda tradicionalista azul (melhor adaptada a modos agrários feudais), a onda modernista laranja (melhor adaptada a modos industriais de produção em massa) e a onda pós-modernista verde (melhor adaptada a modos informacionais pluralistas). Os sistemas de governo das sociedades ocidentais encontram-se na transição lenta e dolorosa do industrial-laranja para o informacional-verde. E o principal risco do mundo atual é que a onda verde está emergindo, em muitas instâncias, no seu modo malformado, com sua matriz AQAL significativamente fragmentada por um pluralismo *flatland* que destrói a profundidade do Kosmos onde quer que a encontre. Mas esta é outra história, a história de *boomerite*, não é mesmo?<sup>17</sup>



### Resumo da Parte III

Tratamos de muitas questões nas três primeiras partes deste ensaio. Eis aqui um breve resumo dos pontos centrais até agora:

Todo hólón tem pelo menos quatro importantes dimensões de estar no mundo: subjetiva, objetiva, intersubjetiva e interobjetiva.

Na dimensão subjetiva (QSE), a natureza momento a momento da existência corrente envolve apreensão – ou a sensação neste momento do momento precedente – que é uma transcendência-e-inclusão holárquica do momento anterior. Este é um exemplo do fato de cada dimensão de estar no mundo herdar um tipo de influência (ou carma cósmico) de suas predecessoras.

Na dimensão objetiva (QSD), a natureza momenta a momento da existência corrente envolve, entre outras coisas, ressonância mórfica e causação formativa, onde a forma objetiva de um hólón entra em ressonância com formas semelhantes através do espaço-tempo, influenciando-as até certo ponto (da mesma maneira que uma corda vibrante faz com que outra corda semelhante vibre na mesma frequência; a ressonância mórfica caracteriza-se pelas duas cordas vibrando juntas, a causação formativa se dá quando uma corda faz a outra vibrar). Na dimensão do QSD, essa herança aparece essencialmente à medida que as formas passadas de um hólón individual influenciam sua forma presente. Essa influência no QSD, como veremos, também parece envolver vários tipos de energias sutis. Outra forma igualmente importante de herança no QSD é a autopoiese, por meio da qual hólons vivos se auto-organizam e se autorreproduzem. (Discutiremos a autopoiese em detalhes no Excerto B.)

Na dimensão intersubjetiva (QIE), a natureza momenta a momento da existência corrente envolve a herança de um *background* cultural de significados compartilhados e apreensões mútuas. Essa é, essencialmente, a base da memória cultural.

Nas dimensões interobjetivas (QID), a natureza momenta a momento da existência corrente envolve ressonância mórfica coletiva e causação formativa coletiva, gerando várias trilhas morfogênicas que influenciam fortemente, e às vezes guiam diretamente, o desenvolvimento em desdobramento de hólons individuais que surgem em consonância com essas trilhas. Esse é simplesmente um subconjunto dos fenômenos gerais da memória de sistemas.

Assim, todas as quatro dimensões de estar no mundo são influenciadas, até certo ponto, por suas predecessoras.

Dito de forma diferente, cada hólón herda a matriz AQAL do momento anterior, como essência dada ou *a priori*.

Essa herança envolve padrões profundos de estar no mundo que não são dados arquetípicos, mas hábitos cósmicos.

Os hábitos cósmicos não são estruturas concretas rígidas, mas ondas de probabilidade de se achar um tipo particular de hólón em um local particular do espaço-tempo no desdobramento criativo da matriz AQAL.

Para sobreviver, todo hólón deve tetraentrelaçar-se com sua herança AQAL ou encarar a extinção. Essa tetraevolução envolve pressões de seleção em todas as quatro dimensões de estar no mundo (verdade, veracidade, significado, ajuste funcional).

Além de a matriz AQAL deste momento herdar a matriz AQAL do momento prévio, ela também adiciona sua própria centelha de inovação criativa e transcendência. Toda ocasião real "transcende e inclui", ocasionando a natureza holárquica whiteheadiana de cada momento.

Portanto, a evolução não é marcada apenas pela herança de formas passadas em tetraentrelaçamento, mas pelo aparecimento de novas formas em saltos transcendentais de criatividade. Como resumido por Jantsch: evolução é "auto-organização através de autotranscendência".

Esses saltos emergentes criam, então, novos nichos na matriz AQAL, caracterizados por ondas de probabilidade de maior profundidade, consciência e capacidade inclusiva.

Esses nichos assumem formas específicas como hábitos cósmicos quando o espaço é enagido quadraticamente por um número suficientemente grande de hólons (que então legam essa herança para hólons subsequentes, que a transcenderão e incluirão).

Potenciais mais elevados transformam-se em realidades concretas – e estados mais elevados transformam-se em estágios reais – por esse processo de enação criativa em tetraentrelaçamento. Em nenhum ponto há necessidade de níveis, estruturas ou estágios pré-dados.

Sempre que um novo nicho está em processo de tetraemergência, o nicho antigo entra em uma crise de legitimação, que só pode ser resolvida por um aumento de autenticidade – ou uma transformação para o novo nicho de maior profundidade, consciência, cultura e complexidade.

Transformações verticais autênticas para níveis de maior profundidade não significam, porém, progresso automático, porque desenvolvimentos maiores em algumas linhas podem ser acompanhados por desenvolvimentos menores em outras (um fenômeno chamado níveis e linhas, seja em indivíduos ou sociedades).

Por essa razão, o desenvolvimento histórico é sempre uma dolorosa mistura de "boas novas, más novas", dado que indivíduos e subculturas da sociedade espalham-se pelo espectro inteiro de consciência em todas as suas ondas disponíveis, tanto sob formas saudáveis quanto patológicas.

Assim, quanto maior a profundidade de um indivíduo ou cultura, mais potenciais e patologias estarão disponíveis para ele ou ela.

Uma análise integral ou AQAL de todos esses fatores representa, muito provavelmente, a melhor oportunidade de aumentar as boas novas e diminuir as más em qualquer configuração AQAL (em um indivíduo, família, sociedade, espécie, planeta ou Kosmos), porque só uma análise integral leva em conta a ampla variedade de evidências do maior número de fontes, e é, portanto, a abordagem menos excludente e menos violenta para se entender o eu-e-o-outro.

## IV – Fatos e interpretações

Epistemologias pós-modernas (de Nietzsche a Heidegger, a Gadamer, a Foucault, a Derrida, a Lyotard) fizeram duas coisas profundas: apresentaram verdades incrivelmente importantes no jogo da epistemologia humana e confundiram completamente o campo, quase sem possibilidade de reparação. O que se torna necessário, em qualquer pluralismo metodológico integral, é uma forma de honrar os *insights* duradouros do pós-modernismo e, ao mesmo tempo, evitar as confusões mutilantes que, inevitavelmente, surgiram até agora.

A principal discussão entre as epistemologias pós-modernas e modernas/pré-modernas refere-se ao peso de verdade a ser atribuído à relatividade ou à universalidade – ou, o que quer dizer a mesma coisa, se interpretações ou fatos são mais fundamentais. A própria forma da discussão, porém, demonstra que ela acontece quase completamente no âmbito de um paradigma de primeira camada (isto é, uma máquina de injeção de dados de primeira camada) – a discussão tem se dado entre fundamentos azuis, universais laranjas e pluralismos verdes, cada um se considerando verdadeiro e os outros falsos. Um paradigma turquesa de segunda camada descobre, por outro lado, um caminho mais frutífero para seguir adiante, destacando as verdades parciais contidas em todas essas afirmações e, então, recolocando-as dentro de uma moldura mais abrangente e compassiva, que expressa um momento de autorreflexão turquesa na autocompreensão da matriz AQAL. Ao fazer isso, veremos que a discussão não é entre fatos e interpretações, mas, ao invés, envolve a compreensão de como fatos e interpretações são dimensões integrais deste e de qualquer momento.

Eu, pessoalmente, não conheço nenhuma outra abordagem que se aproxime da integração das verdades das abordagens pré-modernas, modernas e pós-modernas. Pelo contrário, as abordagens hoje existentes tendem a escolher um desses momentos (pré-moderno, moderno ou pós-moderno) e condenar virulentamente os outros – um exemplo vivo, ai, de uma mentalidade de primeira camada ainda em guerra com seus vizinhos. Vamos ver se, ao invés, conseguimos apresentar um momento integral de segunda camada que honra cada uma delas, recolocando-as em uma moldura maior, que recupera suas afirmações de verdade ao limitar seu alcance. Isto é, livrando-as de seus absolutismos, suas verdades parciais duradouras podem ser registradas, incluídas e acolhidas no desdobramento contínuo do ímpeto deste momento para a realização.

### Visão geral: pluralismo integral revolucionário

Começamos a partir da natureza do carma cósmico em todos os quatro quadrantes e olhemos com mais atenção para as metodologias que parecem ser mais apropriadas para o desvelamento/enação dos quadrantes. Os quadrantes, lembre-se, são simplesmente variações de perspectivas que estão embutidas em todos os principais idiomas naturais – isto é, primeira pessoa (singular: eu; plural: nós); segunda pessoa (singular: tu; plural: tu/nós); e terceira pessoa (singular: ele, ela, isso; plural: eles, elas, "issos"). Nós normalmente as resumimos como eu, nós, isso e "issos" (ou simplesmente eu, nós e isso).

O ponto é que cada uma dessas perspectivas encarna uma dimensão particular de estar no mundo. Além disso, parece que cada uma dessas dimensões de estar no mundo (ou cada um dos quadrantes) pode ser abordada por um modo diferente de pesquisa. Essas diferentes pesquisas – da fenomenologia à hermenêutica, à pesquisa colaborativa, à teoria de sistemas – descobrem aspectos diferentes do Kosmos, mas cada abordagem tende a tomar seu canto do Kosmos como o Kosmos inteiro, desse modo ignorando ou negando as importantes realidades nos outros quadrantes (sem mencionar o fato que a crença na existência dos outros quadrantes é normalmente atribuída a algum tipo de patologia terrível do crente).

Em outras palavras, por mais importantes que sejam essas metodologias, cada uma delas tende a ser cega para as realidades nos outros quadrantes. É para essa cegueira histórica, ainda operando como um difundido hábito cósmico, que queremos chamar a atenção, porque

ela exige uma inovação criativa sustentada de transcendência a fim de escapar de seus preconceitos herdados. Chamamos esses preconceitos de absolutismo de quadrante, independentemente de sua existência no positivismo, na fenomenologia ou no pós-modernismo.

Se de fato estamos prestes a adentrar o Limiar de uma Era Integral, ajudará enormemente se tratarmos e superarmos esse difundido absolutismo de quadrante. Podemos fazer um movimento significativo nessa direção simplesmente reconhecendo as verdades importantes que cada uma das principais formas de pesquisa oferece (em vez de condenar todas exceto uma).

Resumidamente, eis o que estaremos sugerindo: o empirismo e o behaviorismo ocupam-se principalmente dos modos de terceira-pessoa do singular de estar no mundo (QSD); a introspecção e a fenomenologia ocupam-se principalmente dos modos de primeira-pessoa do singular de estar no mundo (QSE); a hermenêutica e a pesquisa colaborativa ocupam-se principalmente dos modos de segunda-pessoa do plural de estar no mundo (QIE); e as ciências ecológicas, o funcionalismo estrutural e a teoria de sistemas ocupam-se principalmente dos modos de terceira-pessoa do plural de estar no mundo (QID). Claro, existem muitos mais tipos de pesquisas disponíveis, mas esses se destacam como alguns dos mais historicamente significativos que estaremos discutindo em breve.

Juntando todos esses modos de pesquisa, como uma enação e revelação da cognição turquesa, chegamos ao que denominamos pluralismo metodológico integral, que representa o lado mais prático de uma Pós-metafísica Integral.

Se de fato estamos prestes a adentrar o Limiar de uma Era Integral, provavelmente será sob a bandeira de um pluralismo metodológico integral. Clare Graves chamou a transformação da primeira camada para a segunda camada um "momentoso salto de significado", porque, enquanto todos os memes de primeira camada estão convencidos de que sua visão de mundo particular é a única válida, a consciência de segunda camada reconhece completamente e honra as verdades parciais de todas elas. Em outras palavras, o salto da primeira camada para a segunda camada é um salto do parcialismo e pluralismo para o integralismo e holismo.

Pragmaticamente, isso significa que todos os modos parciais de pesquisa humana de repente assumem um significado novo e profundo, como peças essenciais do quebra-cabeça cósmico mais abrangente, cada um tendo algo incrivelmente importante a nos dizer. Assim, o pluralismo metodológico integral transforma-se na bandeira desse momentoso salto de significado.

Claro, existem muitas outras formas pelas quais a consciência de segunda camada começará a atingir um maior número de membros de uma sociedade, mas aqui estamos discutindo a vanguarda crescente ou o Limiar de uma Era Integral. Como assinalado por Goldstone, verifica-se empiricamente que a liderança da elite é um pré-requisito para revoluções. Para que as revoluções (ou mesmo as reformas) sejam de natureza transformativa vertical autêntica, é necessário um quinto fator – isto é, um aumento em Eros ou profundidade em quaisquer dos quadrantes – e já que a vanguarda da elite hoje é verde (e tem sido por 20 anos), deduz-se que o quinto fator, nesse caso, significa um paradigma amarelo, ou uma injunção e prática social integrais; a prática autêntica do pluralismo metodológico integral ajusta-se organicamente à situação.

Em resumo, quanto mais os seres humanos se engajarem em um pluralismo metodológico integral – cuja natureza essencial é reconhecer, honrar e incluir todos os modos autênticos de pesquisa humana – maior será a probabilidade de a vanguarda da configuração AQAL da cultura específica sofrer uma crise de legitimação, seguida por "um momentoso salto de significado" da consciência de primeira camada para a consciência de segunda camada, possibilitando que a consciência e a cultura dessa ponta de lança crescente espalhe-se para segmentos maiores da sociedade em geral.

## Enagindo a dimensão de estar no mundo

Importantes metodologias (do empirismo à pesquisa colaborativa, à teoria de sistemas) são na verdade tipos de práticas ou injunções – em todos os casos, elas não são apenas o que os humanos pensam, mas o que os humanos fazem – que geram, enagem e iluminam uma dimensão particular do próprio ser – comportamental, intencional, cultural ou social. Por exemplo, a forma da pesquisa colaborativa ou participativa – em que dois ou mais sujeitos conscientes entram em um círculo de horizontes compartilhados e, portanto, geram um espaço de mundo de intencionalidades, significados e entendimento mútuo sobrepostos – a forma dessa prática injuntiva habilita, enage e gera a dimensão intersubjetiva dos próprios indivíduos. (Daí por que diferentes formas de práticas criam diferentes teorias.)

Sob o potencial enagente de várias formas de prática – da fenomenologia ao empirismo, à hermenêutica, às investigações ecológicas, aos esforços contemplativos – várias dimensões de um hólón são energizadas: elas "acendem" em ressonância vibratória, enagindo um espaço de mundo mutuamente cocriado pelo sujeito inquiridor (mas não meramente criado pelo sujeito), mantendo-se na clareira criada em parte pela forma da pesquisa.

Assim, quando assumo um ponto de vista de primeira- pessoa para este momento, eu ilumino as dimensões subjetivas de estar no mundo e muitos aspectos delas são desvelados pela fenomenologia introspectiva. Quando assumo um ponto de vista de segunda-pessoa para este momento, eu ilumino as dimensões intersubjetivas de estar no mundo e muitos aspectos delas são desvelados pela hermenêutica e pesquisa colaborativa. Quando assumo uma perspectiva de terceira-pessoa para este momento, eu ilumino as dimensões objetivas (e interobjetivas) de estar no mundo. (Discutiremos vários exemplos em breve.)

É por isso que nenhum desses domínios (ou nenhuma das ocasiões em qualquer quadrante) é meramente dado ou predeterminado, simplesmente mantendo-se lá fora à espera de ser visto por todos – mas nem são esses domínios totalmente criados pelo sujeito inquiridor ou pela intersubjetividade (que é justamente a patologia do pós-modernismo). Como vimos, algumas características desses domínios (ou da realidade em geral) são dadas – isto é, pré-existem à consciência do sujeito inquiridor. Esses dados cósmicos ou *a priori* incluem os vários hábitos cósmicos e as heranças quadráticas que já discutimos. Como explicamos, a base *a priori* ou dada deste momento é a matriz AQAL do momento precedente, que chega ao observador como um dado (ou uma herança do momento anterior), mas nunca existe meramente como um dado, pois é desde já assumida, transcendida e incluída, transformada e refeita pela matriz AQAL deste momento, à medida que a auto-organização pela autotranscendência desdobra-se criativamente momento a momento.

## Pesquisa reconstrutiva

Esse é um ponto de vista essencialmente whiteheadiano (mas que precisa ser expandido de uma formulação incompleta para uma formulação completa ou quadrática – vide a seguir); isto é, o momento completo precedente do espaço AQAL é transferido para este momento do espaço AQAL como um *a priori*, embora o próprio espaço, quando primeiramente emergiu no momento prévio, o fez em parte com liberdade criativa (não determinada, não dada), mas uma liberdade que, quando legada ao momento seguinte, é passada como determinismo (que o momento seguinte deve incluir, sob pena de se tornar patológico, e, então, ir além, adicionando sua própria liberdade criativa, que não é determinada pelo momento prévio).

Esses dados cósmicos, portanto, incluem (entre outros itens que discutiremos) as realidades passadas do mundo inteiro – isto é, todas as ocasiões reais que já emergiram (moldadas pelo espaço AQAL completo em que surgiram), uma emergência criativa que é, então, transferida para momentos sucessivos como influência causal, ressonância mórfica, causação formativa, unificação preensiva, contexto cultural e memória social, trilhas morfogenéticas, padrões profundos e ondas de desenvolvimento, e assim por diante. Esses tipos de heranças são dados: são legados pelo passado ao presente e pré-existem na consciência do sujeito

(embora, quando surgiram pela primeira vez, tenham sido cocriados pela subjetividade, que faz parte da matriz AQAL de cada momento. Isto é, esses dados não pré-existem à subjetividade e suas interpretações, já que a subjetividade é uma das quatro dimensões de todas as ocasiões reais; ou melhor, esses dados pré-existem à subjetividade deste momento, não à subjetividade do momento prévio, que ajudou a cocriá-los. Mas o ponto é que, uma vez estabelecido, o espaço AQAL inteiro do momento precedente é transmitido ao espaço AQAL deste momento como um dado que pré-existe a qualquer registro deste momento: pré-existe à subjetividade, à objetividade, à intersubjetividade e à interobjetividade deste momento – mas não do momento anterior, embora o momento anterior tenha recebido seus próprios dados *a priori*, e assim por diante.)

Consequentemente, a única forma que os sujeitos deste momento têm para esclarecer reflexivamente sua história de realidades passadas é através de uma pesquisa reconstrutiva (em qualquer quadrante). Uma pesquisa reconstrutiva significa que um sujeito ou sujeitos tentam examinar as realidades de sua própria existência, investigando essas realidades após sua emersão. Uma pesquisa reconstrutiva (em qualquer quadrante) é, portanto, em essência, uma investigação *a posteriori* de realidades previamente construídas. Não é uma investigação *a priori* de estruturas predeterminadas (que é onde nos afastamos de Platão, Hegel, Plotino, Husserl e Aurobindo – novamente, essa é parte da mudança para um ponto de vista pós-metafísico), embora as realidades passadas agora investigadas apareçam como *a prioris* porque são, de fato, hábitos cósmicos agora pré-dados (o que explica por que a metafísica os considerou erroneamente como estruturas ontologicamente pré-existent em vez de hábitos cósmicos orgânicos, que não são legados pelo eterno ao temporal, como pensou a metafísica, mas transmitidos pelo tempo passado ao tempo presente).

A pesquisa reconstrutiva não é, de forma alguma, o único tipo de pesquisa. É simplesmente uma versão da investigação do que era e como impacta o que é. Não cobre pesquisas que envolvem o que devia ser (moral, ética, pesquisas normativas); ou pesquisa estética (arte, expressão artística, autoexpressão); ou esforços mais explicitamente interpretativos (literários, expressivos); ou até mesmo pesquisa exploratória de realidades que ainda não surgiram em larga escala, mas estão se formando agora na efervescente vanguarda criativa, entre muitas outras. Portanto, quando enfatizarmos que a pesquisa reconstrutiva é importante, não achamos que ela seja a única abordagem para a realidade; é meramente uma das muitas ferramentas do pluralismo metodológico integral. É importante, porém, porque nos ajuda a determinar quais ondas de consciência (e.g., vermelha, azul, laranja) se estabeleceram como hábitos cósmicos, e quais ainda estão quietas nos estágios formativos – e, desse modo, nos permite ir adiante com uma abordagem pós-metafísica para níveis de consciência, que pode apontar para a existência dessas ondas de consciência sem recorrer a postulados metafísicos e ontológicos, mas simplesmente a padrões morfogenéticos e hábitos evolutivos (sem negar a existência de potenciais mais elevados disponíveis através de autotranscendência, embora esses potenciais mais altos ainda não tenham forma fixa em escala difundida e, assim, sua exploração permaneça idiossincrática, embora muito real).

Em resumo, a pesquisa reconstrutiva é um tipo de pesquisa que examina a natureza do momento presente, analisando os momentos passados que o levaram à sua forma e conteúdo atuais. Os tipos de pesquisa reconstrutiva nos vários quadrantes incluem, por exemplo: ciência reconstrutiva ou ciência evolucionária (QID), antropologia (QID), hermenêutica genealógica (QIE), estruturalismo desenvolvimentista (QID), pesquisa psicanalítica (QSE), arqueologia (QID) e genealogia (QIE/QID) foucauldianas, história cultural interpretativa (QIE), evolução de sistemas ecológicos (QID), evolução estelar (QID), especiação biológica (QID), psicologia evolucionária (QSD), pontos de bifurcação em sistemas complexos e caóticos dinâmicos (QID), e assim por diante. Essas pesquisas reconstrutivas basicamente "desenterram" ou "descobrem" vários aspectos das realidades passadas dos hólons sob investigação, e conseguem fazê-lo porque as realidades passadas são dados que pré-existem a este momento. Não são dados platônicos, mas hábitos cósmicos: portanto, eles pré-existem a este momento. Eles são dados whiteheadianos – ocasiões reais fossilizadas apreendidas agora por suas descendentes, para as quais são internas como unificação preensiva e

externas como reflexão interpretativa (é por isso que saltam a divisão kantiana da coisa-em-si e não apresentam nenhum dilema epistemológico fundamental; vide a seguir).<sup>18</sup>

Mas o ponto central é que, embora essas realidades passadas sejam dados pré-existentes neste momento, sua revelação não é. Isto é – da mesma forma como acontece a cada momento do espaço-tempo (passado, presente e futuro) – este momento é um devir de uma situação AQAL: é moldado por fatores em todos os quatro quadrantes (e por suas ondas, correntes e estados já existentes). Isso significa que a revelação de realidades passadas, que são dados fósseis, acontece inevitavelmente em conjunção com a liberdade e interpretação criativas deste momento. Assim, não existe nenhuma forma reflexiva para chegar às realidades passadas, exceto por uma pesquisa que inclua suas interpretações. As realidades passadas, como dados, estão costuradas sem emendas nas unificações preensivas pré-reflexivas deste momento; mas só podem ser reveladas através de uma pesquisa reconstrutiva reflexiva que, inescapavelmente, adiciona suas próprias dimensões interpretativas (subjetivas e intersubjetivas). Desse modo, realidades passadas, como dados, nunca são desveladas em sua forma prístina; elas são espaços AQAL prévios que, se "desenterrados" reflexivamente, só podem sê-lo pelo espaço AQAL deste momento, um desvelamento que colore o espaço prévio com as adições e interpretações deste momento (exatamente como o que aconteceu no espaço AQAL precedente, antes de passar para este momento como um dado). Portanto, embora o Kosmos inteiro do momento prévio nos seja transmitido como um dado e percebido interiormente em sua totalidade pela minha apreensão presente (isto é, pela minha unificação preensiva pré-reflexiva), em nenhum ponto nós descobrimos reflexivamente um mundo meramente pré-dado.

Isso significa que nunca conseguimos entrar em contato com a coisa-em-si? Que nunca conseguimos entrar em contato com dados pré-existentes? Não, pelo contrário: o passado *a priori* é agora interior ao momento presente, como um componente real da percepção deste momento, e, assim, o que você está percebendo neste instante é, em parte, a coisa-em-si do momento precedente, agora completamente embutida em seu ser. Dizer que você nunca pode separar completamente dados passados de elaborações presentes não significa que a coisa-em-si esteja epistemológica e ontologicamente dissociada e para sempre intocável (essa mudança neowhiteheadiana livra-se desse pesadelo kantiano específico).

Assim, embora possamos perceber de uma forma profunda a coisa-em-si, não conseguimos conhecê-la reflexivamente; podemos senti-la, não pensá-la. Embora a coisa-em-si do momento precedente esteja completamente contida na unificação preensiva ou autossignificado deste momento, se tentarmos, depois do fato, refletir e reconstruir o dado passado, nós inevitavelmente adicionaremos interpretações deste momento aos dados daquele momento. A própria reflexividade se desqualifica da coisa-em-si. Quando a coisa-em-si surgiu criativamente, ela não foi dada. Quando descoberta, não foi dada. Novamente, em nenhum lugar nós encontramos um mundo meramente dado.

Isso não significa de forma alguma que nossa hermenêutica reconstrutiva, fenomenologia reconstrutiva e ciências reconstrutivas sejam inúteis – elas são extraordinariamente importantes como um aspecto de uma autocompreensão mais transparente. Deve ser dito, entretanto, que em nenhum ponto as pesquisas reconstrutivas descobrem a coisa-em-si (embora, se realizadas corretamente, sejam guiadas pela coisa-em-si, guiadas pelos dados, heranças factuais ou hábitos cósmicos do passado, à medida que eles encontram causalmente o presente via ressonância mórfica, causação formativa, unificação preensiva, memória cultural, e assim por diante). Quando enagimos um mundo, mergulhamos em uma rede de dados pré-existentes com interpretações presentes.

### **Fatos e interpretações são intrínsecos ao Kosmos**

Desse modo, dizer que o momento atual é uma malha inconsútil de dados passados e interpretações presentes não significa negar a existência de qualquer um dos dois. A grande genialidade de Whitehead foi perceber que "fatos e interpretações" são a mesma coisa que

"incluir e transcender". O momento prévio é transmitido como fato, como dado, como um *a priori*, para o momento presente, que adiciona sua própria criatividade, interpretações e transcendência – uma matriz AQAL que é, então, transmitida, como fato, para a matriz do momento seguinte. As interpretações de hoje transformam-se nos fatos de amanhã como herança cósmica.<sup>19</sup>

Isso é verdade infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Como ressaltado frequentemente, até elétrons têm de interpretar seu ambiente, e mesmo quarks possuem intersubjetividade. Não se trata apenas de átomos apreenderem seus predecessores (*a la* Whitehead); trata-se de um momento AQAL compreender seus predecessores: os quatro quadrantes seguem infinitamente para baixo (retornaremos a esse importante ponto em breve e discutiremos as formas como isso acontece, incluindo com satisfação a noção de preensão de Whitehead).

Desse modo, quando também se trata de humanos, existem realmente dados *a priori* e nossas interpretações presentes desses dados. A grande (e de certa forma única) discussão entre a modernidade e a pós-modernidade tem sido sempre: que peso dar a cada um desses momentos? A modernidade (e o Iluminismo) afirma convictamente que existe apenas um mundo pré-dado de fatos. O paradigma básico do Iluminismo foi, portanto, o paradigma da reflexão (ou "o Espelho da Natureza") – ou seja, a realidade é dada objetivamente por todas as formas importantes (isto é, o mundo natural que vemos lá fora é uma realidade pré-dada, refletida ou representada pelas leis universais da natureza) – e, assim, a epistemologia correta consiste em fazer um mapa ou representação precisa do território pré-dado. Somente os dados são reais: só existem fatos.

A pós-modernidade, como se reagisse violentamente a essa tolice, foi para o outro extremo e apresentou seu próprio erro clamoroso: não existem fatos, apenas interpretações. A pós-modernidade não disse simplesmente: "existem dados, mas nossa descoberta deles é, de muitas formas, interpretativa". Disse sim: "não existem dados em lugar nenhum, existem somente interpretações e construções sociais". Em outras palavras, no lugar do processo whiteheadiano de ruptura-com-continuidade (ou transcendência-e-inclusão), o pós-modernismo apresentou uma visão nada-além-de-rupturas: nada além de fraturas, disjunções incomensuráveis, fragmentos, cacos, à medida que o Kosmos dividido prossegue, momento a momento, alienando e negando seu passado.

Portanto, a modernidade afirmou: "não existem interpretações, apenas fatos"; e a pós-modernidade afirmou: "não existem fatos, apenas interpretações". Não preciso lhe dizer que, em minha opinião, ambas descobriram uma importante, embora parcial, peça do quebra-cabeça. O que é necessário, claro, é assumir um ponto de vista integral-aperspectivo que honre e incorpore os momentos importantes das duas abordagens para as realidades passadas, ao mesmo tempo em que evite seus respectivos absolutismos de quadrante (o Iluminismo moderno privilegiou o QSD; o pós-modernismo privilegiou o QIE).<sup>20</sup> Ambos assumiram seu modo preferido de estar no mundo e afirmaram ser o único modo válido de estar no mundo.

### **Interpretação em ambos os sentidos**

Até este ponto, focalizamos a pesquisa de realidades passadas (ou itens que podemos afirmar, racionalmente, que já existem nos quatro quadrantes); ainda não falamos sobre a pesquisa de potenciais futuros, que trata de investigar a fronteira efervescente do desdobramento evolucionário atual; a pesquisa de eventos que estão emergindo; a pesquisa do número ilimitado de diferentes formas de interpretação que surgem momento a momento; a pesquisa dos componentes transcendentais de qualquer preensão; a pesquisa de realidades que são cocriadas pela forma de investigação em si; a pesquisa de estados mais elevados que já estão presentes como domínios genéricos – tais como vigília, sonho e sono profundo – mas que ainda não surgiram em grande escala e não assumiram formas particulares como hábitos cósmicos e estágios específicos; e a pesquisa de itens que podem



ser chamados de dados involucionários, ou realidades que parecem estar presentes desde o começo da evolução (tais como a matemática, certas leis físicas, formas verdadeiramente arquetípicas, o gradiente morfogenético de Eros, e assim por diante; a existência ou não de quaisquer um deles será discutida mais tarde).

Pelo contrário, até agora falamos sobre pesquisas de ocasiões que pré-existem, de algum modo, à nossa investigação como ocasiões reais: isto é, o momento precedente do universo AQAL e alguns de seus hábitos cósmicos duradouros que se repetem neste momento. É por isso que nos referimos a todas essas pesquisas como pesquisas reconstrutivas, seja ciência reconstrutiva (e.g., física, biologia evolucionária), fenomenologia e introspecção reconstrutivas (e.g., a investigação da psicologia de profundidade de sensações reprimidas passadas); hermenêutica reconstrutiva (uma investigação da história do significado em uma cultura); antropologia reconstrutiva (pesquisa de rastros materiais históricos e pré-históricos do surgimento humano), e assim por diante.

E a pergunta é: que parte do nosso conhecimento se baseia em fatos ou dados pré-existentes (transmitidos a este momento via herança cósmica) e que parte baseia-se em interpretações presentes desses fatos (que transcendem dados passados e não podem ser encontradas no mundo dos fatos)?

Em outras palavras, a dificuldade é como determinar exatamente que partes de nossas pesquisas reconstrutivas estão mais próximas dos fatos, quanto melhor nossa investigação, e que partes são principalmente nossas interpretações corretas ou erradas desses fatos. Essa é uma questão difícil que, eu creio, pode ser mais bem esclarecida por uma abordagem AQAL. (Vide *Sidebar A: "Who Ate Captain Cook? Integral Historiography in a Postmodern Age"*, em <http://www.kenwilber.com/Writings/PDF/A-Who%20Ate%20Captain%20Cook.pdf> ).

Mas permita-me tecer algumas considerações sobre essa delicada questão, baseado em nossa discussão de carma cósmico. A ideia geral é realmente simples, pelo menos em teoria: quanto mais as realidades do passado se repetem, mais elas se tornam hábitos cósmicos fixos e entranhados – e, portanto, mais essas realidades passadas continuam a existir como dados, como fatos, transmitidos ao futuro; e quanto maior seu tempo de existência, mais teimosas elas se tornam, resistindo bravamente a interpretações ruins.

Por exemplo, quando os átomos emergiram pela primeira vez, seu surgimento foi em parte determinado por seus próprios dados passados (os quarks, elétrons, prótons, etc. já existentes – isto é, a matriz AQAL previamente existente naquele tempo), mas sua emergência também foi um impressionante salto de inovação criativa (isto é, a emergência criativa foi um novo momento interpretativo que não podia ser reduzido a nenhum dos dados pré-existentes). À medida que mais elétrons, prótons e nêutrons seguiram essas trilhas morfogenéticas e se uniram em átomos, mais as próprias formas dos átomos enraizaram-se como hábitos cósmicos. Em certo ponto, os aspectos criativamente interpretativos da formação atômica começaram a definharem, e as dimensões formais dos átomos estabeleceram-se como hábitos dados, transmitidos aos momentos sucessivos.

Atualmente existem mais de cem desses elementos atômicos, subcomponentes estáveis de todos os hólons subsequentes do reino denso. Em outras palavras, no mundo de hoje, os átomos se tornaram um hábito cósmico tão profundamente arraigado, a ponto de nenhum emergente criativo do domínio manifesto atual ter condições de não os incluir. Isso significa que os átomos se tornaram características profundas do Kosmos, transmitidas a todas as ocasiões futuras, que devem transcender e incluir suas formas (ou deixar de existir). E portanto, essas características atômicas, profundas ou formais, resistem ativamente a reinterpretções atuais do espaço AQAL (em ambos os sentidos: os próprios átomos cessaram de adicionar emergentes interpretativos às suas formas básicas – como diria Whitehead a esse respeito, sua inovação criativa agora tende a zero – e nós próprios, humanos, temos um espaço muito limitado para nossas interpretações dos aspectos formais dos átomos).

Em ambos os sentidos é um ponto importante, porque ele destaca dois tipos essenciais de interpretação presentes no Kosmos. O primeiro e o mais fundamental é que a interpretação é um aspecto intrínseco dos quadrantes do Lado Esquerdo de todos os hólons, do topo à base. Isto é, a apreensão de um dado momento contém um elemento de inovação criativa e liberdade interpretativa, que não pode ser reduzido a, ou explicado por, dados e fatos *a priori* do momento prévio ("liberdade interpretativa" significa que, como um hólón percebe seu passado, ele não está completamente contido nele). Como dissemos, até elétrons têm de interpretar seu meio ambiente – com muito mais razão, bactérias, vermes e lobos.

Desse modo, a interpretação é inerente às dimensões subjetivas e intersubjetivas de estar no mundo (infinitamente para cima, infinitamente para baixo). Nós frequentemente enfatizamos a importância da intersubjetividade na interpretação (e, portanto, resumidamente, identificamos normalmente a interpretação como uma ocasião quintessencial do QIE, e continuaremos a fazê-lo), mas todas as dimensões interiores têm um momento de liberdade interpretativa (embora nunca divorciada dos outros quadrantes).

A apreensão quadrática deste momento é, portanto, um amálgama, uma teia inseparável, de fatos intrínsecos e interpretações intrínsecas. Isto é, a apreensão quadrática deste momento inclui os dados factuais deste momento mais as interpretações deste momento dos dados deste momento. E a soma total ou amálgama desses fatos e interpretações (isto é, a matriz AQAL deste momento) é então transmitida, como FATO dado, à apreensão quadrática do próximo momento, que então adiciona seus próprios fatos e interpretações, que juntos como um amálgama são, em seguida, transmitidos, como FATO, para o momento seguinte, que então o INTERPRETARÁ, ou quaisquer outros FATOS, de maneira não contida nesses FATOS (daí por que este momento transcende e inclui seus predecessores).

Em resumo, o(s) FATO(S) do momento precedente mais os fatos e interpretações deste momento são transmitidos, como amálgama preensivo, ao próximo momento como novo FATO (isto é, como nova soma total de realidades passadas como dados), que então estará aberto a novas interpretações, que podem se tornar novos fatos... Como dissemos, as interpretações de hoje tornam-se partes dos fatos de amanhã como herança cósmica.

O segundo tipo de interpretação intrínseca ao Kosmos vem do primeiro, isto é, os hólons apreendem uns aos outros e, portanto, devem interpretar suas interpretações. O primeiro tipo de interpretação é simplesmente parte da liberdade criativa inerente a cada hólón (ou seja, todo hólón deve interpretar o momento presente até certo ponto); o segundo tipo é o que acontece quando um hólón tenta interpretar especificamente outro hólón. É aí que, podemos dizer, o jogo interpretativo torna-se perigosos e incerto.

Esse é um tópico muito longo. Permita-me simplesmente afirmar que, exatamente porque a interpretação do primeiro tipo é intrínseca ao Kosmos, a interpretação do segundo tipo também é. Toda vez que um hólón encontra outro, configura-se uma situação quatro-quadrantes-para-quatro-quadrantes: cada hólón encontra o outro não apenas como um fato dado ou objeto de terceira-pessoa, mas como uma ocorrência interpretativa de primeira-pessoa e segunda-pessoa. O cervo que observa um caçador deve interpretar as ações do caçador, e não apenas reagir a cada uma delas como, digamos, a uma pedra que cai. Justamente porque todos os hólons (infinitamente para cima e para baixo) têm um momento de senciência, eles sempre terão de interpretar seus ambientes e, portanto, interpretar as interpretações uns dos outros.

Desnecessário dizer que a interpretação adequada demanda interpretação de mesma profundidade. Se um hólón tenta interpretar um hólón de maior profundidade, algo com certeza se perderá na interpretação. Esse, também, é um tópico muito longo; assim, por enquanto, vamos simplesmente citá-lo e seguir em frente.

Quando chegamos aos hólons humanos, suas capacidades linguísticas ampliam-se muito e complicam a interpretação (em ambos os sentidos). O pós-modernismo, claro, ficou obcecado

(compreensivelmente) pelo excessivo mistério da interpretação do Outro: como podemos sequer iniciar tal tarefa? O pós-modernismo em geral respondeu: nós não podemos – é basicamente impossível interpretar adequadamente um Outro cultural; assim, nos deparamos com culturas incomensuráveis, práticas linguísticas incompatíveis, mundos vivos incomunicáveis e fragmentos pluralistas em todas as direções. Como se verificou, o pós-modernismo simplesmente exagerou seu caso e quando Derrida admitiu (em *Posições*) que "o significante transcendental existe", o jogo do pós-modernismo radical já estava bem avançado, deixando a academia no meio de uma crise de legitimação colossal ainda não resolvida.

Não precisamos seguir o pós-modernismo radical a fim de concordar com suas verdades incrivelmente importantes, embora muito parciais, a principal delas sendo: a interpretação é intrínseca ao Kosmos (que é o verdadeiro significado de "não existe nada fora do texto"). O pós-modernismo, claro, referia-se ao segundo tipo de interpretação que estamos discutindo e, especificamente, em sua forma humana – isto é, seres humanos são criaturas linguísticas e, portanto, devem interpretar tudo que entra em seu mundo, já que os "limites da minha linguagem são os limites do meu mundo". Mas essa visão, considerada isoladamente, em última instância não tem nenhum significado (e é, de fato, autocontraditória), a menos que seja relacionada diretamente ao primeiro tipo de interpretação, isto é, todos os hólons, do topo à base, têm um componente interpretativo interno em sua própria estrutura ou constituição real. Uma vez que a interpretação seja adequadamente situada em uma configuração AQAL, as verdades parciais do pós-modernismo assumem seu importante e legítimo lugar em uma orientação mais integral.

Assim, temos dois tipos de interpretação intrínsecos ao Kosmos, que podemos chamar interpretação primária (inerente aos quadrantes do Lado Esquerdo de todos os hólons) e interpretação cruzada (onde um hólón tenta interpretar outro).

Retornemos agora ao ponto que estávamos discutindo: quanto mais antigo o momento interpretativo, sobra menos espaço para sua composição. Como dissemos, quando nós humanos hoje investigamos átomos, por exemplo, temos nossas próprias interpretações sobre eles; mas nossas interpretações têm um impacto relativamente pequeno nesses hábitos cósmicos profundamente enraizados; é por isso que interpretações cruzadas são completamente repelidas pelas ações dos próprios átomos (daí por que o falseacionismo é frequentemente – mas nem sempre – um dos padrões usados pelas ciências reconstitutivas: o falseacionismo é a rejeição de uma interpretação cruzada ruim pelo Outro da interpretação).

Parte do que nossas pesquisas reconstitutivas revelam ou descobrem são alguns dos padrões básicos, características profundas, ou hábitos cósmicos enraizados (como eles aparecem em quaisquer dos quadrantes). Esses padrões profundos são realidades passadas tão habitualmente repetidas, a ponto de as ondas de probabilidade ficarem firmemente localizadas e, conseqüentemente, nossas pesquisas reconstitutivas conseguem adicionar apenas alguns detalhes interpretativos a esses fatos já estabelecidos (e quanto mais antigo o hábito, sobra menos espaço para sua onda de probabilidade: mais teimoso torna-se o fato – e menos suscetível a interpretações – embora sua formação original tenha incluído momentos intrinsecamente interpretativos de subjetividade e intersubjetividade em sua própria composição interna: em nenhum ponto os fatos são meramente factuais). Mas quanto mais estabelecido o hólón, menos espaço de mudança é deixado para suas características essenciais.

É por isso que afirmamos que somente padrões ou características profundos são herdados coletivamente: eles são o que todos os hólons de uma classe tiveram em comum quando surgiram pela primeira vez e, a partir daí, se estabeleceram como um forte campo mórfico coletivo; enquanto as características superficiais – ou o que apenas alguns hólons fizeram – não foram suficientemente intensas para serem passadas adiante coletivamente (embora sejam carregadas pelos indivíduos em suas próprias preensões e campos mórficos individuais).

É claro que existe um tipo de espectro ou holarquia coletivo – indivíduo, família, grupo, cultura, nação, planeta, etc.<sup>21</sup> O ponto é que existe carma individual, carma familiar, carma cultural, carma nacional, etc.; e que essas características profundas, mas não as características superficiais, são herdadas pelos membros das famílias, grupos, nações, etc. Note que a maior parte desses padrões herdados coletivamente não são universais, mas sim confinados a um pequeno grupo, subcultura ou cultura. Somente algumas características profundas são universais ou planetárias, mas a descoberta desses padrões universais só pode ser revelada por uma pesquisa reconstrutiva conduzida pelo nível amarelo ou superior, já que elas envolvem padrões universais invisíveis aos memes de primeira camada. Retornaremos a esses importantes pontos em breve.

### **Uma analogia simples: o *Grand Canyon***

Como dissemos, quanto mais antigas as realidades passadas, menor espaço é deixado para as interpretações atuais, em ambos os sentidos (as do hólón e as nossas – isto é, menos momentos interiormente interpretativos são adicionados pelo próprio hólón e existe menos espaço para nossas interpretações cruzadas de suas características). Reciprocamente, quanto mais recentes as realidades passadas, há mais espaço para interpretação (em ambos os sentidos).

No desenvolvimento psicológico, por exemplo, isso significa que as ondas antigas de desenvolvimento – particularmente a bege, roxa, vermelha, azul e, até certo ponto, laranja – estão agora bem estabelecidas como dados profundos transmitidos ao presente como campos morfogenéticos e hábitos interpretativos, enquanto as ondas mais recentes ainda estão em seu período de formação.

Deixe-me apresentar uma analogia simples aqui. Um antigo hábito cósmico profundamente enraizado – digamos, o meme ou estrutura bege – é como o *Grand Canyon*: uma trilha morfogenética rasgada tão profundamente no Kosmos, a ponto de ser virtualmente impossível escapar dela. Se estiver viajando pelo *Grand Canyon*, você pode navegar pelo Rio Colorado abaixo na parte inferior – um rápido passeio que leva algumas horas – ou pode caminhar até o topo, em seguida de volta até o fundo, depois subir de novo até o topo e descer até o fundo mais uma vez, e assim por diante, por quilômetros: um enorme dispêndio de energia que lhe exigirá meses de caminhada para cobrir o mesmo terreno. Desse modo, se um hólón humano quiser descer o rio da forma mais eficiente, existe perto de 100% de probabilidade que seguirá o rio na parte inferior, e não subirá e descerá as encostas continuamente. Portanto, dizer que um hólón humano está navegando o Rio Colorado de um modo desenvolvimentistamente eficiente é dizer que existe quase 100% de probabilidade de nós o encontrarmos descendo o rio na parte inferior do *Grand Canyon* em qualquer momento dado.

O meme bege é exatamente assim: existe praticamente 100% de probabilidade que os hólons humanos, ao tentar atravessar sua urdidura do espaço-tempo, seguirão as trilhas – exibirão as características – associadas à onda bege da matriz AQAL (daí por que todos os humanos universalmente têm necessidade de comida, abrigo, água: o meme bege). Além disso, essas características beges só podem ser determinadas (ou descobertas e delineadas reflexivamente) por uma pesquisa reconstrutiva que investigue o *Grand Canyon*, após o fato de sua emergência e da existência de suas trilhas criadas pelo hábito – isto é, como um *a priori* da herança passada, não uma estrutura arquetípica predeterminada.

Quanto mais antigo o hólón, mais parecido com o *Grand Canyon* ele é. No ponto mais fundo, o *Canyon* tem quase uma milha de profundidade (cerca de 1700 metros) – em hólons humanos, isso seria como o bege.<sup>22</sup> O roxo é menos profundo (digamos, 1300 metros), o vermelho menos profundo ainda (digamos, 700 metros), e o azul ainda menos (300 metros). O laranja tem apenas 300 anos de idade – o equivalente, talvez, a 100 metros de profundidade no Kosmos. O verde – que entrou em cena de forma difundida há apenas três décadas – é uma trilha morfogenética gravada na superfície do Kosmos a insignificantes dez metros. E a

pobre segunda camada é como se algumas pessoas estivessem arrastando galhos na superfície do terreno, começando a gravar lentamente uma trilha morfogenética integral na paisagem cósmica.

Desse modo, como dissemos, as características profundas que são herdadas em qualquer quadrante como hábitos cósmicos são simplesmente ondas de probabilidade para encontrar um tipo de ocasião em um espaço-tempo particular. Quanto mais antiga a característica herdada, mais restrita fica a onda de probabilidade (de maneira que formas mórficas muito antigas parecem largamente deterministas, embora originalmente tenham surgido como liberdade criativa). Todas as outras características dos hólons – suas permutações, combinações, características superficiais e ações – emergem como um novo jogo no espaço AQAL deste momento, transcendendo e incluindo o passado em um ímpeto de furor criativo, com interpretações e fatos deslizando uns sobre os outros numa confusão de indeterminações. Mas as características gerais se estabelecem lentamente como hábitos cósmicos, e, como sempre, quanto mais antigo o hábito, mais difícil quebrá-lo.

### **Da herança dialógica parcial à completa**

Trataremos de muitos desses tópicos cruciais – como a relação entre fatos e interpretações – em capítulos posteriores, onde daremos exemplos específicos do que cada caso significa. No momento, o ponto fundamental é que toda ocasião real – todo hólón existente – tem pelo menos quatro dimensões de estar no mundo, de forma que cada momento existe como uma manifestação AQAL com uma herança quadridimensional.<sup>23</sup>

Portanto, cada momento quadridimensional tem intrinsecamente aspectos ou dimensões objectivos/factuais (QSD e QID) e aspectos ou dimensões interpretativos/conscienciais (QSE e QIE). Não estamos nos referindo agora a como os humanos interpretam outros hólons (ou interpretação cruzada); estamos falando sobre os hólons em si, infinitamente para cima, infinitamente para baixo (interpretação primária). À medida que este momento passa a existir (em qualquer nível), ele possui uma centelha de transcendência criativa, liberdade interpretativa e ação não determinada; mas ao passar para o próximo momento, ele se torna "ido" ou "passado", uma realidade passada que não muda mais: ele cessa de se interpretar e passa ao registro fóssil como um *a priori*. A totalidade dos fatos e interpretações deste momento é transmitida ao momento subsequente como dimensões dadas *a priori*, que mesclará esses dados com seus próprios fatos e interpretações.

Coloquemos isso de forma mais precisa, passando da formulação dialógica parcial de Whitehead para uma formulação quadrática: a matriz AQAL deste momento é assumida e incluída na matriz AQAL do próximo. Isso não é meramente uma questão de apreensão e unificação apreensiva, como acreditava Whitehead. Whitehead fez de fato uma análise do Quadrante Superior Esquerdo da existência momento a momento e, desse modo, negligenciou amplamente a contribuição das heranças dos outros quadrantes. Por exemplo, enquanto a dimensão subjetiva deste momento está apreendendo a dimensão subjetiva do momento precedente (e assim sendo moldada, até certo ponto, pela causalidade apreensiva de percepções passadas), a dimensão objetiva deste momento está exercendo uma causalidade formativa na dimensão objetiva do próximo e, portanto, não está ocorrendo apenas uma causalidade perceptiva, mas também uma causalidade mórfica. Esse tipo de herança objetiva ou exterior não é diretamente apreendido pelo hólón, a menos que ele assuma uma perspectiva de terceira-pessoa para sua própria existência, fato que não é levado em conta pela apreensão ou concreção whiteheadiana (mas que é levado em conta pelos campos mórficos sheldrakianos e por outras heranças dos QSD e QID, inclusive ressonâncias de energias sutis [vide Excerto G]).

Portanto, cada momento não é só um sujeito que se torna objeto do próximo sujeito; as formas objetivas de cada momento também influenciam causalmente as formas objetivas subsequentes, de um modo que não é apreendido ou percebido diretamente pelo hólón. Isto é, dimensões objetivas legam sua influência a dimensões objetivas subsequentes, e

dimensões subjetivas influenciam dimensões subjetivas subsequentes – isso se dá igualmente intersubjetiva e interobjetivamente – e juntas ajudam a moldar a face do momento presente (apenas algumas delas entram na apreensão ou autoconsciência do hólón).

Igualmente, como a troca de informações com David Ray Griffin revelou, vários campos intersubjetivos influenciam a forma do sujeito através de modos que nunca são apreendidos como objeto pelo sujeito (isto é, que se inserem e moldam o sujeito diretamente à medida que ele surge, e não são apreendidos como objeto pelo sujeito).<sup>24</sup>

Em resumo, vários aspectos de todos os quadrantes são herdados, não meramente como unificação preensiva (*a la* Whitehead), não meramente como causação formativa (*a la* Sheldrake), não meramente como memória cultural (*a la* Bourdieu), e não meramente como sistemas sociais (*a la* von Bertalanffy), mas via uma herança AQAL total que inclui os quatro quadrantes infinitamente para baixo (de uma forma completa e não parcialmente dialógica).<sup>25</sup>

Precisamos de uma palavra para indicar essa "preensão de quatro quadrantes". Eu às vezes chamo de "preensão quadrática", mas isso estende o significado whiteheadiano além do reconhecimento, e o ponto da formulação quadrática é que ela rejeita categoricamente a adequação da versão whiteheadiana nesse aspecto. Assim, eu normalmente me referirei a essa "preensão quadrática" pelos termos *tetrapreensão* ou *copreensão*, com o claro entendimento que eles vão além da simples percepção-preensão, causalidade formal, contextos intersubjetivos e sistemas interobjetivos, indicando uma herança de quatro quadrantes infinitamente para cima e para baixo. (E na "herança de quatro quadrantes" ou "tetrapreensão" incluímos tudo que acontece em quaisquer dos quadrantes, inclusive suas ondas, correntes, estados e tipos – os quais são apenas palavras que indicam realidades efetivas transmitidas de um momento ao próximo no desdobramento criativo da matriz AQAL.)

O ponto é que todas as teorias existentes sobre herança – da apreensão à causalidade, à autopoiese, à memória de sistemas – parecem tocar de leve em uma ou duas dimensões de estar no mundo, mas nenhuma cobre todas as bases conhecidas. Assim, daqui por diante, quando falarmos de carma cósmico, estaremos nos referindo a um assunto AQAL de tetrapreensão, infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

Em resumo, a herança momentânea a momento é uma questão AQAL: dimensões subjetivas entram em ressonância com, e influenciam, dimensões subjetivas via apreensão; dimensões objetivas (isto é, exteriores) entram em ressonância com, e influenciam, dimensões objetivas via causação formativa; e assim por diante no que diz respeito a hábitos intersubjetivos e interobjetivos. A ressonância quadrante-a-quadrante-similar é o modo da memória cósmica. E muitas das formas do Lado Direito dessa herança nunca entram na apreensão direta do hólón que as herda, nem a maior parte dos padrões profundos nos quadrantes do Lado Esquerdo, os quais, como veremos, são descobertos apenas através de pesquisas de segunda-pessoa e terceira-pessoa (e não por apreensões de primeira-pessoa). No Lado Direito há também campos de energia sutil, além de campos mórficos (vide a seguir), que escapam à atenção da apreensão propriamente dita.

O ponto essencial para a presente discussão é que a matriz AQAL de um momento é transmitida como um dado, um *a priori*, para a matriz AQAL do próximo momento. São dados factuais, não no sentido que sejam todos objetos de apreensão do novo sujeito (porque alguns aspectos da herança cósmica não são percebidos diretamente por um hólón). Melhor dizendo, a matriz AQAL do momento precedente é agora um dado factual ou um *a priori* no sentido que cessou sua própria inovação criativa e se estabeleceu no passado imutável como parte do registro fóssil da evolução cósmica. Sua liberdade criativa cessou no instante em que a criatividade transcendental foi assumida pelo momento seguinte, tornando este momento "morto", ou, se preferir, transformando-o em memória cósmica. Ele é agora uma realidade passada, fixa ou um *a priori* no sentido que não pode mais interpretar a si mesmo e, portanto, mudar a forma de sua própria existência, como o fez em seu momento de criatividade presente; mas ele pode ser interpretado por seus sucessores. Como uma realidade passada,

todas as suas ondas de probabilidade colapsaram em uma forma específica e inalterável, uma realidade criativa que agora se transformou em um fóssil sem vida e imutável, um passado real que só pode ser conhecido reflexivamente por interpretações presentes.

Resumindo, a forma da memória cósmica é a matriz AQAL tetra-apreendida momento a momento, e não meramente preensões, nem tediosa causação formativa, nem memória de sistemas, nem apenas hábitos culturais, etc. A herança cósmica é tetrapreensão momento a momento, infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

## **Conclusão**

As seções precedentes sugerem uma estrutura teórica – uma matriz AQAL ou um Sistema Operacional Integral (SOI) – que nos permite fazer várias coisas de uma vez.

Primeiro, podemos dar conta de estruturas estáveis existentes (de bactérias a ecossistemas, a níveis de consciência) sem a necessidade de recorrer a arquétipos, estruturas ou níveis ontológicos com existência independente pré-dados – isto é, podemos começar a substituir a especulação metafísica pela pesquisa reconstrutiva.

Segundo, até mesmo estruturas existentes não são vistas como entidades concretas com existência independente, mas sim como ondas de probabilidade de encontrar ocasiões particulares em uma certa vizinhança da matriz AQAL em qualquer instante considerado.

Terceiro, a natureza em si de qualquer ocasião real contém intrinsecamente pelo menos três ou quatro dimensões principais (os quatro quadrantes), cada uma delas encarnando um modo intrínseco de estar no mundo (modos de primeira-pessoa, segunda-pessoa e terceira-pessoa).

Quarto, um Sistema Operacional Integral (ou uma estrutura teórica que considera e inclui explicitamente todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos) é muito provavelmente a única estrutura que pode ajudar a ultrapassar o limiar de uma Era Integral. Embora qualquer SOI seja simplesmente uma construção de terceira-pessoa, abstrata, teórica, de linguagem-isso, um SOI autêntico, todavia, chama explicitamente a atenção, não apenas para "issos" de terceira-pessoa, mas também para as outras realidades importantes de modos de primeira-pessoa e segunda-pessoa, inclusive percepções e experiências pessoais, fenomenologia, hermenêutica e pesquisa colaborativa. Assim, qualquer SOI genuíno ajuda continuamente os indivíduos a se lembrar de que devem tocar as bases de todas essas realidades – de todos os quadrantes, de todos os níveis, de todas as linhas, de todos os estados, de todos os tipos – ainda que o simples mapa do SOI nunca possa substituir o território real de nenhuma delas (nem ele se propõe a isso). Além disso, diferentemente da maioria de outros mapas (da Teia da Vida ao paradigma pós-moderno), que acreditam ser eles mesmos o próprio território real e o caminho correto para visualizá-lo, um SOI está completamente ciente de que é meramente um mapa e, desse modo, pode apontar para territórios e realidades mais elevados, não diretamente contidos no mapa propriamente dito. Finalmente, um aspecto especialmente útil de qualquer SOI autêntico é que ele chama explicitamente a atenção para as muitas metodologias que podem enagir e iluminar as várias realidades e potenciais do desdobramento criativo do Kosmos. Ele é um resumo do Pluralismo Metodológico Integral – arauto do Limiar de uma Era Integral – que nós agora podemos adentrar.

## V – Pluralismo Metodológico Integral

### Introdução

Acredito que agora tenhamos informações suficientes para fazer uma rápida excursão por algumas das metodologias mais comumente usadas para iluminar, enagir e gerar as várias dimensões dos hólons. Em cada um dos casos – do empirismo à fenomenologia, à hermenêutica, à teoria de sistemas – podemos perguntar o que está sendo desvelado ou gerado pelas injunções da pesquisa particular? Isto é, quando seguimos uma pesquisa específica, o que de fato descobrimos? O que a pesquisa nos mostra? E por que isso é importante?

Vários itens são enagidos e iluminados na clareira criada por uma pesquisa particular, inclusive realidades passadas, ocasiões reais presentes e potenciais futuros:

(1) Acabamos de discutir um dos mais importantes – isto é, algumas dessas pesquisas (como física, biologia, psicologia do desenvolvimento, teoria de sistemas, ecologia) podem descobrir muitas características duradouras de realidades passadas que ainda estão ativas no presente como dados, como fatos que pré-existem às suas interpretações deste momento (ainda que, inevitavelmente, coloridas por essas interpretações e sabendo-se que, quando elas se estabeleceram pela primeira vez como fatos, tiveram um momento intrínseco de liberdade interpretativa).

(2) Outras pesquisas (como hermenêutica, pesquisa colaborativa, meditação, criatividade artística) também podem iluminar as ocasiões reais (ou fatos e interpretações) que emergem neste momento.

(3) E – também muito importante – algumas delas podem desvelar diversos potenciais futuros que estão começando a emergir por seus próprios espasmos extraordinariamente criativos. Esses emergentes não são dados – certamente ainda não – surgindo neste momento de divertimento indeterminado. Se alguns desses emergentes criativos sobreviverem às pressões de seleção em todos os quadrantes e, subsequentemente, se repetirem cada vez mais por mais hólons da mesma classe, eles poderão, finalmente, estabelecer-se como padrões profundos e hábitos cósmicos enraizados e transmitidos no futuro a todos os membros da classe.

Essas são algumas das ocasiões abertas a nossas formas de pesquisa atuais. Discutiremos em uma importante nota alguns dos outros itens que podem ser descobertos pela pesquisa humana (itens como dados involucionários ou padrões verdadeiramente arquetípicos, cuja existência antes do início da própria evolução pode ser racionalmente considerada).<sup>26</sup> E lembre-se, o que estamos explorando agora são várias formas de investigação, ou caminhos para buscarmos a verdade, ou significados, ou informações, ou percepções, ou *insights*, ou compartilhamento colaborativo, e assim por diante. Através de todas as formas de pesquisa, em qualquer quadrante, estamos procurando por algo. Portanto, nos perguntamos: que formas de olhar ou pesquisar existem nos vários quadrantes? E o que elas geram? Desnecessário dizer que a pesquisa não é a única forma de os seres humanos perceber, saber, ser ou desejar – é simplesmente a forma mais favorável a metodologias reprodutíveis.

Observemos os contornos de algumas dessas metodologias, apresentando um relato singelo, genérico e muito rápido das pesquisas mais comumente usadas e um pouco da sua história recente.

### Pesquisas do Quadrante Superior Direito

Talvez o tipo mais simples de pesquisa seja o empirismo sensório (que, graças a uma rajada teórica, deu origem ao behaviorismo e, com mais uma rajada, ao positivismo – eu os tratarei genericamente como um item). O empirismo sensório também é o mais ingenuamente



apelatório, baseando-se em uma série de suposições acessíveis: eu vejo objetos sensório-motores lá fora; esses objetos (e provavelmente apenas eles) são reais; portanto, o conhecimento verdadeiro consiste em observar o comportamento desses objetos tão cuidadosamente quanto eu puder: isto é, o conhecimento verdadeiro consiste em fazer um mapa preciso de um território objetivo pré-dado.

Não é que essas suposições estejam completamente erradas em todos os sentidos. É que, ainda que consideremos seus aspectos verdadeiros, eles são uma fatia muito pequena da torta cósmica. Mas os aspectos verdadeiros dessa abordagem (que estamos enfocando agora) giram em torno do seguinte:

Quando tento assumir um ponto de vista imparcial e científico na observação de objetos, eu ilumino as dimensões de terceira-pessoa de estar no mundo. Essas dimensões de terceira-pessoa estão lá, elas são reais, elas são relativamente objetivas (isto é, muitos dos aspectos de ocasiões presentes são transmitidos ao presente como realidades whiteheadianas passadas, factualmente herdadas ou apreendidas por este momento. É por isso que um diamante corta um pedaço de vidro, e ele o faz numa cultura pré-moderna, numa cultura moderna e numa cultura pós-moderna: isso é demais para a relatividade cultural). Esses fatos ocorrem, mas não sozinhos, nem constituem uma realidade divorciada dos, ou não moldada pelos, outros quadrantes e dimensões de estar no mundo. O desastre, desnecessário dizer, acontece quando a investigação nesse quadrante (o Quadrante Superior Direito) – ou a pesquisa do comportamento objetivo de ocasiões sensório-motoras – é considerada como o único tipo de investigação que gera conhecimento verdadeiro (uma suposição imatura que acontece apenas quando eu presumo, contrariando a teia completa de evidências disponíveis, que as únicas ocasiões que são reais são as ocasiões sensório-motoras – o que acarreta a absolutização da posição ingênua de uma consciência não reflexiva. "O positivismo é aquilo a que negamos reflexão" – Jürgen Habermas). Essa cegueira é simplesmente um exemplo de absolutismo de quadrante.

Ainda assim, uma pesquisa de terceira-pessoa sobre o comportamento da dimensão sensório-motora dos hólons é uma ferramenta importante em qualquer *kit* integral. Esse modo empírico de pesquisa ilumina as dimensões de terceira-pessoa de estar no mundo. É, portanto, útil para a descoberta de alguns aspectos factuais deste momento (o que significa, as formas herdadas do passado quadrático ainda ativas neste momento e as correlações objetivas ou do Lado Direito da consciência e interpretações do Lado Esquerdo, que surgem neste momento). A existência desse importante quadrante, claro, é negada por pós-modernistas, mas só porque, como veremos, eles estão envolvidos em seu próprio absolutismo de quadrante.

Importantes ramos de pesquisa aqui incluem a maior parte das ciências naturais que focalizam comportamentos individuais, como a física, química, biologia molecular, bioquímica, behaviorismo/psicologia evolucionária, neurofisiologia, neurociência e ciência cognitiva.<sup>27</sup> Embora limitados na cobertura do Kosmos, eles formam uma base importante para qualquer pluralismo metodológico verdadeiramente integral.

### **Pesquisas do Quadrante Superior Esquerdo**

A pesquisa do Quadrante Superior Esquerdo, ou pesquisa em modos de primeira-pessoa de estar no mundo, é a mais imediatamente disponível para todo mundo: eu simplesmente examino minha própria mente, minha própria consciência. Claro, as coisas ficam bem complicadas muito depressa – o que eu chamo "minha própria mente" é, em parte, um produto da cultura, de sistemas sociais, de um pedaço indigesto de carne, você escolhe (o que significa apenas, uma vez mais, que nenhum quadrante está separado dos outros). Entretanto, a "introspecção", em qualquer de suas numerosas formas, não é um jogo completamente ilusório; da mesma maneira que o empirismo e todas as outras pesquisas de quadrantes, ela pode descobrir muitas ocasiões importantes – realidades passadas,

circunstâncias presentes e potenciais futuros – não desvelados ou enagidos por qualquer outro modo.

O fato simples é: quando assumo um ponto de vista de percepção de mim mesmo, eu ilumino as dimensões de primeira-pessoa de estar no mundo. Claro, o que eu descubro depende de um conjunto de variáveis, inclusive – as mais importantes – a onda de consciência e a corrente de desenvolvimento que estou percebendo. Mas a pesquisa genérica de primeira-pessoa tem por trás uma profusão de metodologias importantes através do espectro de consciência completo – inclusive vários tipos de meditação e contemplação, psicologia introspectiva, práticas psicanalíticas, viagem xamânica, fenomenologia da consciência, análise de sonhos e trabalho corporal.

A maior parte dos conflitos entre abordagens nesse quadrante refere-se à discussão sobre qual dos muitos níveis de consciência é o único verdadeiro – um caso que, como veremos, não é de absolutismo de quadrante, mas de absolutismo de onda. E também toparemos com uma discussão acalorada entre os teorizadores que creem existir apenas uma corrente realmente verdadeira nesse quadrante – e.g., aqueles que acreditam que a corrente cognitiva piagetiana, ou a corrente de valores gravesiana, ou a corrente de meditação vipassana, é a única corrente realmente profunda quando comparada às outras, que não passam de correntes superficiais – um exemplo de absolutismo de corrente.<sup>28</sup>

Todavia, a fenomenologia de primeira-pessoa, em muitas de suas formas – espiritual, mental, corporal – destituída de qualquer absolutismo de onda, ou de corrente, ou de estado, ou de tipo, é claramente um recurso importante em qualquer pluralismo metodológico integral. Investigaremos suas muitas contribuições cruciais em um excerto subsequente.

### **Pesquisas do Quadrante Inferior Direito**

É claro que tanto as pesquisas do Quadrante Superior Esquerdo, quanto as do Quadrante Superior Direito, são, de certa forma, ingênuas. Elas tendem a assumir que os indivíduos estão sozinhos. Eu observo minha própria mente (QSE), e nada que vejo lá dentro sugere que seus conteúdos sejam profundamente moldados, às vezes até criados, pela minha cultura. E eu olho para coisas objetivas lá fora (QSD), e elas parecem objetos reais existindo por si mesmos – nada em meus sentidos sugere que sejam partes intrínsecas de totalidades maiores.

A primeira mudança que vai além da postura do individualismo ingênuo geralmente acontece (e historicamente aconteceu) pela compreensão que o organismo visível (QSD) está intrinsecamente interconectado com o ambiente visível (QID) através de sistemas de interação mútua. Em outras palavras, um sofisticado rastreamento do comportamento sensorio-motor de objetos individuais logo revela (para a cognição de segunda camada) que objetos individuais seguem padrões sistêmicos de comportamento, que não são dados por nada intrínseco a eles. Os objetos individuais parecem pertencer a sistemas mais amplos que, até certo ponto, governam o comportamento desses objetos, que são componentes do sistema. A evolução de um organismo individual, por exemplo, não pode ser entendida separadamente da evolução do sistema ecológico em que ele está inserido. De certa forma, organismos individuais não existem por si mesmos; o que realmente existe é um sistema organismo-ambiente, uma teia ecológica – ela própria inserida em teias muito maiores – e é a compreensão desses sistemas e teias que constitui conhecimento significativo. Assim, o foco desse modo de pesquisa não é o comportamento de objetos, mas o comportamento de sistemas.

Historicamente, essa perspectiva resultou em tudo que vai do estruturalismo desenvolvimentista à antropologia genealógica, à teoria de sistemas evolucionários, às ciências ecológicas e às teorias da Teia da Vida até a ampla variedade de teorias de sistemas dinâmicos (da cibernética à teoria geral de sistemas, ao funcionalismo, às teorias da complexidade e do caos). Tudo isso ainda é, em essência, pesquisa de terceira-pessoa, mas

agora executada com um olho no plural e no coletivo, não no singular e no atomístico. Na teoria de sistemas você não encontra relatos de primeira-pessoa quanto a desejos, sensações, impulsos, visões, poesia, sonhos, *satori*, e assim por diante (não em termos não reducionistas dos próprios); e você não acha nenhum relato de segunda-pessoa (ou não reducionista) sobre compreensão mútua, hermenêutica, horizontes coletivamente compartilhados; nem nenhum relato sobre o interior de estados de consciência, estágios de consciência, correntes de consciência, e assim por diante. Esses itens são, às vezes, reconhecidos, mas todos eles são reduzidos a seus exteriores, aparecendo em sistemas dinâmicos de "issos" entrelaçados.<sup>29</sup> Apesar de tentativas para apresentar um "teoria de sistemas flexível", as influentes abordagens de sistemas, em sua ampla maioria – começando por von Bertalanffy e passando por Parsons e Merton até Maturana, Varela, Luhmann, Prigogine, Goertzel, Warfield, Laszlo, Wolfram – são basicamente formas de pesquisa de terceira-pessoa do plural que, expurgadas de absolutismos de quadrante, são recursos cruciais em qualquer pluralismo metodológico integral.

Em outras palavras, quando me engajo em pesquisas de teorias de sistemas, eu ilumino as dimensões de terceira-pessoa do plural de estar no mundo. Essas dimensões são reais, elas estão lá e são – exatamente como os teorizadores de sistemas afirmam – fatos relativamente objetivos sobre sistemas do mundo. Elas desvelam o Quadrante Inferior Direito ou as dimensões objetivas de hólons coletivos.

As escolas mais avançadas de teorias de sistemas dinâmicos reconhecem que o organismo do Quadrante Superior Direito não reflete meramente seu ambiente pré-dado do Quadrante Inferior Direito; ao contrário, enage-o e cocria-o (o paradigma enagente). Isso é seguramente verdadeiro; mas ainda é um relato de terceira-pessoa dessas realidades, como veremos em detalhe no Excerto B. Isso não invalida as teorias autopoieticas, mas simplesmente as situa no esquema mais amplo de um pluralismo metodológico integral.

Todas essas abordagens interobjetivas – existem literalmente dúzias delas – apoiam-se no fato que todos os hólons têm um Quadrante Inferior Direito, uma teia holística de padrões mutuamente interpenetrantes ao longo do espaço e do tempo, que pode ser descrito por uma perspectiva de terceira-pessoa do plural. Embora longe da história completa, é um aspecto crucial de uma visão mais integral.

### **Pesquisas do Quadrante Inferior Esquerdo**

Historicamente, e vindo nos calcanhares da descoberta que organismos individuais existem somente como aspectos inseparáveis das teias de interação ecológica, foi revelado que essas redes interobjetivas na realidade têm interiores que não podem ser reduzidos a, ou explicados por, elas mesmas. Isto é, os sistemas sociais ("issos" de terceira-pessoa) possuem, de fato, interiores de realidades de primeira-pessoa e segunda-pessoas que não são detectados pelas ciências sistêmicas e ecológicas. Pior, as próprias ciências objetivas e interobjetivas surgem apenas como um aspecto inseparável de extensos campos de interpretações culturais: a intersubjetividade afeta todos os outros esforços. Desse modo, a teoria de sistemas moderna deu passagem ao contextualismo pós-moderno – ambos, agora, sendo transcendidos e incluídos em teorias integrais de vanguarda.

Ressaltemos a grande descoberta pós-moderna: todo hólón tem uma dimensão intersubjetiva, todo hólón tem um Quadrante Inferior Esquerdo. Além disso, esse campo intersubjetivo é verdadeiramente irreduzível; não é um tipo de produto da interação de sujeitos anteriormente separados que, de alguma maneira, reúnem-se, interagem e formam um horizonte intersubjetivo compartilhado. Ao contrário, a intersubjetividade está lá, desde o começo, como um aspecto intrínseco do tetrassurgimento deste e de cada momento.

Até mesmo as ciências evolucionárias sustentam essa conclusão, já que todas concordam com o fato que não existem primeiras instâncias na evolução (embora não consigam explicá-lo). Quando surge a primeira ocorrência de uma nova espécie – por exemplo, o primeiro

mamífero – ele nunca surge sozinho; o que aparece de cara é uma população inteira de mamíferos. Faz sentido se você pensar sobre isso. Para uma nova espécie surgir, devem ocorrer dúzias de importantes mutações benéficas. As chances contra essa ocorrência são claramente astronômicas; mas, pior ainda, as mesmas dúzias de mutações devem ocorrer em outro animal do sexo oposto; e aí, eles devem se encontrar pelo planeta inteiro, e acasalar-se, e sua prole tem de sobreviver e acasalar-se – e as chances de que tudo isso aconteça são mínimas na escala do acreditável, ou até do possível. Não, de alguma forma misteriosa, populações inteiras simplesmente emergem – e isso significa, os interiores e exteriores do singular e do plural entram em cena juntos: os quatro quadrantes surgem simultaneamente e tetraevoluem mutuamente, como temos afirmado desde o princípio.

(Como é possível que populações inteiras simplesmente surjam? Que "mecanismo" plausível pode dar conta disso? A resposta curta e simples é: Eros. Vide a nota sobre dados involucionários.<sup>30</sup> Mas independentemente da decisão que tomemos sobre o "como acontece", o "o que acontece" factualmente é que o interior e o exterior do singular e do plural entram em cena simultaneamente: os quadrantes tetraevoluem.)

Quando o Quadrante Inferior Esquerdo ou a dimensão intersubjetiva floresceu em humanos autorreflexivos, modos completos de pesquisa também evoluíram e ajudaram a enagir, descobrir e iluminar essa dimensão intrínseca de estar no mundo. O principal dentre esses modos de pesquisa intersubjetiva é a hermenêutica – a arte e ciência da interpretação – em suas muitas formas. Claro, a hermenêutica em seu modo pré-reflexivo existe "infinitamente para baixo" – hólons, até mesmo no nível subatômico, empenham-se em interpretar seus ambientes. Sistemas de sinais e trocas de partículas/energias/forças existem até nos níveis mais fundamentais. Infelizmente, já que a inovação criativa dos hólons mais fundamentais tende para (mas nunca chega a) zero, surge a impressão errada que a liberdade interpretativa está completamente ausente nos níveis básicos, ao passo que, como Whitehead reconheceu, ela simplesmente atingiu seu nadir. A dimensão intersubjetiva da evolução pode ser acompanhada desde seus humildes primórdios nos hólons mais fundamentais (como sistemas de protoprensão) até suas formas mais elaboradas em sistemas de sinais de plantas e animais (químicos, biológicos, hormonais) – todos eles envolvendo tanto trocas de significantes em um sistema de sintaxe, quanto a evocação e a enação de significados em uma semântica compartilhada: os quatro quadrantes entram em cena simultaneamente e tetraevoluem. (Para sintaxe e semântica, vide Excerto B, seção "Semiótica Integral".)

Nos humanos, essa semântica compartilhada aparece como extensas redes de *backgrounds* culturais, preensões compartilhadas pré-reflexivas, entendimento mútuo e horizontes sobrepostos de intersubjetividade. Esses momentos interpretativos compartilhados constituem um ingrediente essencial não só para a compreensão mútua entre sujeitos, como também para o próprio surgimento da subjetividade: esta é a essência da grande descoberta pós-moderna. A ação é sempre ação-em-comunhão, tanto em suas formas exteriores ou ecológicas, quanto em suas formas interiores ou culturais.

A investigação explícita das muitas nuances da intersubjetividade cultural é o ingrediente-chave das metodologias do Quadrante Inferior Esquerdo. Hermenêutica, pesquisa colaborativa, pluralismo participativo e ação-investigação são alguns dos muitos modos dessa enação e revelação. O ponto importante é que quando me engajo na hermenêutica e pesquisa colaborativa, eu ilumino os modos de segunda-pessoa (e primeira-pessoa do plural) de estar no mundo. Esses modos são reais, eles estão lá e constituem um ingrediente crucial em qualquer pluralismo metodológico integral.

Todas essas abordagens intersubjetivas – existem literalmente dúzias delas – apoiam-se no fato que todos os hólons têm um Quadrante Inferior Esquerdo, uma teia holística de preensões mutuamente interpenetrantes ao longo do espaço e do tempo, que pode ser percebido e descrito por uma perspectiva de segunda-pessoa (e primeira-pessoa do plural). Embora longe da história completa, é um aspecto crucial de uma visão mais integral.

## Sistema Operacional Integral (SOI)

Essas são simplesmente algumas das principais pesquisas de quadrante, testadas pelo tempo e mais extensamente aceitas. Em um excerto posterior, focalizaremos pesquisas de onda, corrente, estado e tipo (existem exemplos abundantes de todas elas).

Mas cada uma dessas discussões de alguns dos mais importantes modos de pesquisa humana não está sendo realizada meramente como um exercício acadêmico de interesse histórico. Estamos interessados em um pluralismo metodológico integral pragmático e prático, que também chamamos de um Sistema Operacional Integral (SOI), que combina especificamente os melhores modos de pesquisa testados pelo tempo (do empirismo à fenomenologia, à hermenêutica, à teoria de sistemas) a fim de produzir uma abordagem mais equilibrada e mais completa para o Kosmos.

O SOI, quando dominado a fundo, combina as forças de todos os principais tipos de pesquisa humana a fim de produzir uma abordagem para qualquer ocasião que "toque todas as bases", que se recuse a deixar alguma dimensão intocada ou ignorada, que honre todos os aspectos importantes dos hólons em toda sua riqueza e plenitude. O SOI, como dissemos, é meramente um sistema de significantes de terceira-pessoa (isto é, é nada além de um sistema de ideias abstratas, símbolos e conceitos, os quais são simplesmente símbolos de terceira-pessoa, não realidades de primeira-pessoa ou segunda-pessoa).

Entretanto – continuando a usar o informatês – se o SOI for corretamente baixado e instalado, ele, em essência, ativará as dimensões de primeira-pessoa, segunda-pessoa e terceira-pessoa, simplesmente porque elas são os significados ativos dos significantes do SOI. O resultado é que qualquer sistema de *hardware* cerebral que opere com o SOI escaneia automaticamente todos os fenômenos – tanto interiores quanto exteriores – de quaisquer quadrantes, ondas, correntes ou estados que não estejam sendo incluídos na percepção. Portanto, o SOI age no sentido de reparar esse desequilíbrio e ajudar na mudança do sistema para uma postura mais integral e inclusiva. O SOI age como um holismo autopoietico, se você preferir.

Repetindo: o SOI não resgata realidades de primeira-pessoa ou segunda-pessoa, nem se propõe a isso; ele simplesmente alerta o sistema para o fato que essas realidades existem e o incita a considerá-las diretamente. Mas isso significa que a pessoa tem de se engajar nesses outros modos de pesquisa, seja a fenomenologia contemplativa, trabalho corporal, processamento de grupo intersubjetivo, organização institucional interobjetiva, meditação, pesquisa colaborativa, e assim por diante.

Continuaremos a discutir o SOI em seções subseqüentes. Mas não se deixe enganar pelos significantes de terceira-pessoa. Estamos falando de conteúdos vivos, sentidos, respirados, da consciência. Estamos nos referindo a aspectos do Kosmos que temos condição de perceber. Vamos nos permitir sentir profundamente todas as dimensões do Kosmos autodesvelador ou recuaremos, nos afastaremos e fugiremos do nosso próprio Eu e, ao invés, nos refugiaremos em uma parcialidade ou outra, em um absolutismo ou outro, em um fragmento quebrado ou outro? O SOI, embora um sistema operacional de terceira-pessoa, age simplesmente como uma lembrança, um alerta autoesquadrinhador, de que há mais percepções do que as que presentemente estamos permitindo vir à superfície, e que nos apontam para um abraço mais integral.

## Notas

1. Alexander and Colomy, "Neostucturalism today", em G. Ritzer (ed.), *Frontiers of Social Theory*.

2. No sentido exato, um hólón coletivo ou comunal (cultural ou social) não tem ação, arbítrio ou consciência singulares e, desse modo, os hólons coletivos não apreendem diretamente seus antepassados, ou hólons coletivos prévios, da mesma maneira que hólons individuais o fazem. É a subjetividade que apreende a subjetividade prévia, mas todos os sujeitos surgem em um contexto ou *background* de intersubjetividade – e interobjetividade – que molda e influencia em parte a própria natureza da subjetividade. Mais precisamente, cada hólón tem uma dimensão subjetiva que apreende diretamente seu passado, mas ele também tem uma dimensão intersubjetiva na qual a subjetividade está desde sempre tetraentrelaçada e que, assim, restringe, até certo ponto, a forma das sensações que a subjetividade pode ter em uma ocorrência real. Essa restrição habitual é o molde da memória cultural. Igualmente, as dimensões objetivas de qualquer hólón são tetraentrelaçadas com realidades interobjetivas que restringem a forma de comportamento objetivo, uma restrição que aparece como memória dos sistemas sociais.

Os filósofos vêm discutindo há séculos as semelhanças e diferenças entre individual e social. Alguns negam quaisquer diferenças; outros negam quaisquer semelhanças. Ambos estão certos: existem semelhanças claramente importantes, como também diferenças cruciais, entre hólons individuais e sociais – vide "*On Critics, Integral Institute, My Recent Writing, and Other Matters of Little Consequence*".

(Qual é a forma mais fácil de diferenciar um hólón individual de um hólón social ou coletivo? O primeiro apresenta uma fronteira física visível. Uma formiga é um hólón individual, um formigueiro é um hólón social; um organismo humano é um hólón individual, enquanto uma família, um clube e uma nação são hólons sociais humanos. Confundir os dois é uma falácia catastrófica que, entre outras coisas, é a própria definição de fascismo, seja fascismo político, ecofascismo ou fascismo de valores, porque o coletivo é tratado como um indivíduo com vontade, valores e intencionalidade únicos, o que escraviza todos os verdadeiros indivíduos ao sistema e a sua mônada dominante; e isso acontece em tudo, desde simples teorias, como a autopoiese de Maturana e Varela, até à política real, como o famoso *L'état c'est moi*, "eu sou o Estado", de Luís XIV, em que todos os cidadãos do Estado devem obedecer às minhas ordens, já que sou a mônada dominante. Herbert Spencer foi um dos primeiros a enfatizar essa distinção, assinalando que o social e o individual são contrastados em termos de, respectivamente: assimétrico versus simétrico, discreto versus concreto, e senciente em todas as suas unidades versus um centro senciente único. Whitehead concordou e chamou esse centro senciente – possuído por um indivíduo, mas não por um hólón social – de o "nexo reinante" ou "mônada dominante"; esse centro de subjetividade é que é responsável por toda apreensão, daí por que os hólons sociais não apreendem seu passado da mesma forma que os hólons individuais o fazem. Essas questões serão estudadas em profundidade no Excerto B, particularmente em relação à confusão entre social e individual feita por Maturana e Varela, corrigida na influente reformulação da teoria da autopoiese social de Niklas Luhmann, também discutida no Excerto B. Vide também a nota 3 a seguir.)

Com respeito à memória coletiva ou comunitária (e especificamente à memória cultural nesse caso), note que o fato de o *background* intersubjetivo moldar a subjetividade não significa estritamente que os padrões culturais intersubjetivos sejam as estruturas profundas das quais surgem os padrões subjetivos – embora às vezes usemos essa linguagem imprecisa – mas que, ao contrário, qualquer hólón deve interagir com circunstâncias pré-existentes em todos os quatro quadrantes ou encarar a extinção: nós chamamos isso de "tetraentrelaçamento". Desse modo, hólons subjetivos que não se tetraentrelaçam com dimensões intersubjetivas, não serão capazes de se manifestar.

Mais especificamente, as ondas, correntes, tipos (etc.) gerais, em todos os quadrantes, representam os hábitos cósmicos que se desenvolvem nesses quadrantes até a vanguarda do desenvolvimento evolucionário atual. Os padrões profundos dos hólons já desenvolvidos, em cada quadrante, ajudam na determinação das características superficiais encontradas em quaisquer desses hólons em quaisquer dos quadrantes. Portanto, a relação "da profundidade para a superfície" sustenta a relação das características profundas de qualquer hólón em qualquer quadrante para os conteúdos ou ações do referido hólón; não sustenta a relação de um quadrante para outro. Assim, quando dizemos que "sujeito e objeto surgem no interior de um espaço intersubjetivo", isso é simplesmente uma forma abreviada de dizer que os quatro quadrantes surgem juntos e devem interagir previamente a fim de manifestar-se.

Nós, às vezes, damos um tipo de prioridade ontológica para dimensões intersubjetivas e interobjetivas porque o peso coletivo dessas estruturas é enorme; além disso, as características profundas das ondas herdadas nos quadrantes subjetivo e objetivo surgiram originalmente apenas da interação com outros sujeitos e objetos – isto é, surgiram somente do tetraentrelaçamento intersubjetivo e interobjetivo – ação é sempre ação-em-comunhão – mas isso não significa que esses quadrantes existissem antes dos outros (de tal modo que um pudesse realmente surgir "dentro de" um outro), e sim que todos eles surgem simultaneamente e tetraevoluem em mútua interação. Desse modo, a expressão "anterior ao presente" refere-se à relação, não entre quadrantes coletivos e quadrantes individuais, mas entre características profundas e superficiais em todos os quadrantes. No estilo Sheldrake, as características profundas dos hólons já desenvolvidos (incluindo quaisquer ondas, correntes, tipos de hólons) nos vários quadrantes são "ontologicamente anteriores" a quaisquer características superficiais desses hólons, o que simplesmente significa que essas características profundas são os hábitos cósmicos herdados do passado, que agem como ondas de probabilidade em circunstâncias reais nesses espaços. (A natureza dessa herança é apresentada mais detalhadamente no texto principal.)

Portanto, vários padrões intersubjetivos ou culturais, herdados do momento prévio, são de fato ontologicamente anteriores ao sujeito deste momento e, assim, geram restrições palpáveis na forma deste sujeito. Mas o sujeito deste momento também herda seu próprio passado individual como resultado da apreensão e, desse modo, AMBOS os padrões prévios, subjetivos e intersubjetivos, são ontologicamente anteriores ao sujeito do momento presente. Na verdade, todos os quatro quadrantes passam ao presente uma matriz AQAL herdada que é ontologicamente anterior ao momento presente que está surgindo (como passado anterior ou herdado), um passado que deve ser incluído (através de tetraunificação preensiva) para que o momento presente exista harmoniosamente e não se veja diante de patologia ou extinção. (E, claro, cada momento, em todos os quatro quadrantes, tem uma dose de criatividade que transcende ontologicamente qualquer coisa transmitida a ele pelo passado: o "significativo" supera o "fundamental" na natureza do transcender e incluir de cada momento presente. Desse modo, por exemplo, qualquer subjetividade pode, até certo ponto, superar seu próprio passado e sua própria cultura, outra forma de ressaltar que a subjetividade de fato não está "dentro" do campo intersubjetivo).

Consequentemente, quando afirmamos que "o campo intersubjetivo é anterior ao sujeito e ao objeto", isso é simplesmente uma forma abreviada de enfatizar a importância de todos os quatro quadrantes: o Quadrante Inferior Esquerdo ou intersubjetivo é quase sempre ignorado, mal interpretado ou distorcido, daí por que frequentemente enfatizamos o fato de que o sujeito e o objeto sempre surgem em conjunto com uma malha intersubjetiva. Mas novamente, enfatizar a importância do Quadrante Inferior Esquerdo não significa negar a idêntica importância dos outros quadrantes. Como veremos, o radicalismo que privilegia o Quadrante Inferior Esquerdo é a principal patologia do pós-modernismo (um pluralismo participativo que insensivelmente despreza realidades nos outros quadrantes). Por outro lado, o tetrassurgimento e a tetracausalidade simultâneos de todos os quatro quadrantes e sua necessária evolução mútua explica a influência da dimensão intersubjetiva passada na subjetividade presente, mas também explica a influência das dimensões subjetiva, objetiva e interobjetiva passadas na subjetividade presente. Nenhuma dessas dimensões deve ser

omitida ou considerada absoluta. (Todos estes pontos são discutidos em maior detalhe no texto principal; vide também a nota 3.)

**3.** Reiterando as preensões e memórias sociais e culturais, como indicado na nota 2, não é que um hólón coletivo tenha uma ação individual que apreenda diretamente as sensações do seu passado (já que hólons coletivos não têm ação individual), mas sim que um hólón individual torna-se um membro do hólón coletivo quando seu comportamento segue as regras de organização do coletivo e suas sensações individuais interagem via entendimento mútuo.

Mais tecnicamente, isso significa que um hólón individual torna-se um membro de um hólón social ou coletivo quando: (1) seu comportamento orgânico (QSD) interage com as regras do sistema social interobjetivo (QID), e (2) suas sensações e preensões individuais (QSE) interagem com o *background* cultural intersubjetivo (QIE). (No Excerto B, veremos que o significado cultural [QIE] envolve a semântica no sentido mais amplo, e as regras sociais [QID] envolvem a sintaxe no sentido mais amplo, de forma que um hólón individual torna-se um membro de um hólón coletivo quando ele interage com sua semântica e sintaxe coletivas, ou seus padrões culturais e sociais.)

O hólón coletivo ou social não é algo que exista como um superorganismo acima e além dos organismos individuais; ao contrário, ele existe como os padrões que os membros individuais seguem em sua associação (ou os padrões de ação-em-comunhão). Padrões comportamentais compartilhados (e seus artefatos) são o "material" da memória social (esses padrões comportamentais podem ser ocultos ou manifestos); e os valores distribuídos, horizontes compartilhados e preensões mútuas são o "material" da memória cultural (essas preensões mútuas podem ser conscientes, inconscientes ou pré-conscientes).

Portanto, quando um hólón individual compartilha a sintaxe (QID) e a semântica (QIE) do grupo, ele é um membro do grupo e a associação encontra-se nos padrões e sensações compartilhados, e não em um superorganismo com sua própria ação acima e além do indivíduo. (Para sintaxe e semântica, vide Excerto B.)

Essa é outra forma de dizer que todos os quatro quadrantes surgem ao mesmo tempo em tetraevolução. Considerar o hólón social como um organismo individual – isto é, como um superorganismo com ação ou nexos reinantes únicos – é, como indicado na nota 2, a filosofia central do fascismo, como aparece no marxismo, nas ecoteorias, nos paradigmas de Gaia, na mitologia da Deusa, ou na teoria de sistemas. Essa confusão entre hólons individuais e sociais é encontrada em teorizadores desde Francisco Varela até David Bohm, mas tem sido claramente corrigida por importantes teorizadores como Niklas Luhmann, Jürgen Habermas e Erich Jantsch. Retornaremos a esse tópico crucial no Excerto B.

**4.** Sheldrake, *The Presence of the Past*.

**5.** Isto é, os QSD e QID têm formas e campos mórficos. O QSE (sensações subjetivas) e o QIE (preensões mútuas) não têm campos mórficos, porque "campo mórfico" é uma descrição de terceira-pessoa de várias realidades, e os QSE e QIE são realidades de primeira-pessoa e segunda-pessoa respectivamente, conhecidos apenas através da linguagem "eu" ou "tu/nós" e por experiência direta. Mas quando as realidades dos QSE e QIE são observadas em termos objetivos de terceira-pessoa, você obtém os QSD e QID, que realmente aparecem como várias formas exteriores (formas individuais ou unidades mórficas [QSD] e formas coletivas ou sistemas sociais [QID]) e como campos relacionados às formas individuais e coletivas (inclusive campos morfogenéticos individuais [QSD] e coletivos [QID]). Note que a minha visão inclui não só campos mórficos ou morfogenéticos, descritos por Sheldrake, mas também diversos outros campos de energia (energia bruta, energia sutil e energia causal, como veremos no Excerto G, "Rumo a Uma Teoria de Energias Sutis" – onde sugiro que vários campos mórficos são, de fato, campos de energia sutil; mas qualquer que seja nossa posição sobre essa questão, o ponto fundamental é que tanto os campos mórficos quanto os



campos de energia são fenômenos do Lado Direito, surgindo nos QSD e QID, ou formas exteriores e campos dos hólons individuais e sociais).

De acordo com Sheldrake, o ponto é que os hólons individuais e sociais (QSD e QID) têm campos mórficos (ou morfogenéticos). Cada unidade mórfica tem campos morfogenéticos individuais que relacionam seu estado individual presente a estados individuais passados. As dimensões coletivas dessa causação formativa ou herança estrutural são os campos ou sistemas morfogenéticos encontrados no Quadrante Inferior Direito, mas tanto os campos mórficos individuais quanto os campos mórficos coletivos influenciam o desdobramento presente de unidades mórficas.

Novamente, não é que apenas os campos coletivos moldem o indivíduo, mas que os campos individuais prévios também moldam o indivíduo (que pode moldar o coletivo), o que significa – como sempre – que os quadrantes tetraevoluem.

Desse modo, não privilegiamos os campos morfogenéticos interobjetivos como sendo ontologicamente anteriores ao objeto presente, porque também existem campos morfogenéticos individuais que são igualmente anteriores ao objeto presente: as dimensões objetivas de qualquer hólón devem interagir com as heranças objetivas e interobjetivas – uma herança AQAL de fato. Mas justamente porque as dimensões interobjetivas dessa herança são quase sempre omitidas – pela ciência objetiva, pelo pós-modernismo intersubjetivo, pelo pluralismo do QIE e pela fenomenologia do QSE – damos uma forte ênfase à influência incrivelmente poderosa dos campos, estruturas e sistemas interobjetivos nas formas de desenvolvimento individual. Como veremos no texto principal, as grandes contribuições das pesquisas, que vão desde o estruturalismo desenvolvimentista às ciências ecológicas, até as teorias do caos e da complexidade, são que elas focalizaram essa dimensão interobjetiva extremamente importante.

Finalmente, como mencionado, o Quadrante Superior Direito é o reduto não só de formas e energias brutas, como também de formas e energias sutis e de formas e energias causais. Vide Excerto G: "Rumo a Uma Teoria de Energias Sutis".

**6.** O fato de que muitas características profundas em todos os quatro quadrantes sejam herdadas coletivamente confunde algumas pessoas, porque já que os quadrantes superiores são definidos como meramente individuais, não coletivos, então como é possível que eles possuam formas coletivas? Colocado de outro modo, toda vez que encontro uma forma herdada coletivamente, ela não é uma entidade de um quadrante inferior?

Não, absolutamente não. Os quadrantes superiores representam simplesmente o que existe em qualquer hólón individual (por exemplo, sensações preensivas no QSE e formas mórficas, massa e energia no QSD); isso não exclui o fato de que as características profundas dessas circunstâncias individuais sejam frequentemente herdadas coletivamente.

Por exemplo, considere as Matrizes Perinatais Básicas de Stan Grof. De acordo com Grof, todos os seres humanos, universalmente, passam por quatro estágios durante o processo de nascimento (não precisamos nos preocupar com os detalhes). Isso significa que as quatro MPBs pertencem aos quadrantes inferiores ou coletivos, já que todo mundo as vivencia? Não. Quando um bebê passa pelo processo de nascimento, muitos desses eventos dizem respeito ao que está acontecendo apenas a um indivíduo específico – o bebê sente várias sensações, percepções, impressões e impulsos à medida que passa pelos estágios orgânicos do parto. Esses processos fundamentalmente não incluem compreensão mútua, valores compartilhados, percepções de segunda-pessoa e assim por diante. Ao contrário, as quatro MPBs são descrições exteriores (ou de terceira-pessoa) do que está acontecendo comportamentalmente a uma criança individual (no QSD) e de suas sensações subjetivas, impressões, percepções e assim por diante (no QSE). O fato de que as características ou estágios profundos desses processos sejam herdados coletivamente não significa que esteja ocorrendo uma experiência coletiva (embora às vezes aconteça, quando então envolve

ligação com os outros quadrantes: por exemplo, a mãe e o recém-nascido trocam sensações íntimas, as quais são um fenômeno do QIE). Todos nós herdamos coletivamente dez dedos nos pés, mas quando eu sinto os dedos dos meus pés, isso não significa que eu necessariamente esteja tendo uma experiência coletiva ou compartilhando com você (a menos que você esteja sentindo seus dedos dos pés e por alguma estranha razão estejamos conversando sobre como é sentir os dedos dos pés.)

Em resumo, muitas das características profundas em todos os quatro quadrantes são herdadas coletivamente; quando essas formas são experienciadas individualmente, temos os quadrantes superiores; quando compartilhadas, os quadrantes inferiores. (Para discussão adicional desse tema, vide notas 9 e 10.)

**7.** Nos seres humanos, chamamos a soma total desses hábitos, herdados como potenciais prontos a emergir como realidades, de inconsciente essencial (vide *O Projeto Atman, Collected Works – volume 2* e *Transformações da Consciência, Collected Works – volume 4*). O inconsciente essencial inclui também quaisquer dados involucionários (vide nota 26). O inconsciente essencial pode ser considerado sem se recorrer a formas platônicas ou arquétipos fixos. Vide em particular as notas explicativas do livro *Psicologia Integral* que tratam de uma abordagem pós-metafísica para essas questões, notas reunidas em "*On the Nature of a Post-Metaphysical Spirituality*".

A propósito, uma dessas notas explicativas reunidas foi editada para atender a necessidades contextuais; um crítico veio com tudo e afirmou que eu alterara o significado original da nota, o que é ridículo, se levarmos em conta o contexto original: ah, os críticos! 😊

O mesmo crítico sugeriu que, porque levei em consideração o ensaio de Scott Warren *et al.* em "Wilber Watch" – e já que esse ensaio endossa explicitamente a noção de níveis de consciência da filosofia perene – então eu realmente concordo com a noção de uma filosofia perene universal. Mas o ensaio de Warren endossa somente os "níveis" denso, sutil, causal e não dual, que são, de fato, os quatro grandes estados/domínios; eu sempre tenho dito que a única coisa que sustento sobre qualquer "filosofia perene" é a existência de 3 ou 4 principais estados de consciência (isto é: denso, sutil, causal e não dual, identificados com a vigília, o sonho, o sono profundo e a não dualidade sempre-presente; e realmente, todos os seres humanos possuem universalmente esses quatro estados principais, daí por que essa parte de qualquer "filosofia perene" é verdadeiramente perene ou universal para todos os seres humanos; mas paro por aqui) – vide, por exemplo, a nota 16 do capítulo 4 de *Uma Teoria de Tudo*, onde repito esse ponto novamente. Assim, os editores de "Wilber Watch" aceitaram o trabalho de Warren como um resumo muito geral de um espectro de consciência, sem necessariamente endossar qualquer versão particular de uma Grande Cadeia do Ser com níveis ou estruturas pré-dados, o que eu categoricamente nego e tenho negado por mais de vinte anos; essa é a razão por que rejeito a filosofia perene há vinte anos.

Portanto, há muito tempo desisti de esperar que os críticos compreendam precisamente minha posição antes de criticá-la; isso não é realmente o que é entendido por crítica na universidade pós-moderna, onde crítica passou a ser principalmente a expressão do que é verdadeiro para o crítico (e não o que é verdadeiro para a posição sendo criticada). Desse modo, na crítica contemporânea, o crítico usa um livro ou artigo particular para expressar o que esse livro movimentou nele; assim, a resposta do crítico é basicamente um catalogar das suas sensações, sentimentos e pensamentos egoicos, que surgem à medida que lê um trabalho específico – não tem quase nada a ver com o texto ou seu conteúdo real, que são completamente irrelevantes para a apresentação das respostas do crítico. Levei quase uma década para perceber isso e parar de tentar entabular um diálogo efetivo e factual com os críticos, respondendo, ao invés, às percepções deles, quando a única resposta aceitável é lhes agradecer por compartilhar seus sentimentos inflados. 😊 Se, por outro lado, você tenta corrigir suas interpretações incorretas, isso é entendido como se estivesse condenando seus sentimentos e, desse modo, você passa a ser considerado um sujeito terrivelmente insensível, que segue a "grande cadeia de ser nojento", único pecado reconhecido pelo meme verde

mau. Consequentemente, um tipo de jogo interpretativo, que reconheça e honre as percepções e desejos egoicos do crítico, é a arena principal em que a crítica opera hoje, e isso exige, convenhamos, que nos acostumemos a ele...

8. Vide, por exemplo, Bausch, *The Emerging Consensus in Social Systems Theory* e a Introdução de *Collected Works – volume 3*. Existe, porém, uma confusão semântica que precisa ser considerada. Algumas vezes é feita uma distinção entre "organização" e "estrutura," onde "organização" significa "padrão" e "estrutura" é usado no sentido mais restrito para os componentes materiais do padrão organizado. Assim, Maturana e Varela dizem, por exemplo, que uma célula tem "uma organização fechada e uma estrutura aberta". A organização ou o padrão dinâmico da célula é fechado porque é mantido autopoieticamente e resiste a mudanças; mas a estrutura é aberta porque os componentes materiais reais da célula mudam constantemente. Isso é verdade; mas muitos teorizadores (e praticamente todos os estruturalistas) usam "estrutura" com o significado de "organização" ou de padrão próprio e não com o significado de componentes materiais. Eu sigo esse uso mais comum. Desse modo, "estrutura" significa o padrão dinâmico organizado que é autopoieticamente mantido e resiste a mudanças e "componentes", os componentes materiais.

9. Como vimos na nota 6, muitas das ondas de probabilidade de desenvolvimento são herdadas coletivamente, mas se elas se referem aos quadrantes superiores ou inferiores vai depender das características específicas consideradas. "O meme vermelho", por exemplo, refere-se ao conjunto geral de valores que estão disponíveis para um indivíduo no espaço de probabilidade de uma onda particular de consciência (uma onda que, neste caso, chamamos de "vermelha" ou "egocêntrica"). Quando um indivíduo experiencia um valor subjetivo pessoal que caia dentro desse espaço de probabilidade, eis um exemplo do Quadrante Superior Esquerdo (isto é, o meme vermelho, então, refere-se a aspectos da dimensão subjetiva de valores, à medida que ele vibra em um hólón humano individual em uma matriz AQAL particular). A preponderância de evidências, obtidas por pesquisa reconstrutiva, sugere que as características gerais dessa onda de probabilidade sejam herdadas por seres humanos, sempre que eles evoluem além do roxo, o que consideramos um indicador de que essa onda se tornou um hábito cósmico bem estabelecido, apreendido por praticamente todos os hólons que se movem por esse espaço agora definido.

Quando essas preensões vermelhas são mutuamente compartilhadas com outros hólons no vermelho; quando ocorre ressonância não mediada de sensações vermelhas com sensações vermelhas entre dois ou mais hólons; quando valores vermelhos (isto é, valores cujas características apresentem uma possibilidade muito alta de cair no espaço de probabilidade chamado vermelho) formam o *background* de entendimento mútuo; quando ondas de valores vermelhos são parte do tecido das sensações pré-reflexivas dos membros de qualquer hólón coletivo; quando os horizontes de hólons individuais vibram em um rastilho vermelho de preensão mútua suficiente: então falamos genericamente de uma "visão de mundo vermelha", e aqui vermelha significa obviamente o Quadrante Inferior Esquerdo: não apenas o indivíduo, mas a coletividade.

Finalmente, quando uma onda de valores vermelhos é acesa e vibra no QSE ou no QIE, ocorrem (necessariamente) vibrações correspondentes no QSD e QID. Nos seres humanos, um valor vermelho percebido subjetivamente (QSE) anda de mãos dadas com uma atividade crescente no sistema límbico (o Quadrante Superior Direito). E quando hólons que vibram no vermelho formam um grupo e enagem como se o centro de gravidade do grupo fosse vermelho (isto é, as características gerais do comportamento do grupo caem dentro daquelas que seriam geradas pelas circunstâncias específicas da onda de probabilidade vermelha), então esse grupo tem uma sintaxe ou sistema social representando a dimensão do exterior coletivo (QID) da onda de probabilidade vermelha, e tem um conjunto de preensões mútuas, semântica e *backgrounds* pré-reflexivos (QIE) representando suas dimensões intersubjetivas.

Desse modo, não é que exista algo chamado valor vermelho individual e que vários hólons então se reúnem e trocam essa coisa chamada valor vermelho (embora isso possa

acontecer), mas sim, e mais fundamentalmente, que existe uma onda de probabilidade geral ou hábito cósmico (que representa a possibilidade repetitiva ou cármica de achar uma classe particular de eventos em um lugar específico do espaço-tempo) – uma onda de probabilidade que neste exemplo denominamos "vermelha" – e que essa onda de probabilidade pode ser observada (e experienciada) de pelo menos quatro perspectivas importantes: subjetiva, objetiva, intersubjetiva e interobjetiva. Essas dimensões não são quatro coisas diferentes, mas quatro dimensões diferentes de qualquer ocasião real (infinitamente para cima, infinitamente para baixo).

(Geralmente, o termo "vermelho" é usado somente para as dimensões subjetivas e intersubjetivas desse espaço de probabilidades, o que está correto; mas o ponto é que existe simplesmente um espaço de probabilidades com pelo menos quatro dimensões, e podemos usar o termo de qualquer uma das quatro dimensões para nos referirmos às outras – é meramente uma questão de semântica. Da mesma forma, podemos usar "límbico" para nos referirmos aos correlatos nos quatro quadrantes, ou "tribal", e assim por diante. Mas geralmente usam-se diversos termos especificamente com referência a um só quadrante – termos como preensão, valores, moléculas, ecossistema – já que esses termos refletem melhor as realidades daquele quadrante ou dimensão; assim, nós normalmente seguiremos esse costume; mas devemos manter em mente o fato de que são quatro dimensões de uma ocasião real única.)

Assim, o *background* intersubjetivo vermelho não passa a existir através de uma troca individual de valores vermelhos; nem o sujeito surge em um espaço intersubjetivo – ao contrário, todos eles surgem simultaneamente e tetraevoluem. Qualquer sujeito que não interaja inicialmente com um espaço AQAL pré-existente ou *a priori* não sobreviverá à existência (um fato que, para um entendimento pré-quadrático, induz a achar que as relações, ou o *background* intersubjetivo, são ontologicamente anteriores à subjetividade, um entendimento fraturado substituído pela simultaneidade da tetraevolução). Qualquer quadrante tem de interagir com os outros quadrantes ou não sobrevive à existência.

O fato de que as dimensões coletivas frequentemente tenham maior peso (por pura força dos números) não deve ser mal interpretado como se as dimensões coletivas fossem, de alguma forma, ontologicamente precedentes. Não é que um quadrante seja anterior ao outro. O que é anterior ao espaço AQAL deste momento é simplesmente o espaço AQAL do momento precedente. Inicialmente deve ocorrer um tetraentrelaçamento da matriz AQAL deste momento com seu predecessor, ou a unificação preensiva rompe-se, a causação formativa falha, não existe nenhum momento de continuidade entre agora e antes e, conseqüentemente, o hólón recém-surgido desaparece em seu surgimento. (Nós dizemos que inicialmente ele deve tetraentrelaçar-se porque, claro, também adicionará seu momento de novidade criativa em todas as quatro dimensões e, assim, a matriz AQAL deste momento transcenderá até certo ponto a matriz do momento anterior: desse modo, faz o Kosmos crescer.)

Se a intersubjetividade (QIE) fosse ontologicamente anterior a uma subjetividade (QSE), os *backgrounds* culturais nunca poderiam ser mudados fundamentalmente por sujeitos individuais (isto é, sujeitos surgidos após a realidade da base ontológica profundamente anterior nunca conseguiriam atingir a base a fim de mudá-la), enquanto é sabido que sujeitos individuais sempre exercem alguma influência, às vezes marcante, no *background* cultural. Da mesma forma, o próprio *background* cultural deve interagir com outras dimensões: se, por exemplo, o *background* intersubjetivo (QIE) não interagir com a base tecnoeconômica (QID), existirá um profundo conflito e dissonância interiores entre os aspectos culturais e sociais do estar no mundo de um hólón (isto é, sua semântica e sua sintaxe colidem). (Para uma extensa discussão desse tema, vide a seção "A Natureza da Transformação Social Revolucionária" no texto principal.) O ponto, como sempre, é que os quadrantes surgem simultaneamente e tetraevoluem em interação mútua.

10. "Profundo" e "superficial" são termos deslizantes, daí por que devemos nos apoiar no contexto para determinar seu significado. Por exemplo, as características "profundas" de um hólon são definidas como as que são comuns àquela classe de hólons, e as "superficiais" se referem apenas a membros individuais daquela classe. "Profundo" e "superficial" são, portanto, relativos, porque mudam de significado de acordo com o nível da própria classe. Podem existir características profundas comuns a membros de uma família particular, uma subcultura particular, uma cultura particular, um bloco de civilização particular, todos os seres humanos, todos os seres sencientes, e assim por diante. Nesse caso, o que é "profundo" para uma classe é "superficial" para a classe imediatamente acima: e.g., as características profundas de uma família específica (isto é, características compartilhadas por todos os membros da família) são características superficiais de uma cultura particular (isto é, elas não são compartilhadas por todos os membros da cultura). Igualmente, as características profundas de uma cultura são características superficiais de um bloco civilização, e o que é profundo para o bloco é superficial para todos os seres humanos, etc. Todos esses usos são aceitáveis, desde que se baseiem em evidências confiáveis obtidas através de pesquisas reconstrutivas idôneas.

Além disso, parece que todas essas coletividades (como também os indivíduos) geram campos mórficos – que é o ponto essencial de Sheldrake. Desse modo, essas classes não são meras abstrações – outro ponto essencial. Isto é, esses campos mórficos (de uma família, grupo, subcultura, cultura, todos os seres humanos) exercem causação formativa na forma de todos os hólons da respectiva classe, o que é parte da herança de características profundas (ou influência cármico-cósmica em hólons subsequentes). Sheldrake dá diversos exemplos de como classes diferentes de hólons exercem influência mórfica em outros membros dessa classe, seja uma família, um grupo, uma nação, todos os seres humanos, toda as espécies, etc. Um bloco de civilização, por exemplo, une-se pelo fato de que todos os seus membros falam um idioma particular, como o Inglês, e esse campo linguístico coletivo exerce profundos efeitos mórficos em seus membros. O mesmo acontece com a influência que uma família pode exercer sobre seus membros, um grupo sobre seus pares, sobre uma nação, e assim por diante. Cada uma dessas classes, até onde realmente existam, têm características profundas e superficiais; e as características profundas são herdadas por todos os membros de cada classe como parte de seu carma cósmico.

No texto principal, quando digo genericamente que "características profundas são herdadas, características superficiais não são", normalmente refiro-me às características universais (a menos que especificado em contrário). Sob esse ponto de vista, as características profundas universalmente herdadas, digamos, do begeh (como a necessidade de alimento, água e abrigo, que são universalmente herdadas por todos os seres humanos sem exceção) não determinam o que uma cultura ou indivíduo particulares fazem especificamente para obter alimento, água e abrigo; assim, afirmamos que essas características superficiais específicas não são universalmente herdadas – elas são características superficiais que aparecem de forma diferente de cultura para cultura, e essas diferenças culturais precisam ser reconhecidas e respeitadas.

Mas, invariavelmente, uma cultura específica desenvolverá um conjunto de práticas (e.g., uma estrutura de linguagem particular; várias normas éticas; um modo de produção tecnoeconômico próprio; estilos de vestuário mais aceitos; etc.) – práticas que, embora superficiais a estruturas universais (isto é, essas formas específicas não são herdadas por todos os humanos), são todavia comuns a todos os membros dessa cultura e, desse modo, são características profundas dessa cultura particular, herdadas como *background* por todos os membros normais da cultura. Assim, esses *backgrounds* socioculturais (intersubjetivos e interobjetivos) são, de fato, características profundas para essa sociedade e, como tal, herdadas por todos os membros normais dessa sociedade (mas não por todos os humanos de todos os lugares). E da mesma forma, no âmbito das estruturas profundas de uma cultura particular, existem estruturas familiares superficiais – que são comuns a todos os membros da família e, portanto, são estruturas "profundas" coletivamente herdadas por todos os

membros de cada família (mas não por todos os membros da cultura, nem por todos os humanos).

O ponto é que o que é "superficial" para um nível pode ser "profundo" para outro (e, entre outras coisas, as características profundas de qualquer nível exercem ressonância mórfica e causação formativa em hólons da mesma classe-nível). Além disso, a fim de detectar características "profundas", é necessário o aparato cognitivo correspondente. Por exemplo, a teoria de sistemas amarela descobre padrões universais que não podem ser discernidos pela cognição azul ou verde. (Vide o Excerto C, subseção "Uma breve história de copercepções".) Isso acontece porque o meme verde, por exemplo, que não tem acesso cognitivo aos universais holárquicos de segunda camada e a suas características interculturais profundas, imagina que só existam características superficiais em toda parte – que haja somente características relativistas e pluralistas. Mas adicione cognições integrais de segunda camada e as características profundas subjacentes à relatividade cultural entram em foco – como os padrões profundos dos quadrantes com perspectivas de primeira-pessoa, segunda-pessoa e terceira-pessoa, e a própria Espiral do Desenvolvimento. Isso não nega a relatividade de muitas produções culturais – que são de fato universalmente "superficiais" e não universalmente "profundas" – mas complementa a excessiva relatividade com as muitas características, descobertas pelo amarelo e turquesa, que são interculturais para os humanos, inclusive muitas das afirmações feitas pelos próprios pós-modernistas, como, por exemplo, o componente interpretativo de todo conhecimento humano, que é de fato universalmente profundo.

Portanto, a afirmação genérica de que "características profundas são herdadas, características superficiais não são" precisa ser sempre qualificada, porque o significado concreto depende de qual classe-nível está implícito. A afirmação significa de fato "herdadas por todos os membros da respectiva classe".

Resumindo: geralmente, no texto principal, eu me refiro a características interculturais ou universais e, desse modo, quando digo "características profundas são herdadas, características superficiais não são," eu quero dizer que ondas de probabilidade gerais são herdadas como potenciais/hábitos cósmicos por todos os humanos, mas até isso vai interculturalmente. Nada que seja relativamente superficial a essas características profundas é herdado universalmente. Mas isso não evita que culturas, subculturas e famílias específicas tenham suas próprias características "profundas", que são coletivamente herdadas por seus membros (como determinado por uma ciência reconstrutiva). Em sua classe-nível particular – digamos, aquela das culturas – é novamente verdadeiro que "características profundas são herdadas, características superficiais não são" – o que, nesse caso, significa que todos os membros daquela cultura herdam certas características profundas, tais como o *background* intersubjetivo da cultura (que é geralmente profundo para todos os membros normais), mas nem todos os membros herdam características particulares no âmbito desse *background* (que são superficiais). Porém, algumas características que são superficiais para a cultura específica podem ser comuns a todos os membros de uma família particular, quando então são características profundas para aquela família e são herdadas por todos os membros da mesma (isso é particularmente verdadeiro, como quase todo mundo intuitivamente entende, para traços patológicos de uma família, onde os pecados dos pais e mães são punidos até a sétima geração...). Aqui temos um padrão cármico familiar profundo que é, todavia, superficial para a cultura em si (e certamente superficial para todos os humanos).

De qualquer modo, por favor, tenha sempre em mente a natureza deslizante de "profundo" e "superficial" na narrativa a seguir sobre causação formativa, ressonância mórfica e carma cósmico em geral. Como eu disse, no texto, normalmente refiro-me a características interculturais e universais (profundas para todos os humanos normais), e todo o resto é tratado como "superficial", o que significa, todo o resto é culturalmente relativo (o que é verdade). Mas no âmbito das culturas, existem muitas características profundas herdadas por elas, por várias subculturas, por famílias e por indivíduos (com a ressonância mórfica e a causação formativa

contribuindo presumivelmente para os mecanismos da herança, junto com fatores dos outros quadrantes, como unificação preensiva, genética, autopoiese, hábitos, etc.).

O ponto importante, que será sugerido no texto principal, é que nenhuma dessas características profundas em qualquer nível – inclusive o universal – é predeterminada por alguma forma platônica, hegeliana, aurobindiana ou arquetípica pré-dada. Elas emergem em parte como novidade criativa durante a evolução e só depois que se estabelecem como hábitos cósmicos tornam-se potenciais que podem ser herdados por hólons subsequentes. Esse é um aspecto essencial da passagem do metafísico para o pós-metafísico.

**11.** A ideia geral envolve o que é tecnicamente chamado de "estados e estágios": embora estágios mais elevados ainda não tenham se cristalizado coletivamente como hábitos cósmicos, estados mais elevados – inclusive os estados sutil, causal e não dual – estão disponíveis virtualmente para qualquer pessoa. A razão é que os quatro grandes estados naturais de consciência, acessíveis a todos os seres humanos – vigília, sonho, sono profundo e a não dualidade sempre-presente – dão um tipo de acesso aos quatro grandes potenciais que englobam o espectro morfogenético inteiro – denso, sutil, causal e não dual. Qualquer pessoa, praticamente em qualquer estágio de desenvolvimento, pode vivenciar um estado alterado ou experiência de pico desses estados mais elevados (pela simples razão de que todo mundo se mantém acordado, sonha e dorme profundamente). Esses estados mais elevados são reais, eles existem, eles são autênticos e podem desvelar realidades mais elevadas e mais profundas, englobando o espectro completo e o grande campo morfogenético (denso ao sutil, ao causal), embora nenhum desses estados mais elevados tenha se estabelecido como estágios morfogenéticos concretos, específicos, herdados, amplamente disponíveis. (Como vimos, a ponta de lança dos estágios coletivos em formação hoje está por volta do verde para o amarelo.‡)

Quando um precursor de vanguarda acessa pela primeira vez alguns desses potenciais mais elevados (não importa se o acessou ontem, acessa hoje ou acessará amanhã), ele pode fazê-lo por meio de uma de duas formas básicas: como uma experiência de pico temporária (ou estado alterado), ou como uma aquisição permanente (ou característica duradoura). Na primeira forma, ele simplesmente vivencia alguns desses potenciais mais elevados como uma experiência ou estado alterado espiritual temporário, que pode causar um profundo impacto nele (e em seus seguidores, se ele se tornar professor). Entretanto, esses potenciais não se transformam em características ou aquisições de consciência permanentemente acessíveis.

Para que isso aconteça – para que estados temporários se transformem em características permanentes – o precursor deve se submeter a algum tipo de aprendizado, crescimento e desenvolvimento permanentes naqueles potenciais mais elevados. Como todo aprendizado – aprender um idioma, aprender caratê, aprender a andar de bicicleta – isso envolverá o desenvolvimento de alguns estágios ou algum tipo de desdobramento sequencial dessas aquisições. Como todos os novos emergentes, boa parte dessas aquisições sequenciais emerge primeiramente como novidade livre e criativa na vanguarda caótica e efervescente do desenvolvimento e da evolução. Mas se elas forem repetidas por mais hólons, começam lentamente a se estabelecer como hábitos cósmicos que, então, ficam disponíveis para hólons subsequentes que se empenhem nas injunções específicas que, primeiramente, geraram e tetraenagiram esse caminho particular e seus estágios. É atribuída ao Buda Gautama, por exemplo, a criação de uma série inovadora de injunções meditativas (exemplares, paradigmas, práticas) que podem levar um praticante sério de estados densos (vigília) a estados sutis (*savikalpa*) e a estados causais (*nirvikalpa*, *nirodh*, *nirvana*). Essas práticas específicas envolvem uma série de estágios meditativos que ele ensinou a seus seguidores (como todos os estágios, eles não eram passos rígidos, discretos e lineares, mas sim ondas de consciência fluidas, fluentes e sobrepostas que, geralmente, se desdobraram de *sila*, ou de um fundamento estrênuo em preceitos morais, para práticas meditativas de absorção e

---

‡ No original: "está por volta do turquesa para o coral". Entretanto, no texto principal fica bem claro que ela "está por volta do verde para o amarelo" – vide, por exemplo, páginas 17 e 20. (N.T.)

*insight*, levando a *nirvikalpa*, *nirodh* e *nirvana*; como em todos os estágios, nunca se soube que esses tivessem se desdobrado na ordem inversa). À medida que mais praticantes seguiram esses estágios gerais (na terminologia AQAL – isto significa, em comunidades ou *sanghas* ancorados em instituições sociais), mais esses estágios incrustaram-se como hábitos cósmicos, transformando aquele caminho meditativo particular em uma série segura de estágios através do grande campo morfogenético de potenciais mais elevados sutis e causais. Hoje, os estágios gerais da meditação *vipassana* estão disponíveis como aquisições permanentes na linha de desenvolvimento meditativo, embora, claro, suas várias características superficiais variem de cultura para cultura e, frequentemente, de indivíduo para indivíduo. Mas não existe nada sobre esses estágios que representem estruturas ontológicas, planos ou níveis de realidade ou consciência independentemente existentes, pré-dados, fixos, absolutos. Pelo contrário, à medida que mais precursores de vanguarda alcançam estados mais elevados de uma forma mais permanente, eles crescentemente dão forma a esses domínios, formas que, quando adotadas por mais indivíduos, finalmente estabelecem hábitos cósmicos como estágios disponíveis de desenvolvimento, que podem ser enagidos por uma série particular de paradigmas e injunções. (Mas mesmo então, claro, apenas sua forma profunda ou padrão mórfico é herdado; suas formas e conteúdos superficiais variarão de cultura para cultura e de pessoa para pessoa, da mesma maneira como acontece agora com as formas superficiais do vermelho, azul, laranja, etc. E, fica implícito, existem muitos outros diferentes caminhos disponíveis no grande espectro de consciência.)

Hoje, por exemplo, Hameed Almaas está formatando uma nova série de ondas e estágios através do vasto campo morfogenético de potenciais mais elevados; à medida que mais discípulos seguirem a trilha morfogenética específica que ele desbravou, mais suas características ficarão entranhadas como um hábito cósmico nessa linha de desenvolvimento particular da matriz AQAL. Em outras palavras, está sendo aberto agora um caminho de linhagem na estrutura cósmica e, como todas as linhagens, carregará as marcas do seu fundador, tanto positivas quanto negativas. Isso é inevitável em qualquer tipo de desbravamento pioneiro mais elevado; desse modo, espera-se sempre que o fundador ou fundadores de um caminho particular, em uma corrente de desenvolvimento particular, criem um *sangha* suficientemente autocrítico, de tal modo que padrões de desvio importantes possam ser detectados internamente e autocorrigidos. (A humanidade, desnecessário dizer, tem um histórico enodado a esse respeito...)

Para uma discussão adicional dos quatro grandes estados (vigília, sonho, sono profundo, não dual) e seus correspondentes potenciais (denso, sutil, causal, não dual), vide *Sidebar G: "States and Stages"*, em <http://www.kenwilber.com/Writings/PDF/G-states%20and%20stages.pdf>. O ponto é que, em qualquer época, estados mais elevados estão coletivamente disponíveis, ainda que estágios mais elevados não estejam (embora estágios mais elevados sejam forjados exclusivamente por indivíduos ou *sanghas*); mas à medida que mais indivíduos atingem estados mais elevados, mais eles ficam disponíveis como estágios coletivos (ou hábitos cósmicos), estágios que parecem *a priori* mas que são de fato *a posteriori* – essa é a essência de uma derivação pós-metafísica de potenciais mais elevados sem pressuposições platônicas ou aurobindianas.

**12.** Claro que uma crise de legitimação pode acontecer em qualquer nível da visão de mundo. Mesmo visões de mundo altamente autênticas devem buscar e obter legitimação. A autenticidade não é garantia de legitimidade, nem vice-versa. Vide *Um Deus Social*.

**13.** Isso não significa que estamos negligenciando centenas ou milhares de microtransformações ou microcrescimentos de profundidade que podem acontecer, e frequentemente acontecem, em situações individuais e coletivas. Significa simplesmente que macrotransformações profundas (e.g., de caça e coleta para hortícola para agrária) são relativamente raras.

**14.** Vide Nota 17.



**15.** Isso faz parte da reconstrução AQAL de Marx e suas contribuições: a importância do componente materialista histórico-marxista é que inclui as dimensões de sistemas sociais do Quadrante Inferior Direito e o poder institucional que eles encarnam. A falha dos novos paradigmas e das versões pós-modernas de "transformação" é que se apoiam apenas em fatores subjetivos e intersubjetivos, omitindo totalmente realidades objetivas e interobjetivas. Além disso, como veremos em nossa averiguação histórica do Quadrante Inferior Direito (vide Excerto B), o marxismo é uma forma de estruturalismo desenvolvimentista no sentido mais amplo (ou forças interobjetivas de produção e relações de produção: isto é, relações de significantes e sistemas de sintaxe). Isto só pode ser analisado adequadamente usando um SOI.

**16.** Uma das muitas insuperáveis dificuldades da visão ecoprimitivista – que considera as tribos caçadoras-coletoras como um céu ecológico, social e político – é que tal visão passa por maus lençóis para explicar por que, se isto for correto, os próprios caçadores-coletores abandonaram aquele modo e adotaram o modo hortícola todas as vezes que este lhes foi oferecido. Por que culturas aos borbotões abandonariam um céu tão decantado? Para abandonar voluntariamente o céu, ou as tribos de caça e coleta eram incrivelmente idiotas, ou não viviam em nenhum céu real (mas muito mais num inferno relativo que estavam ávidas por transcender, o que de fato fizeram).

**17.** A propósito, o relato anterior sobre a natureza da transformação social é um breve resumo de um dos importantes capítulos do volume 2 original da Trilogia Kosmos (que agora será o volume 3). Esse capítulo apresenta uma análise detalhada da transformação individual, cultural e social sob uma perspectiva AQAL. Ele chega, eu creio, a muitas novas e interessantes conclusões sobre transformação social, tal como a que o principal fator isolado determinante (mas não o único) do modo médio de consciência é a forma da base tecnoeconômica que define o sistema de governo de uma sociedade; há também extensas discussões sobre os fatores específicos necessários ao início da transformação em qualquer quadrante, e evidências dos tipos de transformação que estão – e não estão – ocorrendo hoje no mundo.

**18.** Eu chamaria isso "preensão de quatro quadrantes" ou "preensão quadrática", mas deturparia tanto Whitehead, a ponto de se tornar enganoso. Mas a ideia é realmente que todos os quatro quadrantes "tocam" seus predecessores, e esse toque é parte da herança quadrática. Por outro lado, a "preensão" de Whitehead só cobre de fato o Quadrante Superior Esquerdo, por razões explicadas no texto (e.g., muito da causação formativa não é apreendido, mas, de qualquer modo, exerce sua influência). Vide no texto principal, "Da herança dialógica parcial à completa". Se eu ocasionalmente usar expressões como "preensão quadrática" (porque elas são bastante simples de se entender), por favor, lembre-se do significado real.

**19.** As interpretações de hoje transformam-se nos fatos de amanhã como herança cósmica – mas, se e somente se, elas sobreviverem às pressões de seleção em todos os quatro quadrantes. Claro, mais tecnicamente, é a totalidade deste momento do espaço AQAL que é passada para o espaço AQAL do próximo momento, de forma que os fatos (Lado Direito) e as interpretações (Lado Esquerdo) deste momento são transmitidos aos fatos e interpretações do momento seguinte. O ponto é simplesmente que fatos e interpretações, ou objetividade e subjetividade, ou matéria e consciência são dimensões inseparáveis de todos os hólons. A propósito, as características superficiais (em qualquer quadrante) têm sua própria história individual, que é herdada subjetivamente como unificação preensiva e objetivamente como campos morfogenético individuais. A fim de se manifestar, elas devem interagir com os campos intersubjetivos e interobjetivos dados – novamente, os quadrantes tetraevoluem.

**20.** Elas também se envolveram em absolutismo de onda: a modernidade absolutizou a onda laranja, a pós-modernidade, a verde.

**21.** Vide nota 10.

**22.** E, claro, hólons pré-humanos estão gravados ainda mais profundamente – eles não estão gravados apenas a uma milha, mas a centenas, e milhares, e milhões de milhas no Kosmos. Os hólons mais fundamentais – como as cordas, quarks e partículas subatômicas – retornam virtualmente ao próprio *Big Bang* e, desse modo, suas trilhas morfogenéticas foram gravadas no Kosmos quase desde o começo. Hólons subsequentes – de átomos a moléculas, a células, a organismos, a cérebros trinos – estão gravados cada vez menos profundamente e, assim, são menos fundamentais (mas são mais significativos, já que transcendem e incluem seus predecessores – vide *A Brief History of Everything*). Quando chegamos aos hólons humanos, embora eles transcendam e incluam hólons prévios, seu hólons superiores ou definidores estão suavemente gravados no Kosmos e, apesar de ainda menos fundamentais, são muito mais significativos, transcendendo e incluindo as gravações históricas inteiras do Kosmos, uma unificação preensiva cujas subpercepções trilham o caminho de volta até o *Big Bang*.

**23.** Claro, se você considerar as diferentes dimensões de tempo – parecem existir pelo menos cinco em cada uma dessas quatro dimensões "espaciais" – então o número total de dimensões dos hólons chega a 25 ou mais. Vide Nota 9 do Capítulo 1 de *Uma Teoria de Tudo*, onde esboço essas 25 dimensões de hólons avançados. Mas as quatro dimensões/quadrantes serão mais que suficientes para essa discussão.

**24.** Vide *Appendix A* de "*Do Critics Misrepresent My Position?*".

**25.** Quando dizemos que o sujeito deste momento se torna o objeto do sujeito do próximo momento, queremos dizer: no âmbito da corrente subjetiva em si. Desse modo, o "objeto interior" do novo sujeito é bem diferente das "dimensões objetivas" (que são o Lado Direito) do sujeito. A fim de explicitar o que isso significa, vamos usar as palavras "interior" e "exterior" para nos referirmos às correntes subjetiva e objetiva (ou às dimensões do Lado Esquerdo e Lado Direito), e usar "sujeito" e "objeto" no sentido whiteheadiano de apreendedor e apreendido. O que temos então é: o momento presente tem dimensões interiores e exteriores (Lado Esquerdo e Lado Direito; neste exemplo, enfocaremos os quadrantes individuais, de forma que o QSE é "interior" e o QSD é "exterior"). A matriz AQAL global é transmitida ao próximo momento tal que o presente interior/sujeito deste momento torna-se um interior/objeto do interior/sujeito do momento subsequente (isto é, o sujeito percebido no QSE transforma-se em um objeto percebido no QSE do novo sujeito no QSE; dito de outra forma, o sujeito percebido transforma-se em um objeto, subcomponente, ou sub-hólón percebido do novo sujeito percebido). E, simultaneamente, o exterior presente (ou QSD correlato) do interior/sujeito deste momento (QSE) transforma-se em um exterior envolvido (ou subcomponente) do interior/sujeito do próximo momento (isto é, a forma exterior deste momento torna-se uma subforma do novo exterior do momento seguinte, cujo interior correspondente é o novo sujeito que apreendeu o antigo sujeito no QSE. O antigo sujeito interior no QSE tornou-se o objeto interior do novo sujeito no QSE, e o antigo exterior no QSD – inclusive seus campos de energia mórfica e sutil – tornou-se um subcomponente do novo exterior no QSD; a soma completa de tudo isso, incluindo os quadrantes inferiores, é a herança AQAL total). Vide Excerto B para elegantes reflexões adicionais sobre este tópico, onde discutiremos por que "dentro" e "fora" não é o mesmo que "interior" e "exterior", e por que isso é importante em um pluralismo metodológico mais integral.

O ponto é que, se por vezes usarmos o jargão meramente whiteheadiano (uma vez que uma visão quadrática mais completa leva tempo para ser explicada), por favor coloque o fato na moldura interpretativa AQAL correta. Por exemplo, quando afirmamos que os fatos e interpretações deste momento são transmitidos como fato ao momento seguinte, ou que este momento se torna um objeto do sujeito do próximo momento, a realidade exata é: os interiores deste momento são transmitidos aos interiores do próximo, enquanto os exteriores deste momento são transmitidos aos exteriores do próximo, não dualistamente, mas em tetrainteracção não dual. A matriz AQAL deste momento não se torna um objeto apreendido do momento subsequente, pois somente a dimensão subjetiva em suas características superficiais é realmente apreendida; todos os outros aspectos são transmitidos como herança

pela matriz AQAL, não pela unificação preensiva (e.g., o sujeito individual nunca apreende seus próprios padrões profundos, nem seus próprios estágios de desenvolvimento, nem suas próprias ondas de probabilidade, nem seu *background* intersubjetivo, e assim por diante – a menos que ele invista em pesquisas específicas de segunda-pessoa e terceira-pessoa). Novamente, a preensão whiteheadiana é, quintessencialmente, um fenômeno do QSE.

## 26. Sobre a natureza de dados involucionários

Há dados (outros que os de heranças passadas) que determinem a natureza do devir deste momento? Colocado de forma diferente, existem dados que parecem ser anteriores ao *Big Bang*? Entre os poucos teorizadores que pensaram claramente sobre esta questão, a resposta consensual é: sim.

Eis aqui um mito que, às vezes, é útil para sugerir noções que não podem ser captadas dualística ou conceitualmente em nenhum caso: à medida que o Espírito se manifesta externamente para criar este universo particular, com este *Big Bang* específico (isto é chamado involução), deixa rastros ou ecos de sua expiração cósmica. Esses rastros influenciam pouco os conteúdos, formas, entidades ou níveis reais; ou melhor, eles constituem um vasto campo morfogenético que exerce uma suave atração (ou Ágape) em direção a ocasiões mais elevadas, mais amplas, mais profundas, uma atração que se apresenta em ocasiões reais ou manifestas, na ação de todos os hólons, como Eros. (Podemos pensar nessa "atração" como a condução de todas as coisas de volta ao Espírito; Whitehead a chamou "amor", sendo "a gentil persuasão de Deus" em direção à unidade; esse amor, quando se estende do mais alto para o mais baixo, é chamado Ágape e, quando vai do mais baixo para o mais alto, é chamado Eros: as duas faces da mesma atração). Essa vasta atração morfogenética conecta os potenciais dos hólons mais baixos (materialmente adormecidos) aos potenciais dos hólons mais elevados (espiritualmente despertos). O dado involucionário desse campo morfogenético é um gradiente de potenciais, não de realidades, de forma que Ágape opera ao longo do universo como um amor de suave persuasão, atraindo as formas manifestas mais baixas do espírito em direção a formas manifestas mais elevadas do espírito – um gradiente potencial que os humanos, uma vez emersos, normalmente conceituaram como matéria para corpo, para mente, para alma, para espírito. O "Espírito" (com "E" maiúsculo), claro, era (e é) a essência sempre-presente de todas as ondas manifestas, igual e completamente presente em cada uma delas, enquanto o "espírito" (com "e" minúsculo) é também um estágio ou onda geral de evolução: o espírito é o(s) estágio(s) transpessoal(ais) em que o Espírito como essência pode ser permanentemente realizado.

O resíduo dessa expansão involucionária são vários dados involucionários (ou itens transmitidos ou depositados pela involução, que, portanto, pré-existiram ao *Big Bang* e, assim, já começaram a enagir a partir do momento do *Big Bang*), sendo o mais geral o grande campo mórfico do potencial evolucionário, um suave gradiente persuasório que atrai todos os hólons manifestos de volta à sua sempre-presente Essência como Espírito – um campo cósmico de Ágape, impelindo suavemente a evolução para uma consciência, abraço e inclusão cada vez maiores. O universo, parece, é inclinado, e seu conteúdo inteiro desliza lentamente para a Fonte e Quididade da manifestação completa. Essa inclinação, essa semente do Kosmos, esse Ágape, esse vasto potencial morfogenético, exerce uma delicada atração evolucionária, desdobrando-se em ondas de maior complexidade, maior inclusão, maior profundidade, até que o Kosmos inteiro seja incluído em uma unificação preensiva que pode engolir o Oceano Pacífico num único trago, segurar o Monte Everest na palma da mão, piscar os olhos e trazer o anoitecer para o universo inteiro, sorrir e fazer o sol brilhar de novo sobre todas as criaturas grandes e pequenas.

Existem outros dados involucionários além do grande campo mórfico cósmico de Ágape (que se apresenta em todos os hólons como Eros)? Em outras palavras, existem algumas formas *a priori*, não só na sequência evolucionária, mas também na sequência involucionária? Já vimos que a evolução herda seu momento prévio como um dado *a priori*. Mas essas não são formas arquetípicas ou pré-dadas pela eternidade, são meramente as formas criativas

passadas do desdobramento evolucionário. Agora estamos perguntando: existem formas que foram transmitidas como "memória" na sequência involucionária e que, portanto, aparecem como formas eternamente dadas, que estão presentes desde o início da evolução propriamente dita e que agem em cada ponto do desdobramento evolucionário? Já postulamos Eros/Ágape e a inclinação morfogenética da manifestação como dados involucionários. Existem outros? (Isto é, existem formas *a priori* que sejam um *a priori* para as formas *a priori* da evolução?)

Whitehead acreditava que sim: objetos eternos, por exemplo (coisas que você tem de ter antes de poder ter qualquer outra coisa, como forma, cor, etc.).

Sheldrake tem, implicitamente, um conjunto de dados involucionários. Para Sheldrake, não existem constantes arquetípicas ou formas pré-dadas, mas na verdade ele introduz várias constantes pré-dadas, universais, a fim de explicar a ressonância mórfica e sua causação formativa. Pela própria teoria de Sheldrake, há certas categorias que devem existir sempre para que a teoria da ressonância mórfica e causação formativa seja verdadeira, e essas categorias *a priori* são de fato eternas (ou arquetípicas nesse sentido). Por exemplo, Sheldrake vê o mundo como sendo composto de energia e forma; ele vê a energia causando a energia e a forma causando a forma; ele vê o desenvolvimento acontecendo; e ele vê a criatividade como essencial. Tudo isso – energia, forma, causação, desenvolvimento, criatividade – é considerado como presente em todo lugar, eternamente, desde o começo – não se desenvolvendo ou evoluindo. Eles são, portanto, arquetípicos pelos seus próprios padrões, pelo menos para este universo.

A maioria dos físicos contemporâneos crê que, quando ocorreu o *Big Bang*, ele seguiu certas leis físicas descritas pela matemática. Assim, essas matrizes matemáticas devem ter estado presentes no, ou antes do, *Big Bang* (isto é, como dados involucionários), e não algo que surgiu após o *Big Bang* e foi herdado pelo futuro (o que seria um dado evolucionário *a priori* para os momentos subsequentes, e que realmente existem; mas essas formas matemáticas parecem ser involucionárias *a priori* – nada criado no passado e presente desde então).

Todos esses dados involucionários devem ser visualizados como os padrões e restrições que são o resíduo desta rodada específica de criação involucionária: remanescentes da expiração do Espírito que resultou no *Big Bang*, o qual, portanto, já entrou em cena seguindo esses padrões (ou dados involucionários).

Assim, parece que existem pelo menos algumas formas de dados involucionários. Eu as chamaria de "arquetípos", mas esse termo foi tão usado e abusado, a ponto de se tornar completamente sem sentido. Portanto, vamos chamá-las "protótipos" ou, simplesmente, dados involucionários.

Por outro lado, muitos teorizadores, como Plotino, Hegel e Aurobindo, foram um pouco longe demais ao tentar especificar e determinar a forma e, às vezes, o conteúdo desses dados involucionários. Eles tenderam a vê-los como consistindo de níveis reais, às vezes com conteúdos reais, de forma que a evolução nada mais seria do que um rebobinar da fita de vídeo da involução.

Essa visão, eu creio, não resiste facilmente ao escrutínio de hoje. Na verdade, todos esses grandes pioneiros apresentaram construções metafísicas pré-modernas (e certamente pré-pós-modernas). Como tal, eles não perceberam adequadamente a natureza AQAL do espaço-tempo manifesto; em particular, eles não captaram o poder formativo do Quadrante Inferior Esquerdo: o inevitável poder constitutivo dos contextos e *backgrounds* culturais em que todos os sujeitos e objetos estão indelevelmente enredados, aos quais devem inicialmente se ajustar, e no âmbito dos quais algumas de suas preensões necessariamente surgem. Colocado secamente, até a impressionante genialidade desses grandes pioneiros não pôde escapar à sua própria inserção cultural de forma suficiente para ver que muito do que eles chamaram "níveis de ser universais pré-dados" eram, de fato, características superficiais

particulares, socialmente construídas. Isto é, a maior parte do que eles atribuíram a dados involucionários era, realmente, heranças evolucionárias. Não formas eternamente legadas pelo Espírito em seu caminho de manifestação material, mas formas herdadas de manifestações passadas em seu retorno ao Espírito. Daí por que estamos tentando construir uma espiritualidade pós-metafísica, pós-pós-moderna, que honre os princípios básicos desses mestres, ao mesmo tempo em que os coloca em um contexto mais adequado à autocompreensão atual (isto é, a forma da autopreensão do Espírito nesta onda particular do seu divertido desdobramento).

Ainda assim, esses avatares filosóficos de Eros, ofuscantemente brilhantes, observaram um fato irresistível e assombroso: o Espírito é sua própria Face Original. Não é algo que seja socialmente construído ou criado quando, pela primeira vez, você tropeça nele, ou que surja no fim de uma sequência temporal, ou que não seja nada além de algum tipo de Ômega que só pode ser alcançado no fim do universo. O Espírito é sua própria sempre-presente, radical, inclusiva, desde-sempre realidade. É por isso que uma noção de involução, ou de retorno a um Espírito que nunca esteve perdido, é uma parte inevitável da teoria de todos os grandes filósofos-sábios, sem exceção. Existe um dado involucionário, surpreendente, formidavelmente inegável: a sempre-presente Essência de todas as essências, Natureza de todas as naturezas, Condição de todas as condições.

Fora isso, os grandes filósofos-sábios (pré-modernos, modernos e pós-modernos) normalmente discordam sobre as características dos outros dados involucionários. Homens e mulheres ilustres podem fazê-lo. Tenho declarado minhas próprias convicções a esse respeito (e as resumirei a seguir). Mas o conceito de dados involucionários é uma estrutura necessária que a mente humana, ela própria um produto da evolução, deve usar a fim de explicar a evolução de uma forma não contraditória. Como vimos, até os pós-modernistas, que negam quaisquer dados, apresentam, de fato, seu próprio conjunto de dados implícitos para explicar por que não existem outros dados.

Bem, todos esses teorizadores, parece, estão intuindo esses tênues rastros e perfumados resíduos da suave expiração do Espírito – seu próprio hálito original – que criou este mundo manifesto particular e, portanto, apresentou-se como dados involucionários, a serem interpretados pela matriz AQAL deste e de qualquer outro momento.

Como eu disse, esse é um mito útil.

\* \* \* \*

Baseado nesse mito, façamos um resumo. A lista postulada de dados involucionários parece incluir:

(1) Eros. Eros é derivado basicamente de um fato: o Espírito cria o mundo manifesto inteiro e cada hólón nele contido; de fato, todo hólón é o Espírito-em-si brincando de ser Outro (e.g., o grande ninho de potencial morfogenético, normalmente resumido como matéria, corpo, mente, alma e espírito, é realmente Espírito-come-matéria, Espírito-come-corpo, Espírito-come-mente, Espírito-come-alma e Espírito-come-espírito). Donde a realidade, quiddidade ou qualidade de ser de todo hólón é verdadeiramente o Espírito; entretanto, já que a maioria dos hólóns não percebe que é o Espírito, então todo hólón, por assim dizer, tem uma ânsia pelo infinito: cada hólón sente um impulso, uma vontade, uma atração, um *telos*, um desejo ardente por Deus – o que significa, uma pulsão para realizar o próprio Espírito, querendo, em última instância, abraçar o Kosmos inteiro. Esse é um impulso em direção a uniões mais elevadas, identidades mais amplas, maior inclusão – culminando na realização de Deus, ou na realização do Espírito em todo hólón pelo Espírito, em Espírito, como Espírito. Essa suprema realização, porém, não é um somatório no fim do caminho, ou uma culminação de adições temporais, ou uma soma finita de partes finitas até chegar a Uma Coisa Finita Realmente Grande, mas sim a realização da sempre-presente, adimensional e, portanto, infinita, atemporal e, portanto, eterna, informe e, portanto, onipresente, Condição de todas as

condições, Natureza de todas as naturezas e Essência de todas as essências radicalmente sem essência. Não obstante, no reino manifesto, o resultado paradoxal é um impulso em direção a maior unidade no meio de coisas finitas, ansiando por ser Livre e Pleno. Esse impulso em direção a maior unidade e inteireza no reino finito é chamado Eros: o impulso de todas as coisas finitas para encontrar o infinito, que resulta na unificação e diferenciação-integração crescentes de ocasiões finitas. No domínio temporal, a sequência de unificações sempre-crescentes é infinita, espalhando-se a partir do sutil em milhões, bilhões, zilhões de realidades manifestas no futuro, à medida que cada momento transcende e inclui seus predecessores, desse modo criando novas verdades, novas experiências, novas realidades e novas integrações, sem limite superior discernível (porque o Espírito não é o limite superior das coisas finitas, mas sua Essência sempre-presente e, portanto, não existe além nenhum destino final). Em um certo ponto dessa espiral de desenvolvimento e evolução, um hólón fica muito complexo, bastante diferenciado-e-integrado, suficientemente consciente, a ponto de poder começar a acordar para sua Essência sempre-presente, mesmo que a manifestação finita continue em suas agitadas rodadas de unificações. Nesse hólón, o Espírito então continua seu jogo de manifestação, mas agora como uma Presença consciente, sentida, vivamente presente, um raio de infinitude que liga o hólón ao mundo por ele criado.

Esse impulso – a pulsão de Eros – aparece para a perspectiva de terceira-pessoa de humanos na, ou além da, onda amarela, como um impulso em direção à auto-organização de todos os hólóns complexos, um impulso para criar ordem a partir do caos, uma série de estruturas dissipativas que consomem energia e criam formas unificadas: contra todas as idiossincrasias científicas (que veem apenas "issos" sem intencionalidade) e contra todas as leis físicas conhecidas (que imaginam que "issos" só correm ladeira abaixo), o universo material parece estar se organizando ativamente em sistemas mais elevados e mais complexos. Os cientistas coçam a cabeça. Como é que pode? O universo mostra-se autoespiralado. O universo busca uniões mais elevadas. O universo tem uma pulsão para a auto-organização. O universo... Bem, vamos falar claramente o que falta à perspectiva-isso: o universo está em chamas, com uma sede inextinguível de Deus. Independentemente de como você queira conceber esse Eros, esse impulso para ordem-a-partir-do-caos, essa surpreendente autopoiese bem no coração da matéria, ele é um padrão incontestado da evolução, e um padrão que não pode ser considerado a partir da própria evolução.

Assim, postula-se Eros como um dos dados involucionários: isto é, um dos itens presentes desde o começo da evolução, um depósito da involução do Espírito no reino manifesto em, e como, esse reino – ecos tênues do espirro do Espírito que pôs em movimento essa rodada particular do Jogo Cósmico.

(2) Ao mesmo tempo em que todos os hólóns movem-se em direção ao Espírito, o Espírito aproxima-se de todos os hólóns. O primeiro movimento é chamado Eros, o segundo é chamado Ágape. Duas faces do mesmo empuxo.

(3) Um gradiente morfogenético no reino manifesto. Refere-se à curvatura do espaço-tempo através de todas as possíveis formas do domínio manifesto ou da matriz AQAL: Eros opera por um gradiente de inclusão crescente. Esse gradiente (grosseiramente expresso por tradições pré-modernas como uma série fixa de níveis e planos pré-dados que se estendem do corpo para a mente, para a alma, para o espírito – a denominada "grande cadeia do ser") representa de fato a tendência de um universo em busca de Deus. A involução cria, não uma série de planos fixos e níveis pré-dados (não existe nenhuma grande cadeia pré-dada), mas um vasto campo morfogenético de potenciais, definido não por seus conteúdos e formas fixos, mas por seu posicionamento relativo no campo deslizante. (Vide *"On the Nature of a Post-metaphysical Spirituality"*.)

(4) Certas Formas ou Padrões Prototípicos. Se a involução cria, não uma série de níveis fixos pré-dados, mas um campo morfogenético fluido, permanece a pergunta: existem formas fixas que sejam involucionárias? Vimos algumas: objetos eternos de Whitehead, leis físico-matemáticas básicas, arquétipos implicitamente postulados por Sheldrake, e assim por diante.

Uma lista de vinte dados involucionários propostos pode ser encontrada no capítulo 2 de SES. Esses vinte princípios são simplesmente as formas residuais do Grande Sono, ecos do Grande Esquecimento que colocaram em movimento essa rodada, formas involucionárias que foram tatuadas na pele translúcida do Kosmos radiante em seu devir.

Mas exceto esses relativamente poucos dados involucionários, tenha em mente que aquilo que a maioria dos teorizadores postula como sendo dados involucionários ou arquétipos eternos (isto é, involucionários *a priori*, dados para sempre) são realmente evolucionários *a priori*, ou formas caoticamente criadas no desdobramento temporal e transmitidas ao futuro, não como formas predeterminadas antes do seu desdobramento, mas simplesmente como hábitos cósmicos que várias formas assumiram em sua evolução AQAL, formas que, em seguida, foram transmitidas como um *a priori* ao momento subsequente, um *a priori* não determinado por arquétipos eternos, mas pela história temporal.

Todavia, o ponto é que pelo menos alguns desses padrões parecem não ser meramente históricos – e é aí que se mostra necessário postular dados involucionários. Claro, os teorizadores que reconhecem dados involucionários, como Whitehead, devem então postular que o surgimento real de uma ocasião dada é, de alguma maneira, uma mistura de dados involucionários, ou *a prioris* eternos e dados evolucionariamente criados ou *a prioris* históricos, que não são determinados antes de sua emergência. Por exemplo, no *Big Bang*, as primeiras partículas subatômicas obedeceram a várias leis da física; assim, sua existência real foi um misterioso casamento de dados arquetípicos e contingências históricas. Algumas versões dessa mistura ou concrecência de objetos eternos e ocasiões reais são postuladas pela maioria dos filósofos que pensaram cuidadosamente sobre questões de involução e evolução, e eu aceito os esboços gerais dessas conclusões.

Assim, atenção ao seguinte: seja o mais cuidadoso possível para não confundir dados evolucionários – que não são eternamente dados, mas criados pela história temporal, caótica, evolutiva, e legados ao futuro como hábitos, sendo, portanto, *a prioris* no sentido temporal – e dados involucionários, que são o que você deve ter antes de poder ter qualquer outra coisa, e que, portanto, parecem existir no, ou antes do, *Big Bang*.

**27.** Essas formas de pesquisa só surgiram com a emergência da onda de probabilidade laranja (que é a primeira onda, não a possuir a terceira dimensionalidade, mas a captar reflexivamente o ponto de vista de terceira-pessoa e, portanto, a primeira onda a se engajar reflexivamente em uma percepção hipotético-dedutiva, que enage e ilumina essa dimensão).

**28.** De fato, foi o absolutismo de corrente piagetiano – ou a convicção de Piaget que a linha cognitiva era a única linha profunda, sendo as outras linhas de desenvolvimento superficiais – que acabou por descarrilar os estudos de desenvolvimento por uma década ou duas. Piaget fez pela psicologia do desenvolvimento o que Hegel fez pela filosofia do desenvolvimento – apresentou um brilhante sistema tão solidamente urdido, a ponto de, quando uma parte falhou, o edifício inteiro desmoronou, levando consigo o campo completo. Muito do que Piaget descobriu sobre a linha cognitiva ainda é correto e válido, mas se e somente se a linha cognitiva for vista como uma de pelo menos duas dúzias de linhas de desenvolvimento relativamente independentes. É verdade que a linha cognitiva é necessária, mas não suficiente, para a maioria das outras linhas, porém isso não significa que as outras linhas se desenvolvam no âmbito da linha cognitiva – na verdade, a maior parte delas se desenvolve bem atrás da linha cognitiva, resultando em um psicográfico bastante desigual para a maioria dos indivíduos (vide *Psicologia Integral*). Mas se a corrente cognitiva for vista como uma de duas dúzias de linhas de desenvolvimento, módulos ou inteligências (e.g., Howard Gardner) relativamente independentes, então muitos *insights* pioneiros de Piaget podem ser transcendidos e incluídos.

Hoje, o absolutismo de corrente mais prevalecente é provavelmente o gravesiano. Isto é, muitas pessoas que usam o sistema de Graves não veem que a corrente de valores, brilhantemente desbravada por Clare Graves, é apenas uma de mais ou menos duas dúzias

de linhas de desenvolvimento relativamente independentes. Os níveis/estruturas gravesianos são alçados a estruturas profundas contra todas as outras linhas, consideradas superficiais, um absolutismo de corrente amplamente contestado por considerável pesquisa empírica. Todavia, a linha de valores gravesiana é uma corrente de desenvolvimento muito importante (base do meme de valor ou "MEME da *Dinâmica da Espiral*) e, como tal, é um ingrediente essencial, embora parcial, de qualquer psicologia integral.

**29.** É por isso que a teoria de sistemas e as ciências ecológicas ainda estão no âmbito do paradigma fundamental do Iluminismo (paradigma de reflexão ou de representação): o que está sendo agora representado é o comportamento de sistemas, não o comportamento de indivíduos, mas o "espelho da natureza" continua funcionando, concebendo a natureza como sistêmica, não atomística. O próprio paradigma do Iluminismo foi, de fato, um paradigma de reflexão sistêmico (o que ele representava era o "grande sistema da natureza"), ao contrário das histórias populares contadas pelos teorizadores da teia da vida que insistem que o paradigma do Iluminismo era essencialmente atomístico. Mas o ponto é: tanto o atomismo quanto a teoria de sistemas são mapas do território ou paradigmas de reflexão (um, reducionismo grosseiro; o outro, reducionismo sutil; mas ambos reducionistas), porque nenhum deles capta a natureza constitutiva das dimensões de primeira-pessoa e segunda-pessoa.

**30.** A respeito de dados involucionários, inclusive Eros, vide nota 26.

Tradução concluída em dezembro de 2006

Última revisão em outubro de 2016